

veja

www.veja.com

EXCLUSIVO

A CONFISSÃO

Mauro Cid vai admitir à Justiça que vendeu joias nos Estados Unidos, transferiu clandestinamente o dinheiro obtido com o negócio para o Brasil e o entregou em espécie a Jair Bolsonaro — tudo sob as ordens do ex-presidente

**Novo carro com até 20%
de desconto na taxa do
financiamento pelo app.**

Com o Bradesco, eu

conq



Acesse
e conquiste
seus
objetivos.



Sujeito a análise de crédito e demais condições do produto. Fone Fácil Bradesco: 4002 0022/0800 570 0022. SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383. SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099. Ouvidoria: 0800 727 9933.

uiste

Entre nós,
você vem primeiro.



bradesco

Um plano com qualidade e economia de verdade.

Com Vivo Total você aproveita
a melhor rede móvel e a internet
Fibra mais rápida do Brasil.

Total

Fibra + 5G



vivo.com.br/total



App Vivo



Loja Vivo

Pesquisa Melhor Escolha publicada em 2023, considerando o período de jan. a dez. 2022. Para mais informações, consulte vivo.com.br ou o SAC 103 15. Pessoas com necessidades

vivo



especiais de fala/audição, acesso pelo 142. 5G: para mais informações, condições, disponibilidade de cobertura e aparelhos compatíveis, consulte vivo.com.br/5g.





ÀS SUAS ORDENS

ASSINATURAS

Vendas

www.assineabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefone: SAC (11) 3584-9200

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

Vendas corporativas, projetos especiais e vendas em lote:

assinaturacorporativa@abril.com.br

Atendimento exclusivo para assinantes:

minhaabril.com.br

WhatsApp: (11) 3584-9200

Telefones: SAC (11) 3584-9200

Renovação 0800 7752112

De segunda a sexta-feira,
das 9h às 17h30

atendimento@abril.com.br



Para baixar sua revista digital:

www.revistasdigitaisabril.com.br

EDIÇÕES ANTERIORES

Venda exclusiva em bancas,
pelo preço de capa vigente.
Solicite seu exemplar na banca
mais próxima de você.

LICENCIAMENTO DE CONTEÚDO

Para adquirir os direitos
de reprodução de textos e imagens,
envie um e-mail para:
licenciamentodeconteudo@abril.com.br

PARA ANUNCIAR

ligue: (11) 3037-2302

e-mail: publicidade.veja@abril.com.br

NA INTERNET

http://www.veja.com

TRABALHE CONOSCO

www.abril.com.br/trabalheconosco



Fundada em 1950

VICTOR CIVITA
(1907-1990)

ROBERTO CIVITA
(1936-2013)

Publisher: Fabio Carvalho

Diretor de Redação: Mauricio Lima



Redatores-Chefes: Fábio Altman, José Roberto Caetano, Policarpo Junior e Sérgio Ruiz Luz

Editores Executivos: Monica Weinberg, Tiago Bruno de Faria **Editor Sênior:** Marcelo Marthe **Editores:** Amauri Barnabe Segalla, André Afetian Sollitto, Clarissa Ferreira de Souza e Oliveira, Diogo Massaine Sponchiato, José Benedito da Silva, Raquel Angelo Carneiro, Ricardo Vasques Helcias, Sergio Roberto Vieira Almeida **Editores Assistentes:** Larissa Vicente Quintino **Repórteres:** Alessandro Giannini, Allaf Barros da Silva, Amanda Capuano Gama, Bruno Caniato Tavares, Diego Gimenes Bispo dos Santos, Felipe Barbosa da Silva, Felipe Branco Cruz, Felipe da Cruz Mendes, Gustavo Carvalho de Figueiredo Maia, João Pedroso de Campos, Kelly Ayumi Miyashiro, Laísa de Mattos Dall'Agnol, Leonardo Caldas Vargas, Luana Meneghetti Zanobia, Lucas Henrique Pinto Mathias, Luiz Paulo Chaves de Souza, Marcela Moura Mattos, Maria Eduarda Gouveia Martins Monteiro de Barros, Meire Akemi Kusumoto, Natalia Hinoue Guimarães, Nicholas Buck Shores, Paula Vieira Felix Rodrigues, Pedro do Val de Carvalho Gil, Ramiro Brites Pereira da Silva, Sérgio Quintella da Rocha, Simone Sabino Blanes, Valeria Machado Franca, Valmar Fontes Hupsel Filho, Valmir Moratelli Cassaro, Victoria Brenk Bechara, Victor Irajá **Sucursais: Brasília — Chefe:** Policarpo Junior **Editor Executivo:** Daniel Pereira **Editor Sênior:** Robson Bonin da Silva **Editora Assistente:** Laryssa Borges **Repórteres:** Hugo Cesar Marques, Ricardo Antonio Casadei Chapola **Rio de Janeiro — Chefe:** Monica Weinberg **Editores:** Ricardo Ferraz de Almeida, Sofia de Cerqueira **Repórter:** Caio Franco Merhige Saad, Maiá Menezes **Estagiários:** Camille da Costa Mello, Diego Alejandro Meira Valencia, Felipe Soderini Erlich, Gabriela Caputo da Fonseca, Giovanna Bastos Fraguito, Gisele Correia Ruggero, Maria Fernanda Sousa Lemos, Marília Monitchele Macedo Fernandes, Paula de Barros Lima Freitas, Pedro Henrique Braga Cardoni, Thiago Gelli Carraschoza **Checadora:** Andressa Tobita **Editor de Arte:** Daniel Marucci **Designers:** Ana Cristina Chimabuco, Arthur Galha Pirino, Luciana Rivera, Ricardo Horvat Leite **Fotografia — Editor de foto:** Rodrigo Guedes Sampaio **Pesquisadora:** Iara Silvia Brezeguello Rodrigues **Produção Editorial: Supervisora de Editoração/Revisão:** Shirley Souza Sodré **Secretárias de Produção:** Andrea Caitano, Patrícia Villas Bôas Cueva, Vera Fedschenko **Revisora:** Rosana Tanus **Supervisor de Preparação Digital:** Edval Moreira Vilas Boas **Colaboradores:** Cristovam Buarque, Fernando Schüler, José Casado, Lucília Diniz, Mailson da Nóbrega, Murillo de Aragão, Ricardo Rangel, Vilma Gryzinski, Walcyrr Carrasco **Serviços Internacionais:** Associated Press/Agence France Presse/Reuters

www.veja.com

CO-CEO Francisco Coimbra, **VP DE PUBLISHING (CPO)** Andrea Abelleira, **VP DE TECNOLOGIA E OPERAÇÕES (COO)** Guilherme Valente, **DIRETORIA FINANCEIRA (CFO)** Marcelo Shimizu, **DIRETORIA DE MONETIZAÇÃO, LOGÍSTICA E CLIENTES** Erik Carvalho

Redação e Correspondência: Rua Cerro Corá, 2175, lojas 101 a 105, 1º andar, Vila Romana, São Paulo, SP, CEP 05061-450

VEJA 2 855 (ISSN 0100-7122), ano 56/nº 33. **VEJA** é uma publicação semanal da Editora Abril. **Edições anteriores:** Venda exclusiva em bancas, pelo preço da última edição em banca mais despesa de remessa. Solicite ao seu jornaleiro. **VEJA** não admite publicidade redacional.

IMPRESSA NA PLURAL INDÚSTRIA GRÁFICA LTDA.

Av. Marcos Penteado de Ulhôa Rodrigues, 700, Tamboré, Santana de Parnaíba, SP, CEP 06543-001



www.grupoabril.com.br

Um encontro com a natureza!

Encante-se com a maravilhosa vista do Vale do Quilombo.

Castelo Saint Andrews é um Relais & Châteaux situado em um condomínio privado no coração de Gramado, a apenas 5 minutos da Av. Borges de Medeiros e dos principais pontos turísticos da cidade, como a encantadora Rua Torta, o sereno Lago Joaquina Rita Bier, a Igreja Matriz de São Pedro de Gramado, a famosa Rua Coberta, o Palácio do Festival de Cinema, também chamado por muitos de shop a céu aberto, além de lojas, bares e restaurantes que podem ser visitados com serviço de chofer do Castelo.

Castelo Saint Andrews - Um refúgio em meio à natureza, que vai muito além da privacidade, proporcionando atendimento personalizado e serviços de hotelaria de classe mundial.

O Castelo é referência em experiências exclusivas e preparou programações especiais para o ano todo com 7, 4, 3 e 2 noites e para os feriados de 2023. Confira!

- **FERIADO 07 DE SETEMBRO** - Especial Gaúcho (09 de setembro)
Tradicional Churrasco Gaúcho com dança típica nos jardins do Castelo.
- **N. SRA APARECIDA** - 12 de Outubro - Festival Sabores do Sul (14 de outubro)
- **LEMBRANÇAS** - 02 de Novembro - Trufas Brancas da Toscana (04 de novembro)
- **PROCLAMAÇÃO DA REP.** - 15 de Novembro - Moët & Chandon (18 de novembro)
- **CONSCIÊNCIA NEGRA** - 20 de Novembro - Sabores Latinos (25 de novembro)
- **NATAL** - 25 de Dezembro - Natal no Castelo (24 de dezembro)
- **RÉVEILLON** - 1º de Janeiro - Réveillon (31 de dezembro)

Acesse o site através do QRCode e confira a programação completa!



Viva esta experiência!



Informações e reservas:

(54) 3295-7700 / 99957-4220 (ou seu agente de viagens)

castelosaintandrews

saintandrews.com.br



FOTOS LEO CALDAS



FUTURO? A editora executiva Monica Weinberg e as crianças da Vila Canaã, em Caruaru, Pernambuco: o registro de um tempo que parou para elas



UM PROJETO DE ESTADO

NÃO HÁ FORMA mais inteligente e eficaz de sair das franjas do subdesenvolvimento do que o investimento em educação. Países que fizeram a lição de casa, como Singapura e Coreia do Sul, ao encaminhar o ensino como projeto de Estado, aceleraram o crescimento, reduziram as desigualdades e promoveram a ascensão de uma juventude empreendedora e bem-sucedida. No caso da Coreia do Sul, por exemplo, a renda per capita aumentou de 100 dólares, em 1963, para 42 500 dólares, em 2022. O Brasil segue na contramão, como se fosse impossível pensar a longo prazo. Inexiste qualquer tipo de pacto que autorize um governo a manter em pé o edifício de avanços da gestão anterior — e de destruição em destruição, o edifício vai ruindo. No Pisa, a mais reputada avaliação internacional de alunos de 15 anos, os brasileiros ocupam o fundão da sala em ciências, matemática e leitura. Entre 79 nações, o país mal consegue chegar à posição 55, espremido entre Colômbia e Malásia, Argentina e Bósnia. Singapura e Coreia do Sul, ao contrário, despontam sempre no topo da pirâmide.

Nesta edição, VEJA faz um extraordinário mergulho numa história que traduz a tragédia educacional. Em 2005, Cristovam Buarque — hoje colunista da revista —, então senador pelo PT, que dois anos antes servira como ministro da

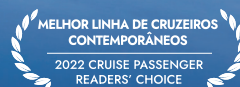
Educação, esteve em Vila Canaã, distrito pobre de Caruaru, no agreste de Pernambuco. O presidente Lula, em sua primeira gestão, estivera lá pouco antes e apareceu em fotografia ao lado de crianças sorridentes e esperançosas, embora mal nutridas. Buarque, sempre atento, escreveu uma carta para Lula. “Estas crianças têm nome, como dar-lhes um futuro?” Descreveu o cotidiano da meninada e suas famílias, revelou as dores e dramas, e listou uma série de iniciativas para transformá-los, de fato, em cidadãos. Dez anos depois, em 2015, Buarque voltou a Pernambuco — as crianças tinham virado adolescentes, não haviam completado o período escolar, uma das moças já tinha um filho. Aferrados à pobreza, apenas sobreviviam, se tanto.

Na semana passada, ele voltou à Vila Canaã, desta vez acompanhado da editora executiva de VEJA, Monica Weinberg, uma das mais competentes jornalistas brasileiras nos temas relacionados à educação. O retrato, agora, que pode ser lido com toda a crueza e acuidade a partir da página 58: aqueles meninos e meninas do começo do século são pais e mães, mas seus filhos ainda enxergam um futuro turvo. Dependem do Bolsa Família, trabalham em fábricas atreladas à indústria de jeans — mas, como saíram da escola antes de concluí-la, patinam na incerteza e no medo. Estão parados no tempo. Ou seja: está mais do que na hora de o país abandonar a guerra ideológica e chegar a um caminho que, de administração em administração, à direita ou à esquerda, pavimente a educação como a mais nobre ferramenta da civilização. Vale sempre lembrar de uma frase do matemático e filósofo grego Pitágoras (570-495 a.C.) que atravessou os milênios melancolicamente atual: “Eduquem as crianças, e não será necessário punir os adultos”. ■

CRUZEIROS INTERNACIONAIS? PENSE NORWEGIAN.

Mais de 400 destinos pelo mundo, incluindo: Europa, Caribe, Alasca e Ásia.

Frota premiada de 19 navios. Saídas disponíveis até 2025.



AO RESERVAR, UTILIZE O CÓDIGO **VEJA2023**
PARA GANHAR UM PRESENTE ESPECIAL.

ATENDIMENTO EXCLUSIVO: **(11) 3177-3137**
OU ACESSE O SITE: **WWW.NCL.COM.BR**

ESCANEIE O QR CODE
E SAIBA MAIS SOBRE
A NORWEGIAN



JHSF

apresenta



GOLF · SURF · TÊNIS · EQUESTRE · TOWN CENTER

Conheça o Golf Residences decorado.

Com 3 suítes, 371 m², por Sig Bergamin, Murilo Lomas e Pablo Slemenson.



Imagem real do decorado do Golf Residences

GOLF RESIDENCES, DE 270 A 500 M² E 2 A 3 SUÍTES, COM VISTA PARA O CAMPO DE GOLFE DE 18 BURACOS POR REES JONES.

Town Center • Campo de Golfe • Clube de Surf • Centro de Tênis • Centro equestre • Fazendinha • Kids Center
Spa internacional • Academia • Clube Esportivo • Centro Orgânico • Piscina para prática de surf

VISITE O SHOWROOM

Vendas: 11 3702.2121 • 11 97202.3702 atendimento@centraldevendasfbv.com.br

CONHEÇA
MAIS SOBRE
O BOA VISTA
VILLAGE.



Aviso Legal: O presente se refere às incorporações do Boa Vista Surf Lodge e do Boa Vista Golf Residences registradas no RGI de Porto Feliz/SP e a futuros lançamentos da JHSF. Os projetos e memoriais de incorporação ou de loteamento dos futuros empreendimentos estão sujeitos à respectiva aprovação pela Prefeitura de Porto Feliz/SP e demais órgãos competentes e ao registro nas matrículas dos imóveis. As amenities referentes à piscina de surf, ao spa, ao centro equestre e aos clubes de tênis, esportivo e de golfe não integrarão os futuros lançamentos e/ou as incorporações já registradas. O uso de tais amenities será feito de acordo com as regras previstas na Convenção de Condomínio de cada incorporação imobiliária e no Estatuto Social da Associação Boa Vista Village (em constituição). A JHSF poderá desistir do lançamento dos futuros empreendimentos. As ilustrações, fotografias, perspectivas e plantas deste material são meramente ilustrativas e poderão sofrer modificações a critério da JHSF e/ou por exigência do Poder Público. O memorial de incorporação ou do loteamento e o instrumento de compra e venda prevalecerão sobre quaisquer informações e dados constantes deste material. Intermediação comercial pela Conceito Gestão e Comercialização Imobiliária Ltda. CRECI 029841-J. Telefones (11) 3702-2121 e (11) 97202-3702.

O CENTRÃO NÃO É RUIM

Novo ministro defende a política de Lula de abrir mais espaço a legendas como União Brasil e fala que tem plano para quase duplicar o fluxo de turistas para o Brasil em seu mandato

SÉRGIO QUINTELLA

HÁ POUCO MAIS de um mês no cargo, o advogado, administrador e auditor fiscal Celso Sabino (União Brasil-PA) chegou ao Ministério do Turismo como uma indicação da bancada do partido na Câmara. Deputado federal no segundo mandato, a sua nomeação para o posto no lugar da então ministra, Daniela Carneiro, era vista como necessária para melhorar a relação da legenda, uma das maiores da Câmara, com o governo Lula, que tinha dificuldades no Legislativo. A sua chegada marcou o início de um movimento mais amplo do governo para abrir espaço na máquina pública ao Centrão, o agrupamento parlamentar que há anos dá as cartas no Congresso e que deve emplacar também representantes do PP e do Republicanos na Esplanada dos Ministérios. Sabino evita utilizar o termo no aumentativo porque avalia que a expressão “Centrão” adquiriu uma conotação negativa, da qual discorda. Prefere usar o termo centro democrático, que para ele representa o diálogo e ajuda a evitar a construção de muros nos extremos do espectro ideológico. Na entrevista dada a VEJA, ele diz que é “página virada” o imbróglio político que consumiu seis meses de trabalho do ministério e aposta em um plano de desenvolvimento do setor turístico, que movimentará 7,6% do PIB, para aumentar em 70% o fluxo de visitantes estrangeiros (atualmente de 6 milhões ao ano), além de alavancar o turismo interno. A seguir, os principais trechos.

VOSMAR ROSA/DIVULGAÇÃO



O senhor chegou ao governo para melhorar a sintonia do União Brasil com a gestão Lula. O que falta para o partido dar apoio total aos projetos governistas no Congresso? O União só fica atrás do PT, quando o assunto é votar com o governo em temas importantes para o país. Foi assim na reforma tributária e na PEC da Transição. Temos entregado 47, 48, 50 votos, de um total de 59 deputados. Cada parlamentar é um mandato e vejo grande disposição da bancada no sentido de promover um bom diálogo. O partido vai continuar votando com o governo o que for mais importante.

O União comanda três pastas na Esplanada. A sigla almeja obter mais algum quinhão na administração? Esse debate sobre espaço começou no primeiro dia da transição e vai até o último dia do governo. Não é questão de uma semana, um mês. A discussão sobre isso é com muitos partidos, com o PT, o PSB e o MDB também.

Lula chegou a falar que o Centrão não existe. Por que acha que ele negou a existência do bloco? Penso que o centro democrático seja necessário e importantíssimo. Mas não concordo com o uso dessa expressão (*Centrão*), como se fosse uma entidade negativa, que promove coisas ruins. Tenho certeza que as pessoas entendem a importância da moderação, da conversa. Em algumas cidades e estados, os extremos se negam ao diálogo, a algo que os aproxime. É importante que o centro saiba reconhecer o bem dos dois lados, impedindo a construção de um muro entre eles.

O que acha da abertura de espaço ao PP e Republicanos na gestão? São siglas que contribuem para o país em pautas que julgam importantes. O diálogo existe. Acredito que estarão no governo nos próximos dias.

“O União Brasil só fica atrás do PT quando o assunto é votar com o governo. Temos entregado 47, 48, 50 votos, de um total de 59 deputados. O partido vai seguir assim”

Críticos da escolha de seu nome citaram sua falta de experiência no setor de turismo. O senhor entende do ramo? Tivemos grandes realizadores que entregaram grandes políticas, como a do medicamento genérico, feita pelo ex-ministro da Saúde José Serra. Ele não era enfermeiro, médico, nem da área da saúde. Eu sou pessoa determinada, esforçada, empenhada. Sou auditor fiscal de carreira, tenho especialização em áreas de gestão pública.

A gestão da sua antecessora, Daniela Carneiro, foi marcada desde o início por denúncias envolvendo o seu nome e polêmicas que a mantiveram presa a uma agenda negativa. Como será a sua atuação na pasta? Os primeiros meses de 2023 foram de transição, com a recriação do Ministério do Turismo, que voltou a ser uma pasta única, após o desmembramento com a Cultura. Com o novo arranjo, passamos um longo período de transição. Agora temos essa página virada e lançaremos no próximo mês um grande plano de desenvolvimento do turis-

mo, cujas ações serão direcionadas para os próximos cinco anos.

Quais serão os principais pontos do projeto? Ele parte da ideia do governo de baratear passagens aéreas? Vamos apresentar o plano ao presidente Lula no mês que vem, mas posso adiantar que pretendemos aumentar para dois dígitos o número de turistas estrangeiros, hoje na casa de 6 milhões por ano. É parecido com o que fez Portugal, que saltou de 7 milhões de estrangeiros em 2011 para 22 milhões em 2022. Eles investiram na conectividade do país com outras nações, ampliaram linhas aéreas e aumentaram a ligação de trens e ônibus com outros hubs globais. Também houve investimento em promoção, especialmente na Europa. Venderam um país seguro, que tinha conexão aérea e boa infraestrutura turística.

Mas esses não são justamente os nossos gargalos eternos? O novo PAC (*Plano de Aceleração do Crescimento*) lançado agora pelo presidente Lula tem a previsão de construir e reformar aeroportos, recuperar estradas. Por isso temos dialogado muito com outros ministérios. O Turismo é uma pasta transversal.

Além da infraestrutura, quais as outras áreas que vão merecer investimentos? Vamos relançar a polícia turística em todos os estados, juntamente com o Ministério da Justiça. Vamos apresentar um protocolo de como cada polícia deverá agir em caso de eventualidades com os turistas. Faremos aportes para a compra de equipamentos, veículos, montagem de estruturas e treinamentos, entre outros. Vamos criar acordos com hotéis e pousadas para que haja preço mais justo para quem tem carteira assinada fora da alta temporada. As empresas programam as férias de seus funcionários de forma escalonada e há muitos meses

em que os destinos estão ociosos. Diante disso, as companhias estão dispostas a ofertar mais assentos e leitos nesses períodos. Outra ideia: faremos um programa-piloto em Brasília para que estudantes secundaristas, universitários, pesquisadores e outras pessoas venham à capital nos fins de semana, quando a cidade fica vazia. Se der certo, o segundo piloto será em Petrolina (PE). Teremos programas para o trabalhador de baixa renda, para aposentados, tudo sem dinheiro público.

Boa parte do orçamento do seu ministério é voltada para obras de infraestrutura não relacionadas diretamente ao turismo, como urbanização, reforma de praças. Essa política permanecerá? O foco deve ser na movimentação turística, não vamos fazer obras que fogem do interesse turístico. Temos classificação das cidades consideradas atrativas e nossas energias serão voltadas para essas regiões. Vamos nos dedicar à ampliação da infraestrutura em locais que merecem efetivamente receber os recursos.

Quais locais, por exemplo? Tivemos recentemente um desmoronamento de falésias na praia de Pipa, em Natal (RN). Para chegar lá é preciso percorrer uma rodovia federal e pegar 25 quilômetros de estrada estadual, em condições ruins. Obras nesses locais facilitam o acesso de turistas, são claramente relacionadas ao turismo.

A sua gestão será capaz de melhorar a imagem do Brasil no exterior, onde somos mal vistos em algumas questões, como a da segurança pública? Há violência em vários países. Conheço pessoas que foram assaltadas em Portugal. Na França o goleiro do PSG teve a sua casa invadida. Sem falar na guerra que ocorre na Ucrânia. O Brasil possui problemas com segurança, mas o presidente Lula tem se esforçado em apresentar programas em áreas sociais. E a gente está dialogando com a

indústria do cinema, com setores da cultura, do streaming, no sentido de ter filmes e séries no Brasil, para mostrar as coisas boas do país.

Mas é fato que a imagem do Brasil no exterior é bastante ligada à violência. Como reverter isso? O Brasil é reconhecido como o primeiro destino mais interessante do ecoturismo, passamos a Austrália. Com a COP30 (*conferência ambiental da ONU que ocorrerá em Belém em 2025*), vamos ter uma chance de nos mostrar. Uma das palavras mais ditas no mundo é Amazônia. Teremos a oportunidade de fazer com que o mundo olhe para o Brasil. Haverá as comitivas, virão reis, ministros de Estado. Serão 80 000 pessoas entrando e saindo do país.

Tivemos uma chance de nos mostrar ao mundo com a realização da Copa do Mundo de 2014 e da Olimpíada dois anos depois, mas o país não aproveitou a visibilidade para aumentar seu potencial turístico. Por que seria possível com a COP30? Eu

“Há violência em vários países. Conheço pessoas que foram assaltadas em Portugal. Estamos dialogando com diversos setores para mostrar as coisas boas do Brasil”

não estava como ministro nessa época. Muitos investimentos foram feitos, mas temos que olhar para a frente. Não precisamos buscar culpados ou responsáveis pelo que não funcionou.

O governo do ex-presidente Jair Bolsonaro contribuiu para a piora da imagem do Brasil lá fora? O fato é que o presidente Lula, através da sua credibilidade, visitando diversos países, fez com que a imagem do Brasil melhorasse nesses primeiros meses de gestão. Mais recentemente, ele fez um acordo com o Japão para a isenção de vistos. O diálogo com a União Europeia para ampliar o comércio do Mercosul também foi importante.

O senhor era filiado ao PSDB em 2020 quando foi indicado para assumir a liderança da maioria na Câmara, posto alinhado ao Palácio do Planalto, então comandado por Bolsonaro. O senhor ainda conversa com o ex-presidente? Fui indicado por onze partidos na legislatura passada, e o ex-presidente da República nunca se envolveu com a eleição. Todos foram escolhidos pelos partidos. Não houve nenhum tipo de intervenção na escolha ou decisão de bloco da maioria.

Há uma foto sua ao lado de Bolsonaro que circula pela internet. Vocês eram ou são amigos? Tenho foto com vários ex-presidentes, como Michel Temer, José Sarney, Dilma Rousseff, Fernando Collor, Fernando Henrique Cardoso. Com Jair Bolsonaro, a foto foi durante a divulgação de um aparelho turístico em Belém. Todos os parlamentares do Pará foram convidados, de vários partidos. Naquele momento, dentro do avião, vários se levantaram para tirar foto com o presidente e eu fui um deles. Não tenho o celular dele, nunca falamos pelo WhatsApp. Não lembro de ter discutido qualquer assunto com ele. Isso tudo é uma ligação que tentam fazer para gerar constrangimentos. ■

INIMIGO ÍNTIMO

O FUTURO de Donald Trump parece cada dia mais embaçado — mas ele não joga a toalha, de olho na reeleição do ano que vem. Diz ser vítima de caça às bruxas, alega injustiça, choraminga e segue em frente. O ex-presidente já foi acusado formalmente três vezes no âmbito federal, virou réu, e nada o impede, caso retorne para a Casa Branca, de dar uma canetada de modo a anistiá-lo a si mesmo. Está na lei, embora muitos especialistas ponham em dúvida essa possibilidade. Na semana passada, contudo, brotou uma péssima notícia para ele. Trump foi denunciado pela promotoria distrital de Fulton, na Geórgia, por desrespeitar normas estaduais na tentativa de reverter o resultado do pleito de 2020, vencido pelo democrata Joe Biden. O rolo: suposta formação de uma organização criminosa e corrupta. O problema: ao contrário dos processos movidos pela federação, como o dos documentos secretos guardados em Mar-a-Lago, na Flórida, e o do motim no Capitólio, em Washington, o mandachuva não tem como mexer seus paizinhos na Justiça estadual. Para piorar a situação, há fogo amigo de inimigo íntimo. Em seu depoimento, **o ex-governador georgiano, o republicano Geoff Duncan**, bateu pesado no colega de partido. “Queremos ganhar a eleição em 2024, e não pode ser com Donald Trump”, disse depois de jurar diante dos oficiais. Duncan não poderia ter sido mais claro nas declarações oficiais: as acusações de Trump, de fraude na hora do voto, foram baseadas em tolas mentiras, em manipulação da boa vontade dos eleitores. Faz lembrar algum outro lugar do mundo. ■

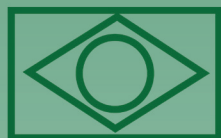
Fábio Altman



ALEX SLITZ/AP/IMAGEPLUS



LIDE BRAZIL DEVELOPMENT FORUM



1 E 2 DE SETEMBRO
WILLARD HOTEL
WASHINGTON, DC - USA

 WWW.LIDE.COM.BR

KEYNOTE SPEAKERS



RODRIGO PACHECO
SENADOR (PSD-MG)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
PRESIDENTE DO CONGRESSO NACIONAL



ROBERTO CAMPOS NETO
PRESIDENTE DO BANCO CENTRAL
DO BRASIL



RENAN CALHEIROS
SENADOR (MDB-AL)
PRESIDENTE DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES DO SENADO FEDERAL



JAQUES WAGNER
SENADOR (PT-BA)
MINISTRO DA DEFESA (2015)
GOVERNADOR DA BAHIA (2007 - 2015)
MEMBRO DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES DO SENADO FEDERAL



ILAN GOLDFAJN
PRESIDENTE DO BID - BANCO
INTERAMERICANO DE DESENVOLVIMENTO



ALESSANDRO VIEIRA
SENADOR (MDB-SE)
MEMBRO DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES DO SENADO FEDERAL



MAKHTAR DIOP
DIRETOR-GERAL DO IFC -
INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION



MARIA LUIZA VIOTTI
EMBAIXADORA DO BRASIL
EM WASHINGTON, DC



CARLOS JARAMILLO
VICE-PRESIDENTE DO
BANCO MUNDIAL



DAVI ALCOLUMBRE
SENADOR (UNIÃO - AP)
PRESIDENTE DO SENADO FEDERAL
E DO CONGRESSO FEDERAL
ENTRE 2019 E 2021



ALESSANDRO VIEIRA
SENADOR (MDB-SE)
MEMBRO DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES DO SENADO FEDERAL



EDUARDO BRAGA
SENADOR (MDB-AM)
GOVERNADOR DO AMAZONAS (2003-2010)
MEMBRO DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES DO SENADO FEDERAL



DORINHA SEABRA
SENADORA (UNIÃO-TO)
MEMBRO DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES DO SENADO FEDERAL



RANDOLFE RODRIGUES
SENADOR (S/ PART-AP)
MEMBRO DA COMISSÃO DE RELAÇÕES
EXTERIORES DO SENADO FEDERAL



ISAAC SIDNEY
PRESIDENTE DA FEBRABAN -
FEDERAÇÃO BRASILEIRA DE BANCOS



HENRIQUE MEIRELLES
MINISTRO DA FAZENDA DO BRASIL
(2016-2018)

PATROCÍNIO



Confederação Nacional da Indústria

FEBRABAN

INVEST.Rio



PAPER
EXCELLENCE

GOVERNADORES



CLÁUDIO CASTRO
GOVERNADOR DO ESTADO DO
RIO DE JANEIRO



CARLOS BRANDÃO
GOVERNADOR DO ESTADO DO
MARANHÃO



RAQUEL LYRA
GOVERNADORA DO ESTADO DO
PERNAMBUCO



MATEUS SIMÕES
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DE
MINAS GERAIS



RONALDO CAIADO
GOVERNADOR DO ESTADO DE
GOIÁS



RICARDO FERRAÇO
VICE-GOVERNADOR DO ESTADO DO
ESPÍRITO SANTO



FÁBIO MITIDIERE
GOVERNADOR DO ESTADO DE
SERGIPE



WILSON LIMA
GOVERNADOR DO ESTADO DO
AMAZONAS



GLADSON CAMELI
GOVERNADOR DO ESTADO DO
ACRE



EDUARDO RIEDEL
GOVERNADOR DO ESTADO DO
MATO GROSSO DO SUL



IBANEIS ROCHA
GOVERNADOR DO
DISTRITO FEDERAL

PREFEITOS



EDUARDO PAES
PREFEITO DO RIO DE JANEIRO - RJ



EDVALDO NOGUEIRA
PREFEITO DE ARACAJÚ - SE
PRESIDENTE DA FRENTE NACIONAL DE
PREFEITOS - FNP



RICARDO NUNES
PREFEITO DE SÃO PAULO - SP



RAFAEL GRECA
PREFEITO DE CURITIBA - PR



LUIZ FERNANDO MACHADO
PREFEITO DE JUNDIAÍ - SP



CINTHIA RIBEIRO
PREFEITA DE PALMAS - TO



DUARTE NOGUEIRA
PREFEITO DE RIBEIRÃO PRETO - SP



ADRIANO SILVA
PREFEITO DE JOINVILLE - SC

APOIO

MÍDIA PARTNERS

PARTNERS





NA LUTA Desigualdade social... e racial: para a escritora, pautas são inseparáveis

“NATURALIZARAM O EXTERMÍNIO DE JOVENS NEGROS”

Um dos principais nomes contra o racismo no país, a professora e escritora avalia que, apesar da maior conscientização sobre o tema, a sociedade continua falhando e destruindo vidas em massa

Desde a primeira publicação do seu livro *Quando Me Descobri Negra*, em 2016, até a nova edição recém-lançada, acredita que, sob o ângulo da discriminação e da desigualdade racial, o mundo melhorou? Eu diria que o mundo mudou. Acho difícil falar que só melhorou. Porque, sim, houve uma tomada de consciência, e acredito que ela seja um passo fundamental para termos mudanças mais profundas. Por

outro lado, percebo também um agravamento nas relações sociais. Enquanto as pessoas negavam a existência do racismo ou não falavam de branquitude, tinha ali uma coisa de “vamos fingir que tá tudo bem”. Era algo mais indireto, mas igualmente violento. Mas me parece que também se veem, agora, mais pessoas se afirmando publicamente racistas, falando: “Não, preto é pior, é macaco, não tem lugar aqui”.

Há violências veladas e outras explícitas, então? Sim, e o ponto mais difícil e urgente é o genocídio da população negra, que o movimento negro denuncia há tanto tempo e parece não ser ouvido. Se a gente pensar que o encarceramento em massa dos negros segue crescendo, que eles continuam sendo os alvos prioritários das ações da polícia e que as mulheres negras são as principais vítimas de feminicídio, aí dá para dizer que a situação está pior. E está pior do que era em 1888, com o fim da escravidão. Não é aceitável que a polícia saia matando negros no meio da rua sem julgamento. Que a nossa população pague impostos para comprar a bala de revólver que mata seus filhos e irmãos. Isso fere nossa Constituição e nosso pacto coletivo. Só que a sociedade naturalizou esses assassinatos, ainda que tenhamos números de guerra.

Qual seria o caminho para reverter essa situação? Não basta ter conversa ou sensibilização da sociedade civil. É preciso de uma política de Estado para interromper o genocídio. Os governadores que continuarem não só permitindo, mas incentivando suas polícias a matarem, têm de sofrer sanções.

Como avalia o papel do Ministério da Igualdade Racial? Não adianta só ter vontade política e uma ministra maravilhosa como a Anielle Franco. Um ministério precisa ter orçamento. E essa pasta, que é uma articuladora, tem uma moeda, pouquíssima verba, se comparada às demais. Então precisamos que o presidente da República e o Congresso priorizem, de fato, o enfrentamento do racismo. Qualquer política pública brasileira tem que considerar a diversidade da população e ter um olhar para a questão racial. Do contrário, continuaremos reproduzindo desigualdades que nos envergonham. ■

Diogo Sponchiato

O INTÉRPRETE DO BRASIL



OSCAR CABRAL

HISTÓRIA Murilo de Carvalho: xadrez das elites com os militares

O compositor Tom Jobim (1927-1994), que sabia das coisas da vida, cunhou uma frase que não para de ecoar: “O Brasil não é para amadores”. Para traduzir as mazelas de um país intraduzível, só mesmo por meio da inteligência de historiadores capazes de ver as camadas debaixo do superficial. Um deles foi **José Murilo de Carvalho**, membro da Academia Brasileira de Letras. Com uma vasta coleção de textos acadêmicos e livros de prosa delicada — “o hábito de contribuir com artigos para a imprensa tornou minha escrita mais enxuta e elegante” —, Murilo de Carvalho foi pioneiro ao detalhar a participação das elites nos governos do Império e, depois, junto ao Exército. “As Forças Armadas intervêm em nome da garantia da estabilidade do sistema político; as intervenções, por sua vez, dificultam a consolidação das práticas democráticas”, escreveu em um artigo celebrado. “Estamos presos nessa armadilha e não conseguiremos escapar dela se não construirmos uma economia forte, uma democracia incluyente e uma República efetiva.” Entre seus trabalhos mais reputados estão *A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil*, *Cidadania no Brasil: o Longo Caminho* e *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que Não Foi*. Tinha 83 anos. Morreu em 13 de agosto, no Rio de Janeiro, em decorrência de Covid-19.



SUZI PRATT/FILMMAGIC/GETTY IMAGES

SOLIDÃO Rodríguez: no centro de *Procurando Sugar Man*, de 2012

“DE MENDIGO A MENDIGO”

Eis a história de um talento que nunca teve a merecida relevância, jogou fora as oportunidades que lhe ofereciam, mergulhou no ostracismo — e foi então retirado das sombras com um documentário vencedor do Oscar, *Procurando Sugar Man*, de 2012. O americano de Detroit, **Sixto Díaz Rodríguez**, que se apresentava apenas como Rodríguez, cantava os dramas de cidadãos comuns, largados nas ruas. Seu primeiro álbum, de 1970, *Cold Fact*, foi muito elogiado pela crítica, mas ignorado pelo público. Faria sucesso na Austrália e especialmente na África do Sul, onde chegou a ser comparado a Bob Dylan. *Cold Fact* dividia espaço nas lojas de discos com *Abbey Road*, dos Beatles, e *Bridge Over Troubled Water*, com Simon & Garfunkel. Rodríguez, contudo, terminaria em bares escuros, de costas para o público barulhento. Até que o documentarista Malik Bendjelloul (1977-2014) o redescobrisse. “Minha história não é a de mendigo a milionário, mas de mendigo a mendigo”, disse em uma entrevista de 2019. Tinha 81 anos. Morreu de causas desconhecidas, em 8 de agosto, em lugar não revelado.

MANHÃ, TÃO BONITA MANHÃ

Em *Orfeu Negro*, filme de 1959 dirigido pelo francês Marcel Camus, vencedor da Palma de Ouro em Cannes, um motorista de ônibus que dá título ao longa baseado numa peça de Vinicius de Moraes cai de amores por Eurídice — desce do Olimpo da favela para o inferno do asfalto em busca da mulher amada. A atriz **Léa Garcia**, no papel de uma prima da protago-

nista encantou o mundo — e por pouco não ganhou a premiação máxima na França. Depois, ao longo de seis décadas faria sucesso no teatro e na televisão, ao empurrar as portas do preconceito racial. Ela tinha 90 anos. Morreu em 15 de agosto, em Gramado, onde seria homenageada. ■

VOZ FEMININA Léa Garcia: a fama imediata com *Orfeu Negro*, de 1959



INSTAGRAM @LEAGARCIAEUMESMA



QUE SE VAYAN TODOS

JAVIER MILEI causou sensação com seu desempenho nas primárias argentinas (leia a reportagem na pág. 52). Em parte, porque é um lobo solitário. Um “grito de guerra”, como diz o antropólogo Pablo Semán, o “*que se vayan todos*”, e faz mover os jovens dos bairros esquecidos da periferia de Buenos Aires. Mas a novidade é ser um “libertário”. Parte da imprensa apelidou Milei de representante da “extrema direita”, o que revela mistura de mau humor e preguiça intelectual. O mais curioso foi ver o sujeito dito como um “alto risco para a economia argentina”, como escutei em um programa de televisão. O peronismo vai entregando o país quebrado, inflação a 115% e a pobreza atingindo 40% da população. Mas perigo é Milei. As narrativas, desde sempre, definem o teatro da política. Nesse caso, dirão que ele foi instrutor de kama sutra e que dorme com seus cachorros, mas pouca coisa sobre fazer um programa de demissão voluntária no setor público e derrubar a carga tributária. Talvez isso tudo seja particularmente constrangedor por aqui, visto que andamos numa busca algo desesperada para aumentar impostos, enquanto abrimos concursos públicos como nunca e anunciamos o governo no “comando da economia”.

Um “liberal-libertário”, como se define Milei, diz basicamente que a liberdade econômica importa, tanto quanto a liberdade de escolher uma religião ou dizer o que pensa. E que cabe ao Estado agir com menos arrogância, diante da iniciativa individual. Alguma aberração nisso? De fato, a tecnologia vai abrindo cada vez mais espaços de autorregulação, no mercado. O blockchain e as criptomoedas são um bom exemplo, assim como a *sharing economy*, ou “economia do compartilhamento”. Me lembro da

TANGO
No país da bela dança e de Jorge Luis Borges: o que seria um “liberal-libertário”, como Javier Milei?



WILLY GS/GETTY IMAGES

conversa sobre o “absurdo” que seria deixar um monte de carros circular transportando pessoas, nas nossas cidades, sem licença das prefeituras. Hoje ninguém parece muito preocupado com isso. Ainda me lembro da época em que os aeroportos “só podiam ser estatais”. Hoje escuto a tese perfeitamente contrária. O mesmo vale para as estradas, para o saneamento, a iluminação pública, os cemitérios e mesmo nossos santuários ecológicos nos parques nacionais.

O programa de Milei mistura propostas liberais e disruptivas, centradas em uma reforma do Estado argentino, e pontos bem menos plausíveis, como o fechamento do Banco Central. Ele diz que fará uma reforma trabalhista. Algum absurdo nisso? Segundo o Ranking de Competitividade do Fórum Econômico Global, a Argentina tem o 132º pior sistema trabalhista entre 137 economias. O absurdo é fazer a reforma ou deixar do jeito que está? Ele diz que privatizará empresas públicas. Vamos supor que ele consiga privatizar a TV estatal e as Aerolíneas Argentinas. Algum fim de mundo aí? Para que exatamente o governo precisa dispor de uma emissora de televisão e uma companhia aérea? Milei também promete custear a demanda, e não a oferta de

serviços de saúde e educação. Isto significa: financiar o cidadão, e não as máquinas estatais. Muita gente faz drama com isso, mas é exatamente o que fazemos com programas como o ProUni e o Bolsa Família. Nesse último, governo deposita um recurso na conta das pessoas e cada um adquire os bens de desejo adquirir. Poderíamos distribuir cestas básicas, como já se fez no passado, ou criar uma rede de abastecimento estatal (alguém se lembra da Cobal?). É como funciona em Cuba, com a Libreta. Lembro do dia em que visitei um desses centros de abastecimento, em Havana. Me recordo do mau cheiro, o aspecto lúgubre. E da funcionária, debochada, me dizendo: “É estupendo o socialismo”.

No Brasil, enchemos a boca para falar da “escola pública” e da “saúde pública”, sem nunca descuidar de colocar os filhos em uma boa escola privada e dispor de um bom plano de saúde. Nossos alunos tiram as últimas posições do Pisa, a cada três anos, mas quando surge alguma proposta real de mudança, fazemos cara de inteligentes e resmungamos “não vai funcionar”. A verdade é que nos habituamos com o *status quo*, que me surpreende quando surge alguma força política disposta à mudança.

O que seria exatamente um “liberal-libertário”, a condição de Milei? Na tradição brasileira, é comum a confusão entre o liberalismo e variantes da moderna social-democracia. Dado nosso imenso atraso, basta o sujeito ser a favor de alguma racionalidade no trato do dinheiro público e apoiar privatizações perfeitamente óbvias para que seja considerado um terrível liberal. No caso de Milei, a confusão vai por outro caminho. Será tido como um “ultradireitista”, o que não passa de nonsense. A pauta da chamada nova direita sempre foi uma mistura de nacionalismo, vezo iliberal e, principalmente, foco no conservadorismo de costumes. O oposto do que propõe Milei, cuja pauta é a abertura econômica. O “liberalismo por inteiro”, como virou moda falar, e que incorpora a liberdade econômica, de empreender, dispor de previsibilidade jurídica e igualdade de tratamento diante da lei, como parte essencial da liberdade individual, tanto quanto as garantias no terreno político e comportamental.

O liberalismo, nos dias de hoje, anda em um caminho estreito. De um lado, é pressionado pelo conservadorismo, com sua ênfase na regulação dos costumes; de outro, pela esquerda, com seu gosto pelo intervencionismo econômico e pela obsessão identitária. Ambos oferecem algo que, por definição, o liberalismo não pode oferecer: uma visão abrangente ou “substantiva” sobre como devemos viver. O liberalismo vai na direção oposta. Seu *éthos* é feminista: meu corpo, minhas regras. Minha consciência, minhas regras. Valendo o mesmo para as escolhas econômicas. Modelo cético, feito da “persuasão”, como diz a impagável Deirdre McCloskey, da “suave retórica do convencimento”, e não da coerção. Espécie de

giro à Copérnico, que sugere caber aos indivíduos, não ao Estado, escolher a escola, o hospital, o plano de previdência, e tudo aquilo que define sua “busca pela felicidade”, como se lê na declaração da independência americana. Tudo muito bacana, mas incrivelmente frágil em um mundo ávido por “sentido”. E por exigir um exercício permanente de limitação do poder.

O liberalismo é feito de “instituições inclusivas”, na expressão consagrada pelo economista Daron Acemoglu, capazes de proteger os interesses difusos da sociedade contra a malandragem dos grupos de pressão e “capturadores de renda”. O primeiro de todos é o próprio sistema político. Dias atrás li que os partidos se articulam para votar um

fundão eleitoral ainda maior do que o de 2022 para as eleições do ano que vem. Se isso se confirmar (e não há por que duvidar), será coisa de 10 bilhões de reais, em duas eleições. A pergunta é: por que não fazer? Por que não distribuir os 40 bilhões em emendas parlamentares? Qual seria mesmo o sentido da política sem a primazia dos interesses da “casta”? No fundo, é esta a resposta que o liberalismo precisa oferecer. Ele que representa um tipo de visão de mundo menos óbvia do que a solução populista, a receita que diz “para cada necessidade um direito”, como faz troça Milei.

A tarefa não é simples, e desconfio que qualquer um que tentar fazer algo será imediatamente tachado como excêntrico, perigoso, quando não uma aberração. Mas posso estar enganado. Os próximos meses do debate político na terra do tango e do escritor Jorge Luis Borges, quem sabe, nos sugiram alguma resposta. ■

Fernando Schüller é cientista político e professor do Insper

SOBE

RATINHO JUNIOR

O governador paranaense oficializou a transformação da Copel em uma corporação. A operação de 5,2 bilhões de reais visa a tornar a empresa a maior do país no setor elétrico.

CAMBORIÚ

O balneário catarinense tem o metro quadrado residencial mais caro do país, com preço médio de 12 335 reais, acima de cidades como São Paulo e Rio de Janeiro.

CARREFOUR

A rede lidera o ranking de desempenho em vendas do varejo, com 108 bilhões de reais de faturamento bruto em 2022.

DESCE

JANJA

A primeira-dama protagonizou um “apagão argumentativo” ao tentar relacionar a recente pane no sistema elétrico à privatização da Eletrobras.

ANTONIO DENARIUM

A Justiça cassou o governador de Roraima por distribuir cesta básica em eleição. Ele segue no cargo até que seu recurso no TSE seja julgado.

MAGALU

O prejuízo da empresa mais que dobrou no segundo trimestre do ano em relação ao mesmo período de 2022. O resultado negativo foi de 300 milhões de reais.



“Faço amor com homens diariamente, na imaginação.”

BARACK OBAMA, em carta de 1982, revelada na semana passada, para uma ex-namorada. Ele tinha 21 anos

“Quando pessoas más têm problemas, elas fazem coisas ruins.”

JOE BIDEN, presidente dos Estados Unidos, ao tratar da economia da China e de seus dirigentes

“Não pode tirar prestígio de um vice-presidente da República competente e eficiente.”

RENATO CASAGRANDE, governador do Espírito Santo pelo PSB, ao comentar uma possível saída de Geraldo Alckmin, também do PSB, do Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços

“Por melhor que seja o governo de Gustavo Petro, você, Lula, pode fazer a diferença. Afinal de contas, 60% da Amazônia está no Brasil, que é um país tão importante. Você poderia levar a sua liderança tão necessária para a Assembleia Geral da ONU, em Nova York.”

MARK RUFFALO, ator e ativista, ao criticar os poucos resultados da Cúpula da Amazônia

“Foi um passo a mais em uma trajetória para transformar a região com um modelo que combina desenvolvimento sustentável e preservação ambiental.”

LULA, nas redes sociais da Presidência, em resposta a Ruffalo

“Elon não está falando sério e é hora de seguir em frente. Eu ofereci um encontro de verdade.”

MARK ZUCKERBERG, o criador do Facebook, ao criticar Elon Musk, a quem desafiou para uma luta de MMA. Difícil saber qual dos dois, nesse embate, soa mais ridículo

“Zuck é um frango.”

ELON MUSK, na réplica

“Entrei no buraco da solidão dela.”

ISIS VALVERDE, que interpreta no cinema Ângela Diniz – a empresária mineira assassinada por Doca Street em 1976

“Não vou falar ‘não pode’ e esperar que eles tenham problemas.”

MARCELO D2, cantor, informando como se comporta em relação ao uso de maconha pelos cinco filhos

“Às vezes, o tom é muito alto, e eu, que fiz 81 agora, preciso pedir ajuda aqui.”

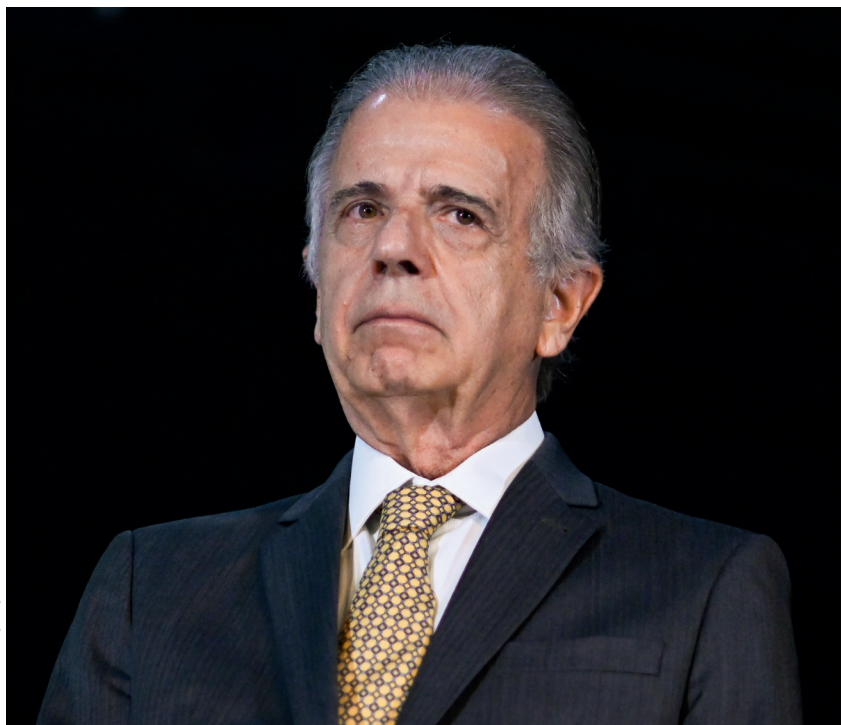
CAETANO VELOSO, em show no Rio de Janeiro dedicado ao mítico álbum *Transa*, de 1972

“Amo as mocinhas, mas não queria fazer mais uma delas.”

MARINA RUY BARBOSA, uma das protagonistas da nova novela das 7 da Globo, *Fuzuê*. Ela interpreta a empresária Preciosa, uma vilã



FABIO ROCHA/TV GLOBO



MODERAÇÃO Múcio: o ministro quer evitar novo atrito entre governo e militares

Poder moderador

Com o Exército acuado pelos militares metidos nos escândalos de Jair Bolsonaro, o governo vai avançar com o projeto que trata de mudanças no artigo 142 da Constituição e o tal “poder moderador” dos militares. A lei precisa ser aprovada ainda em setembro para valer nas próximas eleições. **José Múcio** vem freando as investidas do PT por um texto mais radical.

Pontos em comum

Os petistas Rui Falcão e Carlos Zarattini conversaram com Múcio. O ministro vetou um texto duro. Só há acordo sobre a aposentadoria automática de militares que disputem eleições.

A última palavra

Com o veto de Múcio a mudanças no artigo 142, os petistas decidiram acionar Lula para dobrar o ministro. A ver.

Agora, não

Múcio pediu ao chefe da PF, Andrei Rodrigues, a lista de militares metidos com o hacker Walter Delgatti. A PF reluta em dar as informações agora.

Surpresa desagradável

O comandante do Exército, Tomás Paiva, não ficou feliz com a postura da PF na nova operação contra Mauro Cid. Foi avisado com a ação já na rua.

Amigos, *pero no mucho*

No sábado, o comandante do Exército teve uma conversa com o chefe da PF. A relação segue tensa entre as partes.

Pico de pressão

Sérgio Cordeiro, ex-segurança de Bolsonaro, passou mal na prisão e precisou ser socorrido por médicos. Está sob acompanhamento permanente.

Com emoção

Nos próximos dias, a investigação do CNJ na Lava-Jato de Curitiba, conduzida por Luis Felipe Salomão, produzirá novas e ruidosas novidades.

Novo guru

Lula disse a um aliado, nesta semana, que quer consultar Cristiano Zanin antes de definir o escolhido para o STF na vaga de Rosa Weber.

Briga caseira

O clima na cúpula do União Brasil, que já não era bom, degingolou para guerra aberta entre ACM Neto e Luciano Bivar. Decisões individuais de Bivar, sem consultar a cúpula, são o estopim.

Ventos de mudança

O PSD está de malas prontas para desembarcar da prefeitura do Recife, comandada por João Campos, do PSB, e migrar para o governo de Pernambuco, da tucana Raquel Lyra.

Atritos desnecessários

Questionado por líderes sobre as falas de Fernando Haddad, por suas declarações contra a Câmara, Arthur Lira deu uma de bombeiro e segurou a reação indignada dos pares. Não se furtou, porém, a comentar a entrevista do ministro: “Foram 13 minutos de erros!”.

Relações federativas

Espécie de ponte entre o governo e setores mais distantes do petismo, **Geraldo Alckmin** teve, nesta semana, uma civilizada agenda com **Romeu Zema**. Depois das falas do mineiro sobre o Nordeste, atacadas pelo governo, o encontro na Iveco, fábrica de blindados do Exército, foi ameno. Ninguém falou em muros ou vaquinhas de leite.



Tudo igual

Rodrigo Pacheco vai dar prioridade, no Senado, ao projeto que prorroga, por cinco anos, os incentivos fiscais a empresas da Região Nordeste.

Nomes na mesa

Lula deve definir até o fim do mês o novo chefe da PGR. Quer dar tempo ao Senado para aprovar a mudança antes do fim do mandato de Aras.

Intrigas e acusações

Virou uma guerra de dossiês a disputa por vagas do STJ entre integrantes da magistratura. A definição, na Corte, sai no próximo dia 23.

Disputa pela toga

Na lista da OAB, um importante interlocutor do STJ crava os nomes: Daniela Teixeira, Luís Cláudio Chaves e Otávio Luiz Rodrigues Junior.

Um som diferente

Com mais de 1 milhão de beneficiários na fila do INSS, Carlos Lupi recebeu denúncia sobre algo surreal: um gestor do órgão foi flagrado, durante o expediente, fazendo aula de bateria.

Gabinete movimentado

Celso Sabino completou um mês no comando do Turismo. No período, recebeu 81 parlamentares e viajou em agendas com outros tantos. Caiu nas graças de Lula como articulador.

Tem que devolver

O BC cobra 1,3 milhão de reais da herdeira de uma servidora aposentada do banco. O dinheiro foi pago indevidamente a título de pensão.

A conta não fecha

Investigação da CGU na Caixa, sobre a gestão de Jair Bolsonaro, identificou irregularidades variadas nas contratações sem licitação feitas pelo banco.

Temporada de compras

Maior investidor imobiliário da Flórida, o bilionário Jorge Pérez vem ao Brasil em setembro. Tem mais de 2 bilhões de dólares para investir em novos negócios na capital paulista.

Sem passaporte

Novo juiz da Lava-Jato em Curitiba, Fábio Martino suspendeu, por “apuro do risco de fuga”, a decisão do antecesor,



INSTAGRAM @LETICIABUFONI

NÃO ESTÁ FÁCIL Leticia: dívidas de imóveis cobradas em ações na Justiça

sor, Eduardo Appio, que liberava passaportes e autorizava os empreiteiros Gerson Almada e Sergio Mendes a viagens ao exterior.

Pago quando puder

Uma das maiores skatistas do país, **Leticia Bufoni** enfrenta processos na Justiça por dívidas de imóveis em SP. No Guarujá, a prefeitura tenta receber o IPTU de um apartamento. Já na Granja Vianna, em Cotia, é a administradora do condomínio que cobra taxas não pagas pela atleta. As contas não chegam a... 10 000 reais. ■



CADU GOMES/VPR

CIVILIZADO Alckmin: conversa com Zema no tanque de guerra, mas sem tiros

Aponte a câmera do celular para o QR code ao lado para ler notas diárias e exclusivas dos bastidores de Brasília. Todo assinante de VEJA tem acesso ilimitado. Basta se logar.



**LEIA MAIS
NO SITE
DE VEJA**



A CONFISSÃO QUE FALTAVA

O tenente-coronel Mauro Cid vai admitir à Justiça que vendeu joias nos Estados Unidos, transferiu clandestinamente o dinheiro obtido com o negócio para o Brasil e, para não deixar rastros, o entregou em espécie a Jair Bolsonaro — tudo sob as ordens do ex-presidente

MARCELA MATTOS E LARYSSA BORGES

O tenente-coronel Mauro Cid está preso preventivamente há três meses em uma cela do Batalhão de Polícia do Exército, em Brasília. Por quatro anos, ele serviu como ajudante de ordens de Jair Bolsonaro, posto que lhe deu acesso como a mais ninguém ao dia a dia do governo e à intimidade do ex-presidente. Cid foi preso depois que a Polícia Federal descobriu que ele falsificou cartões de vacinação dele, de sua família e do próprio ex-presidente da República. As investigações prosseguiram e no telefone do militar, apreendido com autorização judicial, foi encontrado o roteiro de um plano golpista para anular o resultado das eleições de 2022. Por último, soube-se que o coronel também se envolveu numa insólita tentativa de vender joias, relógios, canetas e outros presentes recebidos por Bolsonaro durante o mandato — uma trama planejada e executada na surdina que teria rendido alguns mi-

lhares de dólares ao ex-presidente. Sórdidos, os detalhes do caso trincaram a imagem de vestal cultivada por Jair Bolsonaro, agravaram ainda mais a sua complicada situação jurídica, silenciaram seus apoiadores estridentes

e ainda mancharam a imagem do país com uma bandalheira típica de uma república bananeira. E tende a ficar pior — muito pior.

Mauro Cid, que se manteve em silêncio desde que foi preso, decidiu confessar. Acuado diante das múltiplas evidências colhidas pela polícia, o ex-ajudante de ordens vai assumir sua participação nos crimes. No caso dos presentes, vai confirmar que participou da venda das joias nos Estados Unidos, providenciou a transferência para o Brasil do dinheiro arrecadado e o entregou a Jair Bolsonaro — em espécie, para não deixar rastros. Mas o tenente-coronel não vai assumir sozinho a responsabilidade pelo que aconteceu. Ele vai dizer às autoridades que fez tudo isso cumprindo ordens diretas do então presidente da República, que seria o mandante do esquema. A revelação vai provocar um

MARCOS CORRÊA/PR



ERA VIDRO Cid: revelações do ex-assessor racham, de vez, a imagem do chefe

ERIC ZANONI





REPRODUÇÃO/POLÍCIA FEDERAL

PEDIDO Cid pai: o general, cuja imagem aparece refletida em um dos presentes, emprestou a conta bancária



DIVULGAÇÃO/ALESP

estrondo na investigação, já que a defesa de Bolsonaro afirmou que ele “jamais se apropriou ou desviou quaisquer bens públicos”. Em março deste ano, o ex-presidente teria, inclusive, devolvido “voluntariamente” algumas das joias que estavam em seu poder. A defesa também alegou que, por considerar alguns presentes como sendo “personalíssimos” — ou seja, que não pertenciam ao acervo público —, podia dar a eles a destinação que bem entendesse. Como não tinha interesse em ficar com determinados itens, Bolsonaro teria recebido a sugestão de vendê-los, mas só soube os detalhes de como as negociações haviam sido feitas através da Polícia Federal.

A confissão de Cid, confirmada a VEJA pelo criminalista Cezar Bitencourt, seu advogado, obviamente, põe essa versão em xeque. Pelos detalhes que ele pretende contar, ficará evidente que o presidente

sabia, sim, que, se não todos, ao menos alguns dos procedimentos adotados eram totalmente irregulares, outros criminosos mesmo. A questão do dinheiro, por exemplo. A venda de dois relógios de luxo, um Rolex e um Patek Philippe, rendeu 68 000 dólares à “or-

ganização criminosa” que, segundo a Polícia Federal, usou a estrutura do Estado para enriquecimento ilícito. Cid dirá à Justiça que negociou as mercadorias por ordem do chefe. “Resolve lá”, teria dito Bolsonaro, numa determinação que incluía ainda trazer para o Brasil o dinheiro amealhado. “A relação de subordinação na iniciativa privada é uma coisa. O funcionário pode cumprir ou não. No funcionalismo público, é diferente. Em se tratando de um militar, essa subordinação é muito maior”, explica o advogado.

Partiu do próprio Cid, porém, a solução de usar uma conta bancária nos Estados Unidos, em nome do pai dele, o general Mauro Lourenço Cid, para receber os pagamentos pelas joias negocia-

PERSONALÍSSIMO

Joias avaliadas em 1,1 milhão de reais: incorporadas ao patrimônio de Jair Bolsonaro



das. Os valores posteriormente eram enviados ao Brasil. Num primeiro momento, o pai teria refutado a ideia, mas acabou cedendo aos apelos do filho após ouvir dele que seria arriscado sacar o dinheiro e viajar com ele na mala. A PF obteve mensagens trocadas entre a família Cid que indicam a concepção do plano. Num diálogo travado em fevereiro deste ano, o tenente-coronel avisa que Bolsonaro está indo para Miami e pergunta se o ex-mandatário poderia dormir na casa do pai. Na sequência, Mauro Cid menciona que a hospedagem daria espaço à entrega a Bolsonaro do “que está faltando aí”. Noutra mensagem, Cid conta que o pai pretende entregar 25 000 dólares a Bolsonaro, de preferência pessoalmente e em espécie, para não deixar registro no sistema bancário. “Conforme o quadro fático exposto no transcrito da presente representa-

ção, há fortes indícios de que os investigados utilizaram a estrutura do Estado brasileiro para desviar de bens de alto valor patrimonial entregues por autoridades estrangeiras ao Presidente da República ou agentes públicos a seu serviço, e posterior ocultação da origem, localização e propriedade dos valores provenientes, com o intuito de gerar o enriquecimento ilícito do ex-presidente da República”, diz o relatório policial.

Recheada de trapalhadas, a operação de recuperação de joias foi um desastre — do ponto de vista de reputação e também jurídico. “A questão é que isso pode ser caracterizado também como contrabando. Tem a internalização do dinheiro e crime contra o sistema financeiro”, diz Bitencourt. “Mas o dinheiro era do Bolsonaro”, ressalta. O novo defensor do ajudante de ordens conta que pretende se reunir

com o ministro Alexandre de Moraes para tratar da confissão, que, segundo ele, servirá de atenuante na hora da definição da pena de seu cliente. O Código Penal estabelece que a confissão espontânea sempre deve mitigar a sanção imposta ao investigado. Ao contrário da delação premiada, em que o tamanho da penalidade do colaborador integra as cláusulas da colaboração, na confissão cabe ao juiz decidir de quanto será o abatimento. Também é considerada circunstância atenuante quando o investigado comete o crime “em cumprimento de ordem de autoridade superior” — no caso de Mauro Cid, por ordem de Bolsonaro.

A confissão agravará a situação do ex-presidente, que ainda não aparece como investigado no caso, apesar de a PF sugerir que ele é o beneficiário final do esquema que surrupiou joias do acervo da Presidência da República, ti-



JONNE RORIZ



REPRODUÇÃO/POLÍCIA FEDERAL



FACEBOOK @PRECISIONWATCHES

OPERAÇÃO TABAJARA Frederick Wassef: o advogado do ex-presidente recomprou numa loja da Pensilvânia o relógio que fazia parte do kit de joias



O COMEÇO Michelle Bolsonaro: presente destinado à primeira-dama foi apreendido pela Receita Federal

ameaçou checar se eles estavam devidamente guardados. Os assessores de Bolsonaro, então, deflagraram uma operação para reaver as peças negociadas, uma precaução que não seria necessária caso todas as transações realizadas tivessem amparo legal. Advogado do ex-presidente, Frederick Wassef conseguiu recomprar o Rolex. De início, ele disse que era vítima de *fake news* e não sabia de joia alguma. Depois, foi obrigado a mudar de posição. Confrontado com a revelação de que a PF tinha em mãos o comprovante da recompra do relógio, emitido em seu nome, o advogado afirmou que pagou com recursos próprios, que o ex-presidente não sabia de sua iniciativa e que seu objetivo era devolver o relógio ao TCU. Wassef, segundo suas próprias palavras, fez um favor ao Brasil. A polícia, obviamente, pensa diferente e o incluiu entre os suspeitos de usar a “estrutura do Estado para obter vantagens”, o que configura crime de peculato, cuja pena chega a até doze anos de cadeia. “Os elementos de prova colhidos demonstraram que na gestão do ex-presidente Jair Messias Bolsonaro foi criada uma estrutura para desviar os bens de alto valor presenteados por autoridades estrangeiras ao ex-presidente da República para serem posteriormente evadidos do Brasil e vendidos nos Estados Unidos, fatos que,

rou-as clandestinamente do Brasil em voos oficiais da Força Aérea Brasileira (FAB) e vendeu as peças valiosas nos Estados Unidos. Segundo as investigações, Mauro Cid e outros assessores de Bolsonaro tentaram negociar pelo menos três kits de joias recebidas de chefes de Estado e autoridades estrangeiras. Um deles, composto de um barco e uma árvore, dado pelo governo do Bahrein, não foi negociado porque, ao contrário do que imaginavam os envolvidos, não valia muito. Outro chegou a ser anunciado numa loja do ramo, mas não foi comprado, o que rendeu uma lamúria de Mauro Cid. “Só dá pena

porque estamos falando de 120 000 dólares. Hahahaha”, escreveu o tenente-coronel para Marcelo Câmara, outro assessor do ex-presidente na lista de investigados. Com base em mensagens de texto e áudios, a PF registra que as tentativas de venda se desenrolaram sem constrangimento até o jornal *O Estado de S. Paulo* divulgar que o mesmo Mauro Cid tentou desembaraçar na Receita Federal um kit de joias presenteado pelo governo saudita à ex-primeira-dama Michelle Bolsonaro.

Em reação a esse episódio, o Tribunal de Contas da União (TCU) abriu uma investigação sobre os presentes e

WALLACE MARTINS/FUTURA PRESS



ENCALHOU Escultura recebida do governo do Bahrein: ao contrário do que imaginavam os envolvidos, não valia muito

além de ilícitos criminais, demonstram total desprezo pelo patrimônio histórico brasileiro e desrespeito ao Estado estrangeiro”, afirma a PF.

As descobertas levaram à abertura de outro flanco de investigações contra Bolsonaro, já acossado por suspeitas de atacar adversários e instituições, promover desmandos na pandemia, contestar a credibilidade do sistema eleitoral e insuflar um golpe de Estado. O potencial de dano ao ex-presidente é enorme nos campos político e jurídico. Pesquisa Atlas divulgada na quarta-feira 16 mostrou que 54% dos entrevistados acham que ele está envolvido no caso das joias, 49% consideram que ele cometeu crime e o mesmo percentual afirma que Bolsonaro não é vítima de perseguição, como ele sempre alega ao ser confrontado com uma acusação. Uma sondagem da Quaest divulgada revelou que 66% de

mais de 2000 entrevistados tomaram conhecimento do caso. Do total de pessoas consultadas, 41% acham que o capitão deve ser preso, ante 43% que não concordam com a iniciativa. No debate público, Bolsonaro está emparedado. Seus apoiadores, sempre aguerridos nas redes sociais e no Congresso, reagiram, em geral, com o silêncio. Bolsonarista de quatro costados, o deputado Bibó Nunes (PL-RS) até tentou responder, dizendo que só acreditava na recompra do Rolex se o recibo aparecesse. Apareceu, e o silêncio ensurdecedor continuou, deixando Bolsonaro — o homem simples como a gente, que cultiva a autodeclarada fama de honesto — sem a blindagem costumeira.

Assessores do capitão, que falam do risco de prisão desde a derrota na eleição de 2022, reconhecem que a novela das joias pode aproximar Bolsonaro da

cadeia. Desde a operação da PF, advogados e consultores têm apresentado ao ex-presidente alternativas para neutralizar o desgaste do escândalo, considerado de fácil assimilação pelo eleitor comum, e encontrar uma linha de defesa sólida para que as acusações sejam contestadas nos tribunais no médio prazo. Não será tarefa fácil. O capitão deve se apegar à linha de que não existe uma lei aprovada pelo Congresso que estabeleça em definitivo se um presente pode ou não ser incorporado ao acervo pessoal do ex-chefe do Executivo. Por essa tese, regras como as estabelecidas pelo TCU em 2016, quando a Corte determinou a devolução de peças presenteadas a Lula e à ex-presidente Dilma Rousseff e definiu que apenas acessórios como bonés ou perecíveis poderiam ser levados, não têm força legal e, por isso, não poderiam levar à responsabilização penal.



CERCO JURÍDICO

O ex-presidente Jair Bolsonaro é investigado em frentes distintas que apuram de peculato a tentativa de golpe, já provocaram sua inelegibilidade e podem resultar até em prisão

FAKE NEWS



Sob o comando do ministro Alexandre de Moraes, o inquérito apura a participação do ex-presidente e de aliados em ataques ao STF e na disseminação de notícias falsas

MILÍCIAS DIGITAIS



Bolsonaro, alguns de seus assessores e apoiadores estariam na linha de frente de uma organização que usa as redes sociais para atacar adversários e instituições

COVID-19



O inquérito, que também tramita no STF, investiga a ocorrência de possíveis crimes de emprego irregular de verbas e charlatanismo praticados pelo ex-presidente durante a pandemia de Covid-19

8 DE JANEIRO



Bolsonaro é suspeito de ter instigado as manifestações que acabaram resultando na invasão e na depredação dos prédios da Praça dos Três Poderes

VACINAS



A Polícia Federal realizou buscas na casa do ex-presidente e apreendeu o seu celular depois de descobrir que o cartão de vacina dele havia sido fraudado

ELEIÇÕES



Bolsonaro é alvo de dezesseis ações que atribuem a ele crimes durante a campanha à reeleição. Na única julgada até agora, foi declarado inelegível



INSTAGRAM @PROFCEZARBITENCOURT

CONFIRMAÇÃO Bitencourt, advogado de Cid: “O dinheiro era do Bolsonaro”

Para embaralhar a percepção do eleitorado sobre o escândalo, apoiadores do ex-mandatário foram aconselhados a divulgar uma regulamentação do governo Michel Temer segundo a qual joias recebidas no exercício do cargo de presidente podem ser incorporadas aos bens pessoais ao final do mandato. A regra já foi revogada, mas a existência da antiga norma serve para semear a ideia de que mesmo governos pouco simpáticos ao bolsonarismo consideraram artigos de luxo como itens personalíssimos e, portanto, passíveis de serem cadastrados como patrimônio privado pelo governante que deixa o poder. Para sair das cordas no embate político, a ala mais ideológica foi instruída a viralizar uma imagem de Lula usando um relógio Piaget, avaliado em cerca de 80 000 reais, que o petista recebeu de presente em um de seus mandatos anteriores e desfilara com ele durante a campanha do ano passado. Se acolhida, a linha de argumentação poderia tirar Bolsonaro da esfera penal e circunscrevê-la em uma ação de impro-

bidade, ilícito que não prevê pena de prisão, ou em um crime menor, como o de peculato culposos.

Caracterizado pela situação em que um agente público se apropria de um bem em razão do cargo, o peculato poderia ser reduzido a pó se os investigados provassem que não sabiam que estavam cometendo um crime e se reparassem completamente o dano. Foi por isso que a operação de recompra das joias foi colocada de pé. Aliada à ideia de que não haveria lei que define o que pode ou não ser incorporado ao patrimônio particular de um ex-presidente, a tese poderia limpar a barra de Bolsonaro. O problema, admitem seus aliados, é o histórico de decisões de Alexandre de Moraes desfavoráveis ao ex-presidente, além da clara falta de ética em todo o episódio — e, agora, a iminente confissão de Mauro Cid. Diz um integrante do núcleo de aconselhamento do ex-presidente: “Do ponto de vista jurídico, não seria uma decisão tresloucada se Alexandre de Moraes quisesse prender o Bolsonaro. Há indícios de autoria, de materialida-



PRENÚNCIO Alexandre de Moraes: “Quem me conhece sabe que vou achar”

de e de tentativa de interferência na instrução da investigação”.

Desde o início de sua carreira política, Jair Bolsonaro tem uma relação peculiar com o patrimônio público. Em mais de trinta anos de mandatos eletivos, ele sempre se gabou de nunca ter se envolvido em esquemas de corrupção, como o mensalão e o petrolão. Ao

mesmo tempo, foi acusado de pagar serviços domésticos com verba do gabinete parlamentar, disse ter usado o auxílio-moradia para “comer gente”, empregou funcionários fantasmas em seus gabinetes e teve seus familiares investigados em casos de rachadinha, que é a apropriação — indevida e ilegal — de parte dos salários dos servidores



TRAMA Delgatti: o hacker confirmou reunião com Bolsonaro revelada por VEJA

públicos. Nada disso, no entanto, tem a dimensão dos novos indícios que pesam sobre o capitão. Está claro que o ex-presidente terá dificuldades para superar seus novos imbróglis judiciais. Na quinta-feira 17, Walter Delgatti Neto, que ficou conhecido como o hacker da Lava-Jato, prestou depoimento na CPI do 8 de Janeiro, que investiga os ataques golpistas às sedes dos Três Poderes. Foi mais um petardo disparado contra Jair Bolsonaro. O hacker confirmou aos deputados o inteiro teor de uma reportagem publicada por VEJA em agosto do ano passado, que revelou que ele havia se reunido com o então presidente no Palácio da Alvorada e tramado um plano para desacreditar o processo eleitoral. Bolsonaro também teria proposto que o hacker assumisse a autoria de um suposto grampo ilegal que comprometeria o ministro Alexandre de Moraes.

Diante da gravidade das denúncias, uma quebra de sigilo bancário, fiscal e telefônico pode ser o próximo passo do processo — ou mais um capítulo da investigação conduzida por Moraes, que também presidiu o julgamento que determinou a inelegibilidade de Bolsonaro. Há exatamente um ano, um dia depois de o ex-presidente dos Estados Unidos Donald Trump ter sofrido operação de busca e apreensão de documentos que levaram às quase quarenta ações criminais a que responde, o ministro do STF traçava planos para a condução das eleições brasileiras quando foi provocado sobre o que vislumbrava para o futuro de Bolsonaro, em 2023. “Imagino como ele deve ter dormido hoje depois do que aconteceu com o Trump”, respondeu o magistrado, que centraliza todas as ações sensíveis contra o capitão e seus aliados mais próximos. “Eu falo o seguinte: quem fez sabe o que fez. E quem me conhece sabe que eu vou achar”, acrescentou. A confissão de Mauro Cid, certamente, vai facilitar o trabalho do ministro. ■



ALDIO MAURICIO/FOTARENA

SATISFEITO Valdemar Costa Neto: anabolizado por Bolsonaro em 2022, o PL terá a maior fatia de verba pública em 2024

VOCÊ PAGA A CONTA

O Congresso se movimenta para uso recorde de dinheiro público na eleição de 2024 enquanto articula perdão sem precedentes a partidos que descumpriram as regras **VALMAR HUPSEL FILHO**

NA ELEIÇÃO NACIONAL de 2022, saíram do bolso dos contribuintes nada menos que 6 bilhões de reais para custear as despesas da gigantesca máquina partidária brasileira. Ela tem nada menos que trinta partidos registrados na Justiça Eleitoral, a maioria sobrevivendo apenas de dinheiro público. A quantia assustadora — maior que o orçamento de áreas inteiras do governo, como a da Cultura, por exemplo — cravou um recorde nesse tipo de gasto e deixou a sociedade perplexa. Esperava-se ao menos que

aquele seria o teto para esse tipo de despesa e que a destinação do dinheiro do Tesouro seria feita com transparência e respeito a normas rígidas. Mas isso está longe de acontecer. Nas últimas semanas, líderes das principais siglas, da direita à esquerda, vêm se movimentando para promover uma ganância inédita, além de flexibilizar a aplicação de punições às legendas que não respeitaram as regras para uso dessa verba.

Um dos principais movimentos é, claro, no sentido de captar mais di-

nheiro. A pressão é exercida sobre o relator do projeto da LDO (Lei de Diretrizes Orçamentárias), o deputado Danilo Forte (União Brasil-CE), para aumentar o valor destinado ao Fundo Especial de Financiamento da Campanha, conhecido como Fundo Eleitoral, para a disputa municipal de 2024. Na proposta enviada pelo governo Lula, o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, colocou uma espécie de trava ao sugerir que o valor seja exatamente o do ano passado: 4,9 bilhões de reais. Boa parte dos políticos acha



VIAGEM Lula: o PT gastou 2 milhões de reais em jatinhos na eleição do petista

que isso não é suficiente, alegando que a eleição para prefeitos e vereadores tem muitos mais candidatos.

O assunto é discutido nos corredores da Câmara e de maneira velada. Quase ninguém se arrisca a tratar publicamente de tema tão impopular. Um dos poucos a se manifestar, o deputado Marcos Pereira (Republicanos-SP) sugeriu que o valor seja ao menos reajustado pela inflação, o que já elevaria o montante a quase 5,5 bilhões de reais. Essa quantia é próxima, aliás, da que os congressistas tentaram emplacar em 2022, quando aprovaram 5,7 bilhões, quase o triplo dos 2,1 bilhões que o governo havia proposto — Jair Bolsonaro vetou, seguiu-se uma negociação e o montante foi reduzido em alguns milhões. A decisão, de novo, será de responsabilidade do Congresso. “Hoje não há critério técnico para definição

do valor do Fundo Eleitoral. Só político”, diz o secretário-geral da Academia Brasileira de Direito Eleitoral e Político (Abradep), Luiz Gustavo de Andrade. É importante lembrar que os partidos ainda dispõem de uma outra fonte de dinheiro público, o Fundo Partidário, que vai distribuir 1,2 bilhão de reais em 2024, quase 200 milhões a mais do que em 2022.

O esforço para aumentar o dinheiro aos partidos, no entanto, não se dá apenas com o Fundo Eleitoral. A PEC (Proposta de Emenda à Constituição) 9/2023, assinada por quase 200 parlamentares, autoriza as legendas a arrecadar recursos de pessoas jurídicas para quitar dívidas contraídas até agosto de 2015, quando o Supremo Tribunal Federal proibiu o financiamento por empresas. O objetivo era fechar a porta a irregularidades, como

COFRES CHEIOS

Os repasses bilionários dos contribuintes aos partidos

FUNDO ELEITORAL

O Fundo Especial de Financiamento de Campanha foi criado em 2017 para compensar o fim das doações por empresas. É pago em anos de eleições. Cada legenda recebe uma cota mínima, que vai aumentando de acordo com o número de parlamentares eleitos



FUNDO PARTIDÁRIO

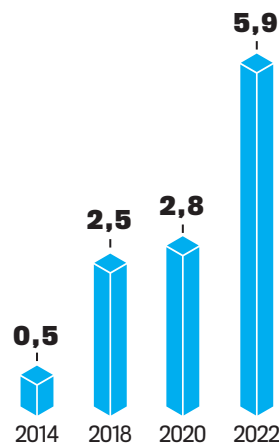
O Fundo Especial de Assistência Financeira aos Partidos Políticos existe desde 1997 e é destinado à manutenção das estruturas partidárias. É pago todo ano e distribuído de acordo com as bancadas conquistadas na última eleição



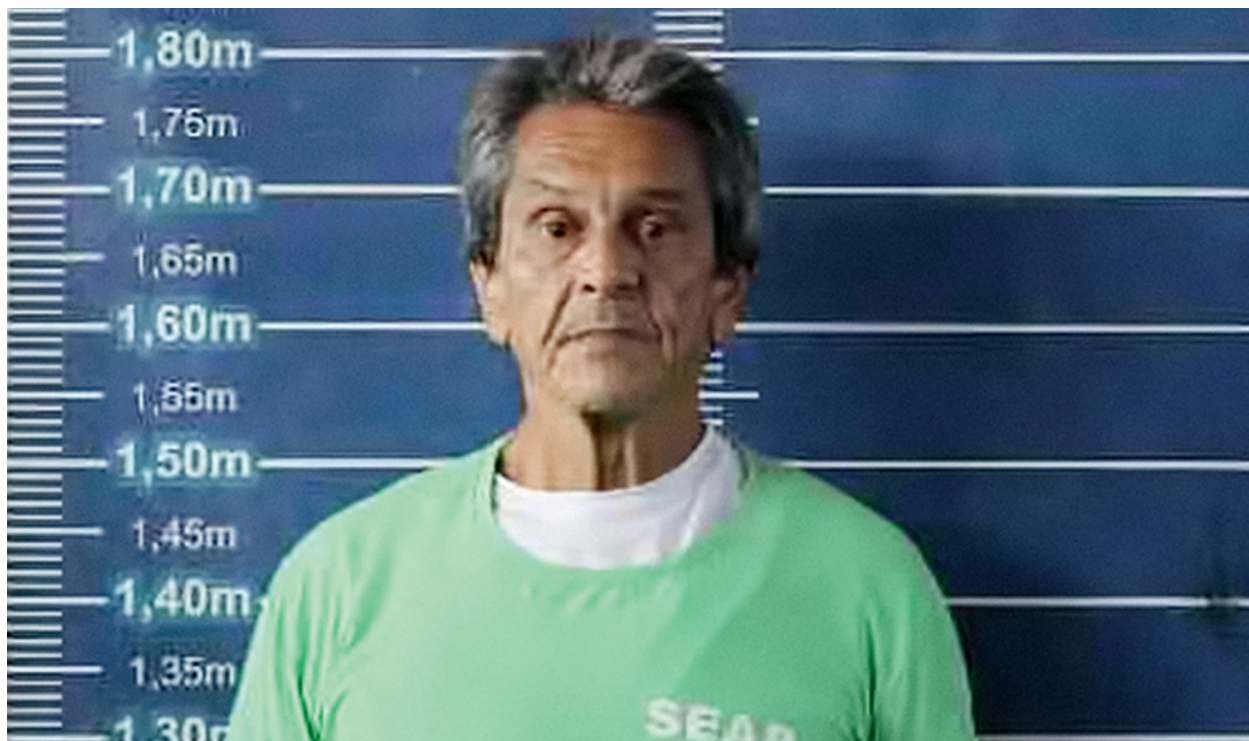
BILHÃO DE REAIS SERÁ
DISTRIBUÍDO EM 2024

A ESCALADA DO FINANCIAMENTO PÚBLICO

(Somados os fundos partidário e eleitoral, em bilhões de reais)



Fonte: TSE



REPRODUÇÃO/SEAP-RJ

MAU USO Roberto Jefferson: seu partido, o PTB, pagou 2,1 milhões de reais ao advogado Luiz Gustavo Pereira Cunha (ao lado), que vendeu armas para o ex-deputado atirar na PF

as que vinham sendo expostas pela Lava-Jato, então no auge, entre elas esquemas bilionários envolvendo grupos como Odebrecht e JBS. A ironia é que o Fundo Eleitoral, criado em 2017 exatamente em razão do fim do financiamento empresarial, virou também uma imensa fonte de ilegalidades.

A mesma PEC ainda concede outro grande benefício aos partidos no uso do dinheiro público. A proposta oferece ampla anistia às legendas que tiveram irregularidades nas contas apresentadas ao Tribunal Superior Eleitoral, seja pela não aplicação de cotas mínimas para mulheres e negros, seja por malversação do dinheiro. Pela resolução do TSE, partidos que descumprissem as normas seriam multados e ficariam sem recursos dos fundos. “É uma aberração inserir isso na Consti-



INSTAGRAM @LUIZGUSTAVOCUNHA

tuição”, bradou na última semana em plenário o deputado Chico Alencar (PSOL-RJ). A PEC já foi aprovada pela Comissão de Constituição e Justiça. No dia 2 foi instalada na Câmara a comissão especial que irá analisar a proposta — o colegiado se reuniu pela primeira vez na terça-feira 15, já sob pressão de movimentos sociais. “Se aprovada, será a quarta ou quinta vez que os partidos receberão anistia por irregularidades nas contas”, relembra

a presidente do Observatório Eleitoral da OAB-SP, Maíra Recchia.

O controle sobre o uso do dinheiro público, bem como a aplicação de sanções, é mais do que necessário para evitar aberrações. E elas são muitas. Um bom exemplo é o PTB. O partido gastou 2,1 milhões de reais no ano passado para pagar ao advogado Luiz Gustavo Pereira Cunha. Ele defendeu o presidente de honra da legenda, Roberto Jefferson, preso desde o fim do ano passado. Cunha, que é dirigente da legenda, vendeu e trocou armas com Jefferson, que, às vésperas da eleição, atirou e jogou granadas em policiais que foram cumprir um mandato de prisão expedido pelo Supremo.

Outro mau exemplo é o do PL, que pagou 1,1 milhão de reais a um instituto para produzir um documento cheio de informações inverídicas usado pelo partido para contestar as urnas eletrônicas após a derrota de Jair Bolsonaro. O Podemos, um partido pequeno, gastou 3 milhões de reais para promover a campanha presidencial de Sergio Mo-



SAULO LOULIM

ro, que ao final deixou a legenda e acabou candidato ao Senado por uma outra sigla, o União Brasil. O PT se destacou pelas viagens: gastou nada menos que 2 milhões de reais só para pagar jatinhos para o deslocamento de Lula durante a campanha eleitoral.

Além de mais dinheiro, a provável distribuição recorde de verba pública em 2024 vai gerar como efeito colateral uma maior concentração de renda. Na eleição passada, só doze dos 28 partidos e federações que disputaram conseguiram cumprir a cláusula de barreira, um desempenho eleitoral mínimo para que a sigla continue tendo financiamento público. Ou seja, haverá mais dinheiro em 2024 para um número menor de legendas. O PT e o PL serão beneficiados porque elegeram mais deputados. Mas há espaço para mais gente entrar no bolo. O mesmo PTB, que elegeu apenas um deputado federal, poderá se candidatar à divisão dos recursos se aprovar sua fusão com o Patriota, que já tem parecer favorável da Procuradoria-Geral Eleitoral.

Especialistas consideram que os fundos públicos são importante ferramenta para garantir o funcionamento dos partidos e reduzir o impacto do poder econômico, mas os critérios para a definição do valor e sua aplicação ainda deixam a desejar. O financiamento público eleitoral não é uma “jabuticaba” brasileira. Nos Estados Unidos, candidatos à Presidência podem receber até 20 milhões de dólares, contanto que abram mão de doações privadas. Um estudo da União Europeia constatou que praticamente todos os países-membros adotam um modelo híbrido de verbas públicas e doações privadas e, em geral, o financiamento é destinado às despesas correntes dos partidos e vetado a gastos de campanha. Na Alemanha, os fundos públicos são restritos aos representantes no Legislativo — em 2020, eles receberam 119 milhões de euros. Além da fiscalização frouxa, outro dos desafios do sistema brasileiro é encontrar um equilíbrio entre o uso de dinheiro público e as doações priva-

DINHEIRO À TOA Sergio Moro: o Podemos gastou 3 milhões de reais com o ex-juíz, que trocou de partido

das, na avaliação de Marilda Silveira, professora de direito do IDP e coordenadora da ONG Transparência Eleitoral. “Não faz sentido o financiamento ser exclusivamente público, como também não fazia o modelo de empresas sem limite de doações”, diz.

A história das campanhas eleitorais brasileiras é permeada, infelizmente, de muitas irregularidades. Do voto de cabresto da República Velha aos bilionários fluxos de dinheiro revelados pela Lava-Jato, o que não falta é motivo para as instituições aperfeiçoarem cada vez mais o controle do financiamento, ainda mais quando o que se está em jogo é o dinheiro público. O que se vê no momento, no entanto, é exatamente o oposto disso. Quem paga a conta disso é você, o contribuinte. ■

Colaborou Bruno Caniato



PREOCUPAÇÃO Flávio Bolsonaro: até aliados avaliam que filhos do ex-presidente têm atuação discreta contra o governo

DERROTAS EM SÉRIE

Anunciada como “maior da história”, oposição a Lula vive uma fragilidade precoce sob o cerco a Bolsonaro, o pragmatismo do Centrão e a mão de ferro de Arthur Lira **JOÃO PEDROSO DE CAMPOS**

APOSTA DA OPOSIÇÃO para desgastar o governo, a CPI do MST na Câmara recebeu, na terça-feira 15, o principal líder sem-terra, João Pedro Stédile, um homem muito próximo a Lula. A audiência foi precedida por temores entre governistas de que a comissão, presidida por Tenente Coronel Zucco (Republicanos-RS) e cujo relator é Ricardo Salles (PL-SP), ambos bolsonaristas, desse ordem de prisão ao mili-

tante na primeira oportunidade, sob justificativa de mentir ao colegiado. Embora a chegada tenha envolvido alguma confusão, a oitiva transcorreu sem maiores sobressaltos e pode-se dizer que foi um tiro que saiu pela culatra. Stédile teve palco para defender a reforma agrária e o MST, criticar bolsonaristas e o “agronegócio burro” e até fazer um mea-culpa sobre a invasão de terras produtivas da Embrapa. O

depoimento, anticlimático para os opositores, que o enxergavam como um *grand finale* da CPI, veio em uma semana especialmente crítica ao bolsonarismo, acuado pelas revelações sobre o ex-presidente envolvendo a venda de joias e outros presentes recebidos em viagens oficiais durante o mandato (veja a reportagem na pág. 26).

O momento é mesmo constrangedor para quem prometia fazer a



TERRA ARRASADA Salles: após euforia, CPI do MST tem um fim melancólico

“maior oposição da história” após o resultado das eleições. Derrotado nas urnas, Bolsonaro abandonou o país antes da posse de Lula. Voltou três meses depois, mas não vestiu o figurino de líder de oposição e terminou o primeiro semestre declarado inelegível pela Justiça Eleitoral. No Congresso, deputados de perfil “Centrão raiz” de siglas como PL, PP e Republicanos (a trinca que apoiou Bolsonaro em 2022) passaram a piscar para o atual presidente. Parlamentares das duas últimas legendas, aliás, estão prestes a assumir ministérios. “O avanço do governo sobre partidos que foram aliados de Bolsonaro, o 8 de Janeiro e os recentes infortúnios do ex-presidente praticamente anulam a perspectiva de se ver uma oposição aguerrida”, avalia o cientista político Marco Antonio Carvalho Teixeira, da FGV.

Uma peça-chave nesse naufrágio da oposição bolsonarista, certamente, é Arthur Lira. A expansão do Centrão

pragmático conduzida pelo superpoderoso presidente da Casa reduziu numericamente a legião de parlamentares dispostos a dificultar a vida do governo. A própria CPI do MST ilustra bem isso. Na semana passada, PP, Republicanos e União Brasil trocaram seus membros no colegiado por nomes mais simpáticos ao Palácio do Planalto. O presidente da Câmara anulou a convocação do ministro da Casa Civil, Rui Costa, uma “vitória de Pirro” que a oposição havia saboreado dias antes. A blindagem a um dos mais graúdos auxiliares de Lula foi justificada sob o argumento de que suas atribuições não têm relação com invasões do MST.

Os reveses praticamente enterraram as chances de a CPI ser prorrogada por sessenta dias, o que seria possível se houvesse ambiente político para isso. O melancólico fim ainda não atingiu outra carta na manga que a oposição julgava ter, a CPMI do 8 de Janeiro, mas lá os oposicionistas tam-

bém não conseguiram impor maiores avarias ao governo — pelo contrário, foi nessa comissão que vazaram informações do Coaf sobre transações em dinheiro envolvendo o ex-ajudante de ordens de Bolsonaro, Mauro Cid, e o próprio ex-presidente, e houve depoimentos explosivos, como o do hacker Walter Delgatti Neto, na quinta 17.

As dificuldades da oposição no Congresso se dão até no terreno em que a gestão Lula cambaleou. A tramitação da agenda econômica só deslançou com a ajuda do Centrão, após o governo acelerar a liberação de emendas, privilegiando partidos como PL, PSD, PP, MDB, União e Republicanos. Principal empreitada legislativa do governo até o momento, a reforma tributária, a propósito, deixou marcas no PL, principal sigla da oposição, cuja bancada deu vinte votos favoráveis ao texto. O racha se mostrou claramente em um grupo de WhatsApp com deputados da sigla, onde houve troca de acusações. Um dos hostilizados foi o deputado Yury do Paredão (CE), que depois foi expulso do PL por aparecer em uma foto “fazendo o L” ao lado de ministros.

Além do partido de Bolsonaro, que é individualmente a maior força da Câmara (elegeu 99 deputados), há poucos grupos engajados na resistência ao governo. O PSDB e o Novo também se anunciam como oposição, mas juntos têm dezessete deputados. Há oposicionistas espalhados em siglas da base, mas ovelhas desgarradas como os deputados Rosângela Moro e Kim Kataguiri, ambos do União Brasil paulista. Alguns avaliam que Arthur Lira, em negociações com o governo, não trata a oposição com a seriedade devida. “Como há dois partidos na oposição, um deles muito pequeno, o Novo, Lira acha que tem que dialogar só com o PL”, afirma o líder oposicionista na Casa, Carlos Jordy (PL-RJ).

Uma resistência poderosa ainda se dá entre os evangélicos. Mesmo lide-



BRUNO SPADA/CÂMARA DOS DEPUTADOS

VOO BAIXO Aécio: o tucano jurou oposição a Lula, mas PSDB saiu muito enfraquecido das eleições de 2022

ranças que defendem maior interlocução com o governo têm objeções, a exemplo de Silas Câmara (Republicanos-AM), presidente da Frente Parlamentar Evangélica, e Cezinha de Madureira (PSD-SP), influente deputado evangélico. “Não temos nenhuma conversa ou contato, não fomos procurados pelo governo”, diz Câmara. Os evangélicos andam furiosos com uma resolução do Conselho Nacional de Saúde que recomenda a legalização do aborto e da maconha, mas as críticas não são só ideológicas. “Estou desde o início do governo pedindo agenda com um ministro do meu partido e ele não dá”, reclama Cezinha, referindo-se a Alexandre Silveira (Minas e Energia). “Já apanhamos demais pelo governo em votações importantes ao país, mas podemos lutar pelo Brasil fazendo oposição”, completa. As negociações do Republicanos, partido ligado à Igreja Universal, para ter um ministro também provocam tremores internos. O governador Tarcísio de Freitas (São Paulo) ameaça deixar a sigla se houver adesão. A

cúpula da legenda tem insistido que o Republicanos seguirá independente.

Se não bastasse, há avaliações reservadas de que os filhos de Bolsonaro com mandato em Brasília, o deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) e o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ), têm uma atuação muito mais discreta do que a esperada ante o governo Lula. Com o bolsonarismo na berlinda, a maior oposição no Congresso, mas

feita só à base de muita gritaria, tem vindo dos radicais, como Nikolaus Ferreira (PL-MG) e Zé Trovão (PL-SC). Outros bolsonaristas mais experientes estão bastante ocupados com as próprias dificuldades, como Carla Zambelli (PL-SP), enrolada por sua colaboração com o hacker Walter Delgatti Neto, preso pela Polícia Federal. Colegas influentes de Zambelli apostam na cassação de seu mandato.



MARCOS OLIVEIRA/AGÊNCIA SENADO

RADICAIS Zé Trovão (PL-SC): o maior barulho vem dos bolsonaristas novatos



AS QUATRO ÂNCORAS

Desafiadora, agenda pede uma leitura acurada do cenário político

O BRASIL, como país, está dependente de quatro âncoras. Elas fundamentam o funcionamento da nação e determinam as expectativas que devemos ter do futuro imediato. Dada a qualidade precária de nossa reflexão sobre a conjuntura, as quatro âncoras não são devidamente percebidas pelo observador desatento. Assim cabe explicar quais são elas e como relacioná-las com a conjuntura.

A primeira âncora é a cambial. A existência de reservas abundantes e bem administradas dá uma tranquilidade ao investidor estrangeiro no Brasil e aos nacionais que estão inseridos na cadeia global de produção e comércio. As reservas brasileiras, acima de 350 bilhões de dólares, são uma garantia para que o país negocie com o mundo exterior e tenha caixa para enfrentar alguma adversidade. Não custa lembrar que *cash is king*.

Derivada da existência de reservas, temos a existência de um Banco Central, que possui sólida reputação e expertise reconhecida em gerenciar nossas políticas monetária e cambial. Ter um BC creditável é condição *sine qua non* para que o país seja considerado ambiente saudável para investimentos.

A segunda âncora é a questão fiscal. O novo governo, no intuito de recompor a política fiscal, propôs um novo arcabouço fiscal, em discussão no Congresso. A meta ousada de zerar o déficit primário em 2024 desperta desconfiância nos agentes econômicos. Será que, em meio a uma expansão de gastos e indefinição sobre as fontes de arrecadação, teremos receitas ou cortaremos despesas para zerar o déficit?

A terceira âncora é o controle da inflação. Sem um controle fiscal rigoroso existem dúvidas por parte do mercado se o Banco Central vai entregar uma inflação

dentro da meta. Prevista para 3,25%, o mercado teme que o Banco Central não tenha as condições conjunturais para cumpri-la. A “desancoragem” da inflação é um sinal de alerta que reverbera a preocupação com o desempenho fiscal.

Até aqui comentamos três âncoras. Uma com um desempenho positivo, a âncora cambial, e duas com cenários de incerteza: a âncora fiscal e a âncora do controle da inflação. A quarta âncora é a questão política. O governo necessita ter uma boa ancoragem política que resulte em um avanço positivo das agendas econômicas e fiscais em debate no Congresso. Isso ainda não está claro e depende de uma minirreforma ministerial em curso.

Ter uma boa ancoragem política representa ter uma base de sustentação que apoie uma agenda difícil de temas fiscais, tributários e econômicos no Congresso Nacional. Apenas para lembrar, o cardápio é amplo

e complexo: Orçamento da União; arcabouço fiscal; Carf; tributação de fundos exclusivos; tributação de *offshore*; reforma tributária; desoneração da folha de pagamento, entre outros

Considerando o quadro do início do segundo semestre e os temas em debate, a agenda é muito desafiadora. E que demanda, sobretudo, uma leitura acurada do cenário político. Mas não basta a leitura correta sem a ação consequente.

Para evitar uma “desancoragem” generalizada, no sentido da perda de confiança nas quatro âncoras mencionadas e que resulte em uma grave crise de confiança no país, as lideranças do Executivo e do Congresso vão ter de superar suspeitas e divergências e, efetivamente, trabalhar para evitar um cenário complexo e problemático nos próximos meses. ■

NEGOCIAÇÃO Marcos Pereira: chefe do Republicanos sofre pressão em meio a flerte com Lula

Notório por comandar oposições ferrenhas no Congresso desde o seu nascimento, como ao votar contra Tancredo Neves e a Carta de 1988, o PT foi uma pedra no sapato dos governos anteriores e posteriores aos seus, mas também enfrentou períodos de baixa, sobretudo quando ficou sob o fogo pesado da Lava-Jato. De novo no poder, os petistas se veem diante de uma oposição precocemente fragilizada, o que preocupa, pois uma democracia viva exige contraponto aos governantes e o debate permanente sobre o país. A estratégia política equivocada de Bolsonaro, a sua retirada do jogo eleitoral para 2026, a incrível sucessão de imbróglis policiais e judiciais no seu entorno e o velho pragmatismo do Centrão sob a batuta pesada de Lira, no entanto, minaram rapidamente “a maior oposição da história”. ■

DOUGLAS GOMES/JID REPUBLICANOS



THIAGO MATTOS/ATO PRESS/AG. O GLOBO

SÓ NA COSTURA Lula no lançamento do PAC: ao lado do aliado Paes (à esq.) e de Castro (à dir.), de quem se aproxima

NA CASA DO ADVERSÁRIO

Para avançar no berço do bolsonarismo, Lula coloca o estado no topo da lista do PAC e tece alianças com um amplo leque de caciques locais **LUCAS MATHIAS E MAIÁ MENEZES**

COM UM VASTO histórico de boas votações e alta popularidade no Rio de Janeiro, Luiz Inácio Lula da Silva levou um baque quando a população do terceiro maior colégio eleitoral do Brasil mudou de lado e deu duas vitórias consecutivas a Jair Bolsonaro em eleições presidenciais — na última, ele obteve 56% dos votos. Foi, portanto, com a firme intenção de retomar o espaço perdido em pleno reduto do bolsonarismo, já de olho no pleito de 2024 e na própria corrida presidencial mais adiante, que Lula escolheu justamente o Rio para lançar a terceira edição do Programa de Aceleração do Crescimento, o PAC. Aproveitou um momento em que os ventos lhe são favoráveis, sobretudo após a onda de denúncias de atos impróprios que atinge o ex-presidente. Uma recém-divulgada pesquisa, conduzida pela Genial/

Quaest, indica que o governo avançou 4 pontos percentuais na Região Sudeste e que, pela primeira vez, a parcela de apoiadores à atual gestão no nicho evangélico (50%) superou a dos que a desaprovam (46%).

Os números do PAC revelam quanto o Rio, que receberá o maior aporte do pacote de infraestrutura, anda na ordem do dia. Sozinho, o estado vai abocanhar 342,6 bilhões de reais, quase o dobro da cifra destinada a São Paulo, o segundo da lista. Os recursos serão canalizados a plataformas de petróleo, gasodutos e unidades habitacionais do programa Minha Casa, Minha Vida, proposta que naturalmente conta com apoio integral do governador Claudio Castro (PL), aliado de Bolsonaro que mantém boas relações com o Planalto e não tem demonstrado o ímpeto para herdar os

votos do bolsonarismo que move, por exemplo, os governadores de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), e de Minas Gerais, Romeu Zema (Novo). Em nome de sua recolocação no tabuleiro fluminense, o PT mira ainda emplacar o vice na candidatura à reeleição do prefeito Eduardo Paes (PSD), com a aberta disposição de abrir mão de lançar nome próprio na capital e em outras cidades importantes. “Defendo uma maneira bem flexível de o partido se colocar no Rio”, resume o senador petista Humberto Costa, coordenador do grupo de trabalho eleitoral da legenda.

O pragmatismo explícito se traduz em constantes acenos a siglas do Centrão fluminense, como União Brasil e Republicanos. Na linha de frente das conversas está Washington Quaquá, deputado federal e vice-presidente do

PT, que tem promovido regulares encontros no meio de semana — as “Qua-quartas” — em uma casa do Lago Sul, em Brasília. Entre um papo e outro, o anfitrião, de chinelo e bermuda, serve paellas do restaurante carioca Velho Adonis e feijoadas e galinhadas comandadas por Tia Zélia, uma das cozinheiras preferidas do presidente Lula. A frequência, tão eclética quanto o cardápio, vai desde caciques petistas, como o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, e Alexandre Padilha, da Secretaria de Relações Institucionais, a variados integrantes da casta política fluminense, como Waguinho (Republicanos), o prefeito de Belford Roxo que já avisou que vai trabalhar pelo PT, e Otoni de Paula (MDB), um fervoroso apoiador de Bolsonaro que estuda entrar na disputa da capital, mas não se recusa a ouvir o outro lado. “A gente está formando um time de aliados que vai fazer diferença no páreo presidencial”, aposta Quaqué.

O interesse de Lula pelo Rio não reside apenas em seus 12,8 milhões de eleitores, mas também em duas características demográficas — o predomínio no estado de evangélicos e de famílias com rendimento entre dois e cinco salários mínimos, públicos com os quais o PT tenta se reconectar. Essa cruzada passa pela pragmática aliança com nomes influentes na Baixada Fluminense (onde Bolsonaro recebeu dois terços dos votos em 2022) e do eleitorado evangélico, setores em que Waguinho circula como potente cabo eleitoral. O prefeito é casado com Daniela Carneiro, a ex-ministra do Turismo, e,



FESTA VARIADA Quaqué e sua paella: Padilha (à dir.) e Waguinho (ao lado)

ao contrário do que se poderia pensar, a saída dela da Esplanada não abalou a relação com os petistas, tendo sido muito bem recompensada com nomeações de aliados para o Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT) e para os oito hospitais federais do estado, cujo orçamento passa de 1,6 bilhão de reais e supera em mais de três vezes a verba da pasta do Turismo.

Em prol dessa teia de alianças, as candidaturas próprias do PT no Rio devem ficar restritas a seis cidades de um total de 92, entre elas duas consideradas estratégicas: Maricá, quintal do partido, onde Quaqué duelará pela prefeitura mais uma vez, e São Gonçalo, o segundo maior município do Rio, onde se ensaia coalizão das mais amplas, encabeçada pelo deputado federal petista Dimas Gadelha, que pretende reunir do PCdoB a PSD, Republicanos, MDB, União Brasil e PP. As candidaturas vêm sendo acompanhadas de perto pelo governador Cláudio Castro, que ao mesmo tempo em que não quer subtrair votos do bolsonarismo, os quais o beneficiaram na disputa ao Palácio

Guanabara, faz malabarismos para ficar próximo a Lula. Até agora tem conseguido — Lula, inclusive, passou um pito nos correligionários ao ouvir vaías da plateia dirigidas ao governador na cerimônia de lançamento do PAC. “Não nos interessa uma eleição polarizada. A melhor estratégia para o governador seria tirar férias durante a campanha”, diz um dos mais chegados auxiliares de Castro. O governador, que não fecha portas, foi convidado diversas vezes para a “Quaquarta” e prometeu comparecer.

A maior aposta, no entanto, está na composição em torno de Eduardo Paes. Apoiador de Lula no segundo turno presidencial, o prefeito carioca mantém boa relação com o presidente, mas resiste em aceitar a indicação de um vice petista, ciente de que precisa caminhar rumo ao centro e à centro-direita para tirar votos do nome que emergirá da raia bolsonarista. O PT sempre teceu alianças a torto e a direito do espectro ideológico no estado, mas nunca abriu mão de seu protagonismo com a intensidade de agora. “A orientação de Lula é fortalecer a base no Rio a todo custo e ele já entendeu que, para isso, deve apoiar candidaturas de outras siglas onde não tem força”, explica o cientista político Ricardo Ismael. As costuras seguem a toda. E olha que 2023 nem terminou. ■

REDUTO Bolsonaristas no Rio: eles venceram dois pleitos seguidos





REFORMA TRIBUTÁRIA A ETAPA DO SENADO

Com a presença de:



Arthur Lira

Presidente da Câmara
dos Deputados

Rodrigo Pacheco

Presidente
do Senado



21.08.2023



14 horas

Acompanhe nossa transmissão
ao vivo no Youtube _____





ALOISIO MAURICIO/FOTOPRENSA/AG. O GLOBO

CRISE Ferreira: acionistas estavam insatisfeitos com a gestão do executivo

Pane elétrica

Ex-presidente da Eletrobras, **Wilson Ferreira Júnior** não andava às turras apenas com o governo. Acionistas minoritários da empresa, Jorge Paulo Lemann, Beto Sicupira e Marcel Telles, da gestora 3G, estavam insatisfeitos com a gestão do executivo.

Deu curto

Para o trio 3G, Ferreira tentava se proteger da pressão do governo e atuava com menor agressividade do que o esperado na revisão de contratos, nos planos de enxugamento de pessoal e na caça às indicações políticas. O executivo cansou de tomar bordoadas e renunciou ao cargo.

Mudança a jato

Novo presidente da Eletrobras, Ivan

Monteiro decidiu se livrar de todas as referências do antecessor tão logo assumiu o posto, na terça-feira 14.

Feng shui

Monteiro mandou tirar da sala de reunião do conselho de administração a galeria de quadros dos ex-presidentes da empresa e pediu uma completa sanitização do gabinete da presidência. Por fim, enfeitou o local com buquês de orquídeas.

Fim do assédio

A Petrobras pretende exigir dos fornecedores que tenham políticas rígidas em relação a denúncias de assédio moral e sexual dentro das empresas. A existência de regras contra esses casos deploráveis será determinante para a manutenção ou a assinatura de novas parcerias com a petrolífera.

Agora vai?

Itaú, Bradesco, Santander e Nubank formaram um grupo de trabalho para discutir, com o Banco Central e o Ministério da Fazenda, a possível redução dos juros do rotativo do cartão de crédito, que supera a casa dos 400% ao ano.

De ressaca

A companhia energética Enel foi condenada a indenizar um dos mais renomados bares de São Paulo pelo corte de luz indevido durante a pandemia.

A conta, por favor

O curioso é o tipo de punição aplicada à Enel: a empresa foi obrigada a pagar o equivalente a três dias de faturamento do estabelecimento.

Carga verde

Empresa especializada na produção de lítio, a Sigma Lithium vai passar a exportar para a China cargas do mineral utilizado na produção de baterias elétricas. A expectativa da companhia fundada em 2012 e comandada pelos empresários brasileiros Ana Cabral-Gardner e Marcelo Paiva é de que as vendas atinjam 130 000 toneladas até o fim do ano.

Vai esquentar

Está em discussão na Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP) uma proposta de mudança de modelo tarifário nas usinas termelétricas a gás natural. Como sempre ocorre no Brasil, a ideia é aumentar a mordida tributária. ■

OFERECIMENTO



BANCO
MASTER



DIOGO ZACARIAS/MINISTÉRIO DA FAZENDA

MUDANÇA Haddad: o ministro mostra preocupação com o equilíbrio das contas num governo inclinado à gastança

MÃOS À OBRA

A equipe econômica superou desconfianças e deu andamento a reformas no primeiro semestre. Agora, tem desafios urgentes: desatar o nó do Orçamento e aprovar o arcabouço fiscal

PEDRO GIL

Em dezembro do ano passado, quando o então presidente eleito Luiz Inácio Lula da Silva sacramentou o nome de Fernando Haddad como futuro ministro da Fazenda, um vídeo com não mais que trinta segundos de duração viralizou nas redes sociais. Nele, o ex-prefeito de São Paulo diz que havia estudado economia por apenas dois meses e que tinha o hábito nada correto de colar dos colegas nas provas. Por mais que se tratasse,

obviamente, de uma brincadeira, a declaração feita em uma palestra em 2017 foi tratada como uma confissão. Agentes do mercado financeiro e analistas políticos cravaram que a gestão na Fazenda seria uma tragédia, e não foram poucos os que apostaram em um cenário de terra arrasada para a economia brasileira. Nos primeiros meses de governo, contudo, a agenda reformista associada aos sinais de que haveria responsabilidade fiscal levou velhos críticos a

mudar de opinião. E Haddad passou a ser visto como uma voz dissonante em uma administração inclinada à gastança sem freios. Na economia, porém, os desafios jamais cessam. Agora, o ministro tem diante de si a difícil missão de colocar em prática aquilo que foi exaustivamente debatido no primeiro semestre — chegou a hora, afinal, de desatar os nós que podem emperrar o avanço do país.

Um ponto de partida será a aprovação do Orçamento federal para 2024.



DESAFIO Tebet: para a ministra, só a reforma tributária será capaz de fazer o Brasil crescer de forma sustentável

Pelas regras do jogo, o governo precisa apresentar sua proposta para o Congresso até 31 de agosto. Habitualmente, esse processo tem duas etapas. A primeira é a votação do projeto de Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), definindo assim as regras que servirão, na fase seguinte, para a confecção da Lei Orçamentária Anual (LOA). Não haveria nada de mais nessas diretrizes se um complicador não tivesse sido adicionado à equação.

Antes de aprovar o Orçamento, o governo deseja votar o arcabouço fiscal, o conjunto de normas que colocará algum tipo de freio nas contas públicas ao mesmo tempo que permitirá a realização dos investimentos previstos pela atual gestão. Sem o desfecho do arcabouço, o novo Orçamento se sujeitará às regras anteriores, que ficaram conhecidas como “teto de gastos”. Eis aqui o grande problema: pela fórmula antiga, o governo seria obrigado a cortar 168 bilhões de reais em

despesas, o que certamente comprometeria boa parte de seus projetos para o ano que vem.

Parece muito claro, portanto, que o governo estaria condenado ao fracasso sem o desfecho do arcabouço fiscal. Para isso, é preciso contar com a presteza do Congresso, algo que, em um país como o Brasil, depende essencialmente das boas relações políticas. Nesse campo, Haddad até que vinha se saindo bem, dialogando com as diferentes forças da sociedade, mas falhou há alguns dias ao conceder uma entrevista em que lamentou o excesso de poder da Câmara.

Como era de esperar, Arthur Lira (PP-AL), o presidente da Casa, sentiu-se melindrado, e até cancelou uma reunião agendada com o ministro para discutir a tramitação do marco fiscal. Depois de mandar o recado, Lira voltou a apaziguar os ânimos e garantiu que o projeto deverá ser votado na próxima terça-feira, 22. “O Brasil sofre

AGENDA CHEIA

Os nós a serem desatados nos próximos dias

ARCABOUÇO FISCAL

Os deputados precisam aprovar em segundo turno o novo marco fiscal após alterações feitas pelo Senado

LEI DE DIRETRIZES ORÇAMENTÁRIAS (LDO)

Uma espécie de prévia do Orçamento da União, onde o governo define as prioridades para o próximo ano

LEI ORÇAMENTÁRIA DA UNIÃO (LOA)

É o orçamento propriamente dito, elaborado com base na LDO. O problema é que o andamento da LOA depende do desfecho do arcabouço fiscal – sem ele, estima-se que seria necessário cortar 168 bilhões de reais em despesas neste ano

PRESSA Arthur Lira: o presidente da Câmara prometeu dar celeridade à votação do novo marco fiscal

constantemente porque na maior parte do tempo a política interfere no ambiente econômico”, afirma Alex Agostini, economista-chefe da Austin Rating, agência que, em julho, aumentou a perspectiva da nota de crédito do país.

É consenso entre especialistas que o marco fiscal desenhado pela equipe do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, só funcionará se houver aumento relevante das receitas — ou seja, crescimento da arrecadação. Nesse contexto, a ministra do Planejamento e Orçamento, Simone Tebet, assegura que estão no forno diversas iniciativas que se destinam a cumprir esse objetivo. De todo modo, o arcabouço, ainda que longe do ideal, traz a segurança de que o terceiro governo Lula não repetirá os erros do PT no passado recente, especialmente na gestão Dilma Rousseff, quando o descontrole de gastos levou o país a uma crise econômica sem precedentes. Daí a urgência de votar o marco fiscal quanto antes, e assim dar continuidade às discussões em torno do Orçamento de 2024.

O temor é que a pauta política turve o ambiente favorável que se anun-



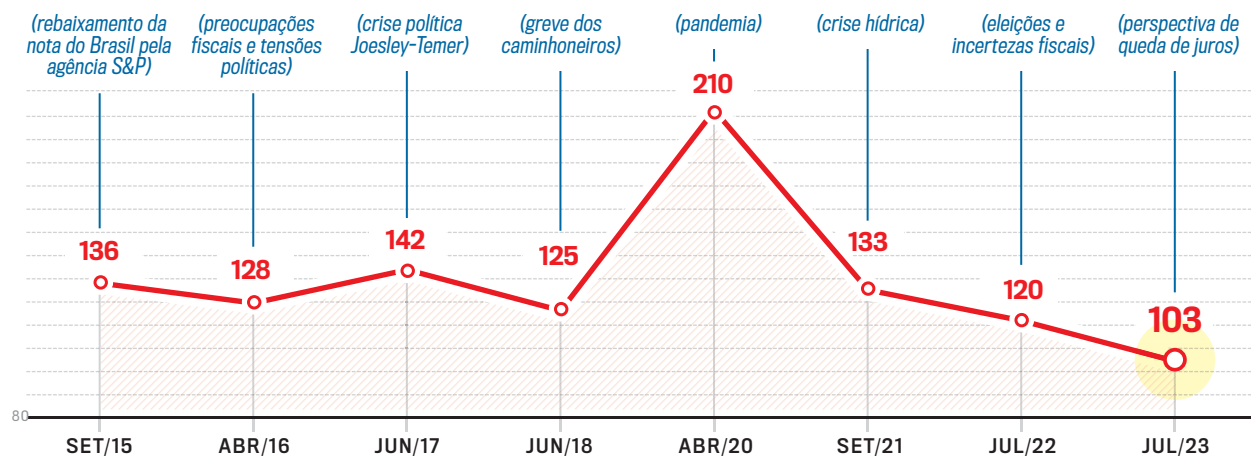
MARINA RAMOS/CÂMARA DOS DEPUTADOS

ciava. Com o início da queda de juros, a safra agrícola recorde, a aprovação em primeiro turno da reforma tributária e o próprio arcabouço fiscal, o mercado começou a ajustar expectativas para o crescimento da economia em 2023. Se em janeiro os analistas

previam um avanço de 0,8% do produto interno bruto (PIB) neste ano, agora projetam 2,3%. Indicadores recentes, de fato, corroboram o otimismo. Indústria, comércio e serviços registraram aumento dos níveis de produção e do emprego no segun-

VIRADA DE JOGO

Com o cenário mais positivo, o **Indicador de Incerteza da Economia** caiu (em pontos)



Fonte: FGV



EM EXPANSÃO Fábrica de tecidos: indicadores da indústria melhoraram



DE GRÃO EM GRÃO Produção de soja: recordes do agro impulsionam o PIB

do trimestre. Associe-se a isso a redução expressiva dos índices de incerteza na economia (*veja o quadro*) — métrica que, afinal, sinaliza a confiança nos rumos do país —, e o que se tem é um cenário em que o Brasil parece pronto para deslanchar.

Não significa, ressalve-se, que não há obstáculos pelo caminho. O primeiro deles é a disposição do governo para tomar decisões equivocadas. Uma delas foi corrigida a tempo: a Petrobras teve permissão para reajustar o preço dos combustíveis e reduzir a defasagem de preços em relação às cotações internacionais. A medida saudável não deveria ser motivo de grandes debates, mas o histórico de ingerência dos governantes brasileiros na empresa mostra que, muitas vezes, o país parece ter compromisso inadiável com o erro. “Vimos neste ano a tentativa de retroceder conquistas consolidadas, como o marco legal do saneamento, a autonomia do

Banco Central e a privatização da Eletrobras”, diz o economista Carlos Kawall, sócio da gestora Oriz e ex-secretário do Tesouro Nacional.

Para a maioria dos economistas, a agenda de reformas é o que dará fôlego extra às atividades. “Se elas forem aprovadas, puxaremos para cima o nosso PIB potencial”, afirma o economista Mauricio Oreg, superintendente de pesquisa macroeconômica do banco Santander. Para usar um jargão futebolístico: a tributária está na marca do pênalti, devendo ser finalizada em no máximo dois meses. “Só tem uma forma de o Brasil crescer pela primeira vez em quarenta anos de forma sustentável e equilibrada: com a aprovação da reforma tributária”, disse a VEJA Simone Tebet, ministra do Planejamento e Orçamento.

Uma questão que traz dor de cabeça para a equipe de Tebet são os precatórios, dívidas do poder público reconhecidas pela Justiça e sem possibi-

lidade de novos recursos. A ministra afirma que o ideal é não classificá-los como despesa financeira, e achar um jeito de garantir os pagamentos. Isso se daria por meio de um Proposta de Emenda à Constituição (PEC), cuja aprovação depende do voto favorável de 308 deputados. Sem a PEC, o governo teria mais um nó apertado a desatar: estima-se que o passivo poderá superar 200 bilhões de reais em 2027.

O histórico recente mostra que o crescimento econômico do Brasil não passou de alguns “voos de galinha” — uma decolagem logo seguida de queda. Na última década, o PIB global cresceu em média 3% ao ano. Entre as maiores economias emergentes, o desempenho foi de 3,3%. Quando se extrai apenas o dado brasileiro, a decepção fica inevitável: 0,6% de expansão média. Mais que se igualar aos pares, crescer de forma robusta é uma necessidade em um país desigual como é o Brasil. Potencial não nos falta. ■

SINAL DE ALERTA

Apagão deixa 25 estados e o Distrito Federal sem luz por períodos de até seis horas e traz de volta o temor de que novos blecautes possam paralisar o país **PEDRO GIL**

A PALAVRA “APAGÃO” passou a fazer parte do repertório dos brasileiros em julho de 2001, quando o país enfrentou a maior crise energética de sua história. O termo não poderia ser mais apropriado. Naquela ocasião, a escassez de chuvas expôs um gargalo até então ignorado pelas autoridades. Após muitos anos sem investimentos no setor e diante da ausência de planos estratégicos, a sociedade descobriu que o Brasil estava exposto aos humores do clima no abastecimento de eletricidade. Com as intempéries, o governo do presidente Fernando Henrique Cardoso não teve outra saída a não ser determinar o racionamento de energia. O apagão cobrou um preço alto. A produção industrial caiu e as pessoas tiveram de enfrentar noites mais escuras. Para FHC, a crise resultou na perda de popularidade e alguns analistas até atribuem a derrota dos tucanos para Lula na eleição presidencial de 2002 ao corte de energia. Desde então, apagão passou a ser sinônimo de trauma para milhões de

brasileiros. E, agora, o temor de novos blecautes voltou a assombrar o país.

Na terça-feira 15, um apagão derubou um quarto do fornecimento de energia do Brasil. Vinte e cinco estados e o Distrito Federal ficaram sem luz por períodos que variaram de duas a seis horas, mas relatos publicados nas redes sociais indicam que, em certas regiões, o restabelecimento do sistema pode ter demorado mais. O episódio chamou a atenção porque o último de tal magnitude havia ocorrido em novembro de 2009, quando falhas em três linhas de transmissão da Usina de Itaipu causaram falta de energia em dezoito estados. Desta vez, também causou preocupação o fato de o governo demorar para indicar a causa do incidente, suscitando todo tipo de especulação. Na quarta-feira 16 veio uma resposta, mas não satisfatória.

O ministro de Minas e Energia, Alexandre Silveira, informou que uma falha técnica em uma linha de transmissão da Chesf, subsidiária da Eletrobras no Ceará, foi o que originou a queda do

EDUARDO FREDERIKSEN/GETTY IMAGES



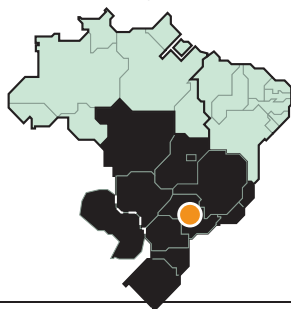
sistema. “Isoladamente, este evento não era suficiente para causar um colapso”, reconheceu o ministro. Silveira disse que, na sequência, um “erro de programação” resultou em uma série de falhas que acabaram por afetar quase todo o sistema. Em nota, a Eletrobras não confirma a teoria: “Ressalte-se que o desligamento da citada linha de transmissão, de forma isolada, não seria suficiente para a abrangência e repercussão sistêmica do ocorrido”. Especialistas dizem que há muito por

UM PROBLEMA RECORRENTE

O Brasil sofreu diversos blecautes nas últimas décadas

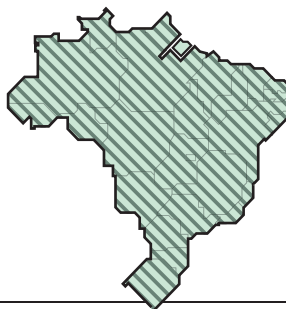
MARÇO DE 1999

Dez estados e o Distrito Federal, além do Paraguai, ficaram sem luz por cerca de seis horas após um raio atingir a subestação de **Bauru (SP)**



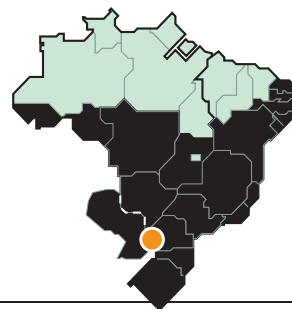
JULHO DE 2001 A FEVEREIRO DE 2002

A escassez de chuvas, associada à falta de investimentos no setor, obrigou o Brasil a adotar o racionamento de energia. A crise ganhou o nome de “**apagão**”



NOVEMBRO DE 2009

Falhas em três linhas de transmissão de **Itaipu** causaram falta de energia em 18 estados e em 90% do Paraguai





ILUMINAÇÃO

Torres em São Paulo: privatização da Eletrobras não tem nada a ver com a queda do sistema

ser elucidado. “É impossível que um problema em uma linha singela tenha causado um problema dessa dimensão”, afirma Luiz Eduardo Barata, ex-diretor-geral do ONS, o Operador Nacional do Sistema Elétrico.

Enquanto as causas definitivas não são reveladas, alguns políticos aproveitam para criticar a privatização da Eletrobras. Logo após o apagão, o ex-candidato à Presidência Ciro Gomes correu ao Twitter para criticar a desestatização. “A entrega do controle

da Eletrobras ao capital privado foi e continua sendo uma das maiores irresponsabilidades que já se praticou no Brasil”, escreveu Gomes. Presidente nacional do PT, a deputada Gleisi Hoffmann engrossou a lista dos descontentes. “Faz tempo que não se falava em apagão e ele acontece justamente agora, depois de um período de desinvestimento que precede a privatização da Eletrobras”, disse ela.

A afirmação de que a privatização da Eletrobras possa ter algo a



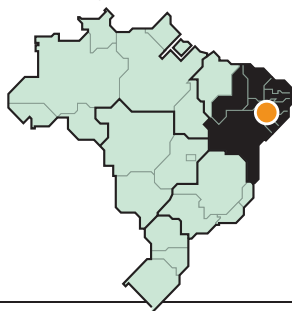
RICARDO BOTELO/ME

INDEFINIÇÃO Silveira: resposta insatisfatória para o problema

ver com o episódio é absurda. “Trata-se do primeiro apagão da Eletrobras privatizada, todos os outros foram quando era uma empresa estatal”, diz Barata. Basta recorrer aos dados oficiais para confirmar que, de fato, uma coisa não tem nada a ver com a outra. Em 2022, o Brasil teve 42 apagões menores, sendo que boa parte deles ocorreu no primeiro semestre, quando a Eletrobras ainda era uma empresa estatal. Em vez de fazer insinuações levianas, o governo deveria se preocupar em investigar a fundo as causas do apagão e trabalhar para que novos eventos desse tipo não ocorram. Afinal, onde há luz não existe escuridão. ■

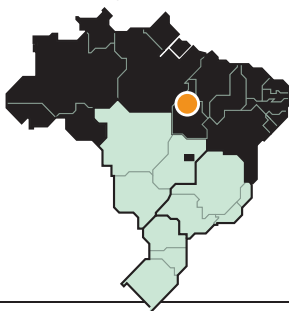
FEVEREIRO DE 2011

Os estados do Nordeste, exceto o Maranhão, ficaram sem luz por cinco horas devido à falha em uma subestação em **Jatobá (PE)**



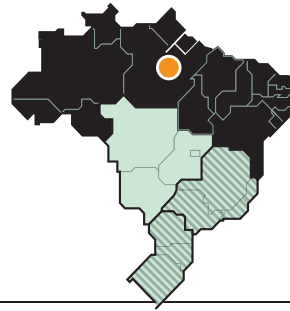
OUTUBRO DE 2012

Todos os estados do Norte, do Nordeste e o Distrito Federal ficaram às escuras em decorrência de um curto-circuito em uma subestação em **Colinas (TO)**



MARÇO DE 2018

Uma falha na subestação de **Xingu (PA)** interrompeu o fornecimento de energia para os estados do Norte, Nordeste e em algumas partes do Sul e Sudeste



POR ESSE NINGUÉM ESPERAVA

Um candidato excêntrico, com um plano de governo ultrarradical, vence as primárias, causa preocupação nos vizinhos e escancara a insatisfação dos argentinos com os políticos tradicionais

AMANDA PÉCHY E CAIO SAAD

De jaqueta de couro e exibindo as costeletas e a juba revolta de sempre, Javier Milei, que se proclama “anarcocapitalista”, seja lá o que isso significa, comemorou a vitória nas Paso, as primárias com voto direto e obrigatório para escolher os candidatos à Presidência da Argentina, bem à sua maneira. “Eu sou o leão, rei de um mundo perdido”, bradou mais alto do que o rock pauleira que servia como música de fundo no palco em Buenos Aires, sob os aplausos

de 10 000 apoiadores. Novato que renega tudo o que compõe a política argentina hoje, proponente de medidas para implodir o *status quo*, Milei, de 52 anos, superou as pesquisas e abocanhrou mais de 30% dos votos, vencendo em dezesseis das 24 províncias. “Vamos pôr fim à casta política inútil, parasita e criminoso que está afundando este país”, proclamou, provocando arrepios nas duas coalizões tradicionais — a Juntos Pela Mudança, de centro-direita, e a peronista União Pela Pátria.

No discurso de vitória, Milei, além de agradecer à irmã Karina, seu braço direito, e aos cinco cães da raça mastim que trata como família, cultivou a esperança de chegar à Casa Rosada logo no primeiro turno, no dia de seu aniversário, em 22 de outubro, alcançando 45% dos votos ou 40% com 10 pontos de diferença sobre o segundo colocado. Será difícil. O Juntos Pela Mudança, tendo à frente a linha-dura Patricia Bullrich (da família que dá nome ao Pátio Bullrich, shopping center que é parada obrigatória dos turis-



LEÃO DIFERENTE
Milei: ele quer acabar
com os controles do
Banco Central. E com
o próprio Banco Central

RICARDO STUCKERT/PR

tas brasileiros), saiu das primárias com 28% dos votos e o União Pela Pátria, do atual ministro da Economia Sergio Massa, com 27%. Esse semi-empate, no entanto, não leva em conta que Bullrich e Massa competiram com outros nomes, enquanto Milei carregou sozinho todas as preferências pelo seu partido nanico, A Liberdade Avança, criado em 2021 — e tem agora dois meses para cooptar descontentes das duas coligações.

O resultado inesperado das primárias, desde sempre uma projeção da



JUAN MABROMATA/APP

RIVAL Patricia Bullrich: a candidata de centro-direita ficou em segundo lugar

eleição geral, é produto da frustração dos argentinos com a crônica disfunção econômica de seu país, que no momento alcança níveis estratosféricos. A inflação anual está em 116% e subindo, só superada pela da Venezuela, Zimbábue e Líbano. A taxa de juros do Banco Central bateu nos 118% ao ano, 1 dólar custa 620 pesos no mercado paralelo, o dobro de um ano atrás (a ilusória taxa oficial de 350 pesos também subiu 40% só em 2023), e mais de 40% da população vive na pobreza, segundo a agência nacional de estatísticas, Indec. As reservas nacionais se esvaem nos cofres do país que é hoje o maior devedor do Fundo Monetário Internacional, o FMI. Os altos impostos levam muitas empresas a operar na informalidade, estampando na fachada a palavra *barrani* — termo usado na Argentina, geralmente com certo orgulho, para designar a economia informal. Cansados de tudo isso, muitos argentinos, sobretudo jovens, se entusiasmam com as radicais propostas econômicas contidas no “plano motosserra” de Milei — um conjunto de marretadas que até pouco tempo atrás ninguém levava a sério.

Ex-goleiro e ex-integrante de uma banda cover dos Rolling Stones, Milei se formou em economia, deu aulas em faculdades, prestou consultoria e escreveu livros, enquanto deslanchava uma carreira no rádio, na TV e no teatro valendo-se de gestos histriônicos e frases de efeito, até se eleger deputado em 2021. Ao longo da trajetória, foi consolidando seu projeto libertário — um conceito nascido na esquerda e, mais recentemente, absorvido pela direita, que consiste em abolir todos os limites da vida em sociedade. Ele quer dolarizar inteiramente a economia, suspendendo qualquer controle sobre a moeda americana, e simplesmente acabar com o Banco Central — uma maquete do prédio de Buenos Aires já foi literalmente explodida em seus comícios. Num sopro de racionalidade, promete cortar drasticamente os gastos públicos e uma das formas seria reduzir o número de ministérios de dezoito para oito, passando a motoniveladora inclusive nas pastas de Educação e Saúde — os dois sistemas, privatizados, alcançariam, segundo ele, qualidade de primeiro mundo.

A defesa do mercado ultralivre se estende ao comércio de órgãos hu-



ERICA CANEPA/BLOOMBERG/GETTY IMAGES

DECLÍNIO O peronista Sergio Massa: prejudicado pela economia e pelas brigas internas de um movimento em declínio

manos, visto que, na sua visão, cada um sabe o que é melhor para si. Aí começa o lado exótico do candidato. Admirador de Donald Trump e de Jair Bolsonaro (que se disse satisfeito com o resultado das primárias), Milei é adepto da teoria conspiracionista de que a esquerda manobra para obter a dominação cultural do mundo, acha que as salas de aula são criadouros de esquerdistas e qualifica o aquecimento global de “mentira marxista”. Na vida pessoal, diz que não penteia o cabelo desde os 13 anos, pratica (e ensina, não se sabe bem a quem) sexo tântrico e diz conversar, por meio de uma médium, com Conan, o mastim que clonou e deu origem a seus quatro “netinhos”. Também entrega seu salário de deputado todo mês ao vencedor de um sorteio realizado ao vivo. No plano social, ele se engaja decididamente no manual da extrema direita: quer reverter a lei que permite acesso ao aborto, revogar conquistas da comunidade LGBTQIA+ e liberar o porte

de armas. “Ele construiu uma imagem excêntrica que o diferencia do establishment que quer substituir”, diz Lara Goyburu, professora de política da Universidade de Buenos Aires.

Na eleição de 22 de outubro, com provável segundo turno em 19 de novembro, seus adversários são Bullrich, herdeira de Mauricio Macri, o

presidente que deixou o cargo execrado em 2019, e o peronista Massa, que carrega o peso do fracasso do atual governo e do declínio do movimento peronista em geral, durante um século a força motora da política argentina. No contexto pós-primárias, Massa larga em desvantagem — sua coalizão está dividida e ele mesmo é visto com



LUIS ROBAYO/AFP

CHEGA DE INFLAÇÃO Protesto: argentinos amargam preços altos e pobreza



O CRIME MANDA RECADO

O tráfico de drogas transforma países frágeis em experiências falidas

desconfiança pela corrente predominante, comandada por Cristina Kirchner. “Massa usa a ideia de que é ruim com ele e pior sem ele”, diz Marcos Azambuja, ex-embaixador do Brasil em Buenos Aires, mas não parece que esteja convencendo muita gente. Os analistas preveem que Bullrich, que rejeita qualquer aliança com o peronismo, defende rápida redução dos gastos públicos e ganhou fama pelas posições duras em questões de segurança, terá mais condições de conquistar eleitores indecisos e eventualmente se firmar como a opção anti-Milei. “A centro-direita e centro-esquerda podem se unir contra a radicalização”, diz o professor de geopolítica da ESPM, Leonardo Trevisan.

Mais do que promover a ascensão de um novato extravagante, as primárias argentinas representam o extravasamento da raiva e do descontentamento expresso no jingle de protestos antigos, *que se vayan todos* (fora todo mundo). “Dessa vez, quem personificou o cansaço foi Milei”, explica Hernán Toppi, professor de ciência política da Universidade Nacional de San Martín. Caso o ambiente persista e ele vença, vai ser difícil governar. Atualmente, a Liberdade Avança tem apenas duas das 257 cadeiras no Congresso, e as projeções indicam que não passarão de trinta em outubro. As relações com os vizinhos, a maioria de esquerda, serão complicadas — antes mesmo de ser eleito, no ano passado, o presidente Lula pediu a representantes da Casa Rosada informações sobre o candidato, e mais recentemente disse que a democracia argentina corre risco. A turbulência prevista para os próximos cinquenta dias será sentida em toda parte. É de deixar muita gente de cabelo em pé. ■

“**ÀS VEZES**, eu sou Deus, se digo que um homem morre, morre no mesmo dia.” A frase de Pablo Escobar era brutalmente real. Ele tinha o poder de dizer quem ia morrer e quem viveria. Na maioria das vezes, escolhia a primeira opção. Em vários sentidos, o traficante colombiano foi um precursor, um gênio maligno do crime com um fraco pela publicidade. Vivemos hoje na América Latina uma realidade em que múltiplos Pablos, embora menos dotados para a autopromoção, na prática tomaram o poder. O narcotráfico deu um salto qualitativo. O poder do dinheiro das drogas corrompe e seu poder absoluto corrompe absolutamente.

O pior efeito é a contaminação das instituições, através de agentes do Estado — policiais, militares, promotores, juízes e políticos eleitos. Quando caem as barreiras das próprias forças que deveriam proteger a sociedade, é a vitória do modelo Pablo Escobar: está tudo dominado.

Países que eram bastante seguros fizeram o caminho inverso e se transformaram nos últimos e pouquíssimos anos em fornalhas incandescentes do crime onde a guerra entre quadrilhas salpica de sangue as listas de homicídios. Foram por esse caminho a Argentina, onde se voltava de madrugada para casa sem nenhuma preocupação, o ordeiro Chile e o tranquilo Equador, tão seguro que havia virado um receptor dolarizado de aposentados americanos. Agora, o espantoso assassinato de um candidato à Presidência, Fernando Villavicencio, evocou os piores momentos da Colômbia na era Escobar. Várias consequências dessa elevação de patamar do crime estão sentidas. Uma delas é o apoio maciço a medidas fora do padrão da estrita legalidade que alimentam os 90% de popularidade do presidente de El Salvador, Nayib Bukele. A

ideia de encarcerar absolutamente todos os bandidos, mesmo atropelando garantias jurídicas, é tão popular que Bukele já tem imitadores. O argentino Javier Milei concentrou sua mensagem ultralibertária na economia, mas também propôs ironicamente o que chamou de uma “nova doutrina de segurança: quem faz, paga”. Teve 30% dos votos nas eleições primárias, antecidas por um clima de enorme comoção nacional pelo caso Morena Domínguez, a menina de 11 anos morta por bandidos de motocicleta por causa de um celular. É possível combater o crime no plano imediato e promover, a prazo mais longo,

o desenvolvimento econômico que dá mais opções aos vulneráveis ao apelo da bandidagem? A alternativa a não fazer isso é virar um narcoestado, como a Venezuela ou agora, tristemente, a Bolívia.

O México é um caso único de luta pela alma da nação, com o poder avassalador dos traficantes ali-

mentado pela proximidade com o maior mercado do mundo. Os métodos de seus cartéis, numa ironia suprema, eram criticados por Escobar: “Os narcos mexicanos não têm bandeira, só matam e matam e matam e não sabem para onde vão”. O megatraficante também chegou a dizer que, entre seus próprios crimes, só se arrependia pelo “das mulheres que matamos” — as adolescentes cujos corpos seviciados brotavam nas estradas de Medellín depois que se suspeitou que, entre as meninas virgens atraídas para servi-lo, havia uma que cooperava com a polícia — e “o do doutor Luis Carlos Galán”, o candidato presidencial colombiano morto num comício em 1989. O Equador tem agora seu próprio Galán num caso que envolve cartéis, sicários colombianos e interesses políticos. É a pior droga que pode haver. ■

“O pior efeito é a contaminação das instituições, por meio de agentes do Estado”

NERVOS EXPOSTOS

Catapultada ao topo das redes sociais pela reveladora entrevista em que expôs desavenças com os pais, Silva-na Taques e Gilberto Elias, **LARISSA MANOELA**, 22 anos, quer mais agora é pensar no futuro – e ele promete. É praticamente certa sua escalção para *Renascer*, remake do sucesso de 1993 da TV Globo que volta às telas no começo do próximo ano e que se tornou sonho de trabalho de dez entre dez celebridades na conjuntura atual. Na novela, Larissa deve ser Mariana, anteriormente interpretada por Adriana Esteves. “Estou bem, seguindo a vida com foco no que vem pela frente e alinhada ao meu propósito”, diz ela, que abriu para o público trechos de áudios de explícita tensão, sobretudo na área financeira – em um deles, ela pede 10 reais à mãe para pagar um milho na praia. A reação familiar veio através das redes. A mãe deixou de segui-la e o pai mandou indireta: “Alimente um cão por três dias e ele lembrará de você por trinta anos. Alimente um humano por trinta anos e ele te esquecerá em três dias”.

INSTAGRAM @ADC: MIR



CAMINHANDO E PENSANDO

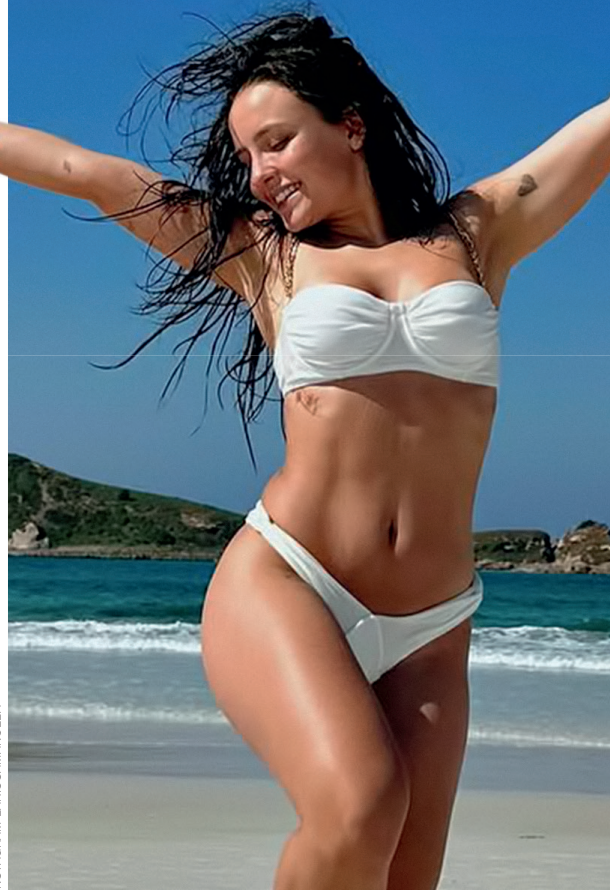
Nas vésperas da Constituinte de 1988, o cantor **ALCEU VALENÇA** teve uma ideia no mínimo insólita: montar



DIVULGAÇÃO

um partido político só com artistas da música brasileira. A proposta, claro, não foi adiante. Essas e outras picardias de sua carreira como cantor, compositor e agitador cultural estão nas mais de 500 páginas da biografia *Pelas Ruas que Andei*, assinada por Julio Moura, seu assessor pessoal. “Ele teve acesso a um vasto material, coisas que eu nem lembrava mais”, diverte-se o pernambucano, agora envolto em outro projeto, o documentário *Vivo!*, sob direção dos premiados Lirio Ferreira e Claudio Assis, que aborda um dos seus álbuns mais emblemáticos. “Desafiei executivos de gravadora que queriam impor músicas ao repertório. Jamais aceitei. O que é meu é meu e boi não lambe”, argumenta. Aos 77 anos, ele segue firme na rotina de exercícios – caminha todo dia, no mínimo, 10000 passos marcados em aplicativo do celular. “Costumo conjecturar bastante nas caminhadas, como faziam os filósofos peripatéticos da Antiguidade”, diz.

INSTAGRAM LARISSAMANUELA





BOCA NO TROMBONE

Em uma escala de dois dias em Brasília, parte de uma visita a América do Sul, a deputada **ALEXANDRIA OCASIO-CORTEZ**, 33, democrata de Nova York e estrela da ala mais à esquerda do partido, fez questão de conhecer projetos sociais e conversar sobre política – ela defende que sejam liberados documentos da inteligência de seu país relacionados à parceria do governo com a ditadura militar do Brasil. “Os Estados Unidos apoiaram golpes que ainda hoje têm efeito maciço. Esse silêncio é chocante, enquanto

a imigração é assunto constante nos noticiários”, esbraveja ela, filha de porto-riquenha. Viajante frequente, AOC, como é conhecida, também deu dica para um trajeto de avião mais confortável: nos voos prolongados, usa meias de compressão (*no detalhe*). As dela são cor-de-rosa.



THOMAS TRUTSCHEL/GETTY IMAGES

CABEÇA FEITA

Mesmo tendo deixado o cargo de chanceler da Alemanha em 2021, **ANGELA MERKEL**, 69, ainda tem as despesas com cabelo e maquiagem cobertas pelo governo, seja qual for o compromisso – e não é pouca coisa. Nos últimos dois anos, ela gastou 55 000 euros (cerca de 300 000 reais) com um novo cabeleireiro e maquiador, baseado em Berlim, que também trabalha como designer de moda, de acordo com documentos obtidos pelo jornal alemão *Tagesspiegel*. “Essa despesa está ligada ao desempenho de funções oficiais contínuas, sejam ou não públicas”, argumenta a chancelaria. Aliás, o atual chanceler, Olaf Scholz, também não economiza com maquiagem e cabelos – bem poucos, aliás.



MEGA/GETTY IMAGES; INSTAGRAM @VALENTERBROTHERS

VIDA QUE SEGUE

Desde que anunciaram a separação, após treze anos de um casamento aparentemente de sonhos,

GISELE BÜNDCHEN, 43, e Tom Brady, 46,

tentam aproveitar a vida de solteiros com o mínimo de alarde – como se isso fosse possível. Ele já foi visto mais de uma vez trocando carícias com a modelo russa Irina Shayk. Ela, após temporada por aqui para compromissos profissionais, foi recepcionada em Miami por seu instrutor de jiu-jitsu e companhia constante, **JOAQUIM VALENTE** (*no detalhe*). Calada quando o assunto é novos romances, Gisele, que não fuma, não toma café, quase não bebe e segue dieta saudabilíssima, revelou em entrevista recente seu único pecado alimentar: docinhos. “É, ainda, onde escorrego, principalmente quando estou no Brasil, onde tem mil doces maravilhosos por todos os lados”, confessa. ■



TEMPO PERDIDO

A saga de um grupo de crianças observadas ao longo de duas décadas é um contundente alerta da urgência de o Brasil se mexer para oferecer bom ensino e, assim, ter chances de avançar

MONICA WEINBERG, de Caruaru



Sempre que um helicóptero rompe os céus de Vila Canaã, distrito pobre de Caruaru, em pleno agreste pernambucano, a criançada se alvoroça. Bate vento, faz barulho e leva o pensamento longe, para cantos do planeta onde nunca pisaram. Em 11 de fevereiro de 2005, o roteiro trouxe algo de inusitado: a bordo da aeronave, que fascinou

ATRÁS DA CERCA A turma que correu para ver Lula em 2005 (abaixo) e agora adultos (à esq.): eles continuam atados ao ciclo da pobreza

o grupo que jogava bola no campinho ao lado, estava Lula, então em seu primeiro mandato. Não sabendo ainda de quem se tratava, mas entendendo ser figura ilustre, meninos e meninas de pés descalços e olhos vidrados se puseram atrás de uma cerca e ali entabularam conversa com o presidente, que perguntou: “Quem aí vai para a escola?”. Todos disseram que iam, mas, naquele dia, a pelada pareceu mais atraente. Receberam da comitiva sanduíches de queijo e bolo de laranja protegidos por papel laminado de um brilho que alguns jamais apagariam

da memória. Lula então despediu-se e embarcou em carro oficial, deixando em Taciana Simião, de 6 anos, a sensação de que, ela também, um dia teria a experiência de olhar o mundo lá de cima. “Vou voar bem alto”, pensou a garota, que aparece no meio da foto que eterniza o momento.

Taciana, a quem chamam de Nega, não alçou nenhum voo desde então, assim como as demais sete sorridentes crianças na fotografia, hoje adultos na faixa dos 20, 30 anos, todos com os pés fincados no ciclo da pobreza. Um atrás do outro, eles foram



RICARDO STUCKERT/IFR

1

JOSIVAN SIMIÃO, 25 anos, abandonou a escola aos 14 para fazer bicos, gosta de folhear os velhos livros do colégio e ainda cultiva o sonho de ser enfermeiro

2

TACIANA SIMIÃO, 24 anos, deixou o colégio aos 13, a mesma idade em que se casou. Um ano depois, engravidou do primeiro de seus dois filhos, de 5 e 9 anos

3

JANAILSON SIMIÃO, 31 anos, largou os estudos aos 15 e resolveu retomá-los já adulto, conciliando a escola com o emprego de auxiliar de cozinha. Hoje tem diploma de ensino fundamental, que guarda como uma joia em casa

4

JAILSON SIMIÃO, 26 anos, estudou até os 16, virou auxiliar de costureiro, mas ainda pretende voltar ao ensino de adultos

5

JOCIANE SIMIÃO, 26 anos, foi até o 6º ano. Até hoje tropeça nas letras quando lê a *Bíblia* e acumula a maternidade de dois filhos com a atividade de costura

6

ROSIMAR JOSÉ, 29 anos, saiu da escola aos 15, foi tentar a vida em São Paulo, onde mora o pai, mas não deu certo. Agora, encara longas jornadas na indústria local de jeans

7

JACKSON MANOEL DA SILVA DE JESUS, 26 anos, frequentou o colégio até os 13, orgulha-se de assinar o nome e está de partida para Minas Gerais, onde vai trabalhar em uma empresa de motosserra

8

RUBISON DAVID LEITE, 25 anos, resistiu nos bancos escolares até os 12. Aos 19, foi preso por tentativa de assalto e hoje, em regime semiaberto, trabalha como garçom em Porto de Galinhas



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



DIVULGAÇÃO

EM CAMPO Buarque volta à cena: “É preciso virar rapidamente a página”, diz

abandonando a sala de aula para trabalhar, a maioria na indústria têxtil, a engrenagem da economia local, onde permanecem. Sua trajetória de imobilidade na pirâmide social é o retrato de um país que não conseguiu nestas quase duas décadas tornar a educação um projeto de Estado, que não mude de direção ao sabor dos ventos da política, nem tampouco se livrou

de ideologias que só servem para turvar a visão. A meninada agora crescida de Caruaru é também um exemplo tristemente contundente de como as portas do bom ensino seguiram fechadas justamente a quem mais precisa dele para desatar o nó das necessidades básicas e subir na vida.

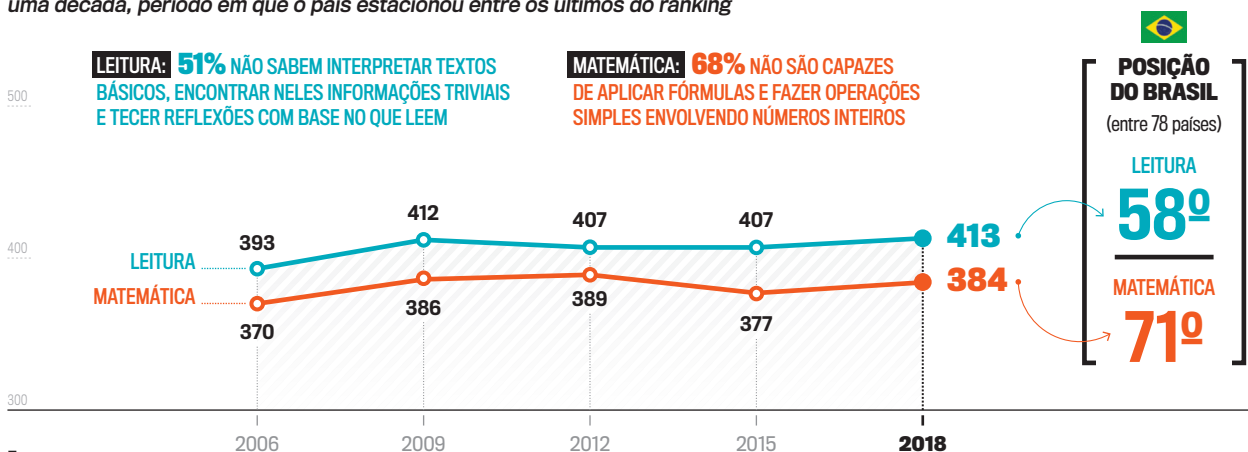
É verdade que, nesses anos, o acesso à escola avançou de forma re-

levante no Brasil, um processo desencadeado ao longo da década de 1990, na gestão Fernando Henrique Cardoso, e impulsionado por Lula, que esticou o ingresso à pré-escola e ao ensino médio. O que continua a emperrar de forma decisiva o progresso individual, e o crescimento do país como um todo, é a maré de notas vermelhas que a educação brasileira acumula a cada nova avaliação, ainda que se verifique uma bem-vinda melhora nas primeiras séries.

A mais abrangente aferição internacional do nível de aprendizado, feita pela OCDE (o clube dos países desenvolvidos), mostra uma perturbadora paralisia nas curvas desde a época em que a turma de Canaã foi clicada. Aos 15 anos, mais da metade dos brasileiros não sabe interpretar textos elementares nem resolver operações simples envolvendo números inteiros, o que situa o país no pelotão de trás nos rankings de leitura e matemática do Pisa, nos quais nações de renda inferior se saem melhor, como Peru, Colômbia e Costa Rica (*veja o quadro abaixo*). “Enquanto vários deles caminharam rumo à excelência, atendendo

NO PELOTÃO DE TRÁS

O desempenho do Brasil no Pisa, a maior avaliação internacional do ensino, aponta que as lacunas acumuladas pelos estudantes de 15 anos em leitura e matemática não foram sanadas em mais de uma década, período em que o país estacionou entre os últimos do ranking



Fontes: Inep e OCDE

às crescentes exigências do século XXI, o Brasil anda a passos lentos”, observa o físico Andreas Schleicher, que pilota as avaliações educacionais na OCDE, fazendo refletir sobre o futuro próximo: o que será que ele reserva aos filhos dessa turma de Caruaru?

Senador pelo PT em 2005, dois anos depois de ocupar o cargo de ministro da Educação de Lula, Cristovam Buarque, colunista de VEJA, bateu os olhos na imagem da garotada do agreste pernambucano no jornal e foi a campo conversar com seus pais. Percebeu que eles não enxergavam na escola um motor para a ascensão de suas vastas proles. Preocupavam-se mais com a merenda — macarrão com sardinha, Nescau com bolacha — e com a manutenção do Bolsa Família, que cobra a frequência nas aulas. Enviou a Lula uma carta intitulada “Estas Crianças Têm Nomes — Como Dar-lhes um Futuro?” e anotou ali uma observação ao presidente: “Você não é o

culpado disso, mas daqui a dez anos será”. Passada uma década, em 2015, Buarque regressou às mesmas ruas de terra batida, e encontrou Taciana, que fora mãe aos 15 anos, e os outros (quatro deles seus irmãos) fora do colégio e vivendo de costurar calças jeans distribuídas do polo de Caruaru para todo o Brasil. Juntavam as letras, mas não extraíam sentido das palavras. “Não tínhamos incentivo para estudar. No meio da pobreza, é duro encarar os livros como um caminho”, reconhece o auxiliar de cozinha Janailson Simião, 31 anos, irmão de Taciana, que achou forças mais tarde para concluir o ensino fundamental e conquistar o diploma, muito bem emoldurado e exibido na parede de casa.

Para finalizar sua pesquisa, que já resultou no livro *Retrato de uma Década Perdida*, Buarque acaba de retornar à Vila Canaã, desta vez acompanhado de VEJA, para averiguar como o grupo chegou à fase adulta. Os oito que lá

atrás, em 2005, traziam no semblante um misto de admiração e esperança falaram à reportagem. Cinco deles nunca haviam saído da vizinhança, um estava de volta após uma malsucedida tentativa de se estabelecer em Santo André (SP), outro se preparava para trabalhar com motosserras em Minas Gerais e um último arranjou emprego como garçom no belo cartão-postal praiano de Porto de Galinhas. Ele é Rubison David Leite, o Rubinho, 25 anos, que deixou a escola aos 12, nunca leu um livro, mas relata ter assimilado conhecimento na aridez do cotidiano.

Aos 19, Rubinho participou com um irmão mais novo de uma tentativa de assalto a mão armada e foi condenado a oito anos, dez meses e vinte dias de prisão — pena que conta nos dedos e, de uns meses para cá, cumpre em regime semiaberto. Arrepende-se, mas não guarda vergonha. Ao filho de 9 anos, diz: “Se estudar, você vai ter tudo o que quiser”. A determinação



LEO CALDAS

ESPERANÇA O pequeno Ângelo (de camisa azul) não tira os olhos dos aviões: “Ainda vou voar bem alto”, promete



LUIS FORTES

PARA POUCOS Dia de Enem: apenas um de cada quatro brasileiros chega à universidade, um motor para a ascensão

que o jovem demonstra é espantosa, mas não encerra a questão, como sinaliza um rol de pesquisas: a trilha para voar alto, como sonham em Canaã, não depende apenas de estudo — é a qualidade do que vai à lousa (ou às telas do computador) que serve de motor à ascensão. “Avançamos na matrícula, mas isso não é sinônimo de frequência, que por sua vez não garante a permanência nem o aprendizado para o mundo contemporâneo”, enfatiza Cristovam Buarque.

O sistema educacional brasileiro funciona como um funil, que a cada ano vai se estreitando conforme os alunos abandonam as salas de aula no meio da jornada, a imensa maioria antes de escalar ao ensino superior.

Apenas 25% dos jovens se matriculam na universidade (a metade da média da OCDE), dado preocupante diante da realidade de um mercado de trabalho cada vez mais exigente e norteado pelas tão requeridas competências do século XXI. Os reflexos no bolso para a minoria que alcança tão almejado patamar são mensuráveis. Quem se gradua na faculdade recebe o triplo do salário daqueles que não completam o ensino médio, e essa diferença vai se alargando. “Como o diploma universitário ainda não é disseminado, conta muito. É uma questão de demanda e oferta”, resume o economista Naercio Menezes, autor de um estudo que reforça a urgência de o país se mexer para se beneficiar

de uma vez por todas da roda da educação. Sua pesquisa traz à luz os ganhos à sociedade de investir em ensino de alto nível desde o princípio do percurso escolar: a criminalidade cai, enquanto a empregabilidade, a inovação e a produtividade disparam.

A visita à escola municipal Capitão Rufino, em Vila Canaã, faz pensar sobre o fosso que separa as crianças que ali estão dessa janela de oportunidades que se escancara para quem consegue chegar tão longe. O colégio passou por uma boa recauchutada desde aquele longínquo 2005, quando dispunha de uma única lousa, três salas de aula para acomodar quase 300 alunos e um muro inacabado. Hoje, há biblioteca, laboratório de informática,

doze salas e até ar-condicionado para apagar temperaturas que ultrapassam os 30 graus no chamado inverno. O problema reside mesmo no que as crianças absorvem. “Apenas 32% das que já deveriam estar alfabetizadas sabem ler e compreender textos simples”, calculou a diretora Rosilene Pereira, lembrando que, em junho, quando Caruaru ferve com os festejos de São João, a frequência despenca à metade, já que a garotada vai ajudar os pais na produção de jeans.

Bem mais adiante, o cenário que se avista no fim do ensino médio também não permite desligar o sinal amarelo — nessa etapa, 63% dos estudantes brasileiros não apresentam nível adequado em português e inacreditáveis 90% patinam em matemática, de acordo com levantamento do MEC. “Não basta mais concluir os estudos para crescer. É preciso dar mostras concretas do que se aprendeu”, ressalta Priscila Cruz, presidente da ONG Todos pela Educação.

Historicamente, os países que ocupam o topo dos rankings da educação, como Singapura e Finlândia, não permitiram que o ensino se enredasse nos modismos nem fosse pensado dentro dos limites de um mandato. Ao contrário, eles se mantiveram fiéis no curso de décadas ao que é cientificamente comprovado, lição na qual o Brasil até hoje tropeça. A trilha para um nível elevado em sala de aula, como já é sabido, envolve professores bem formados e preparados para transmitir o conhecimento sem deixar que as deficiências dos alunos se cristalizem. Com uma cartilha obstinada, a Coreia do Sul, que nos anos 1960, ainda sob as fissuras de uma guerra civil, registrava a metade da renda per capita brasileira, deu um salto na qualidade e, em quarenta anos, despontou entre os Tigres Asiáticos de garras bem afiadas. “Nações que foram capazes de proporcionar bom ensino a muita gente ao mesmo



LEO CALDAS

ATRASSO Escola Capitão Rufino, em Vila Canaã: distante da excelência



SAUNALAHTI SCHOOL

EXEMPLO Finlândia: educação ali virou um projeto de Estado, não de governos

tempo melhoraram rapidamente o padrão de sua força de trabalho, tornando-a capaz de gerar riquezas ao país”, afirma em seus estudos Eric Hanushek, professor da Universidade Stanford, nos Estados Unidos.

Aos 9 anos, Ângelo, filho de Taciana, a menina que encara o observador na foto de 2005, vai à escola, assim como os primos — uns sessenta, nas contas da avó, Maria Ivonete da Silva. Ela teve dezessete crianças, das quais duas morreram e apenas a incansável caçula não interrompeu os estudos. As chances de as novas gerações não abandonarem os livros é hoje substancialmente maior, mas, imerso em um cenário de alta escassez, o pequeno Ângelo, fascinado por um game de corrida que

joga em uma velha TV, tem dúvida sobre se a universidade é coisa para ele. “Vamos ver se dá para mim”, fala o garoto, cujo sustento provém, como o dos outros, de uma soma do Bolsa Família com o que os adultos juntam costurando roupa. “A situação melhorou, sim, só que a gente segue atrás da cerca”, lembra Rosália Rodrigues, a mulher de Janailson, aquele que ostenta, com todo o mérito, o diploma escolar na parede. De repente, todos param para ouvir o som de um jatinho cruzando os céus de Caruaru, e Ângelo expressa, sem saber, o mesmo desejo da mãe quase duas décadas atrás. “Um dia, quero estar lá no alto.” O Brasil torce por ele. ■

Com reportagem de Ricardo Ferraz



NOAH BERGER/AP/IMAGEPHUS

FOGO Incêndio florestal na Ilha de Maui, no Havaí: proporções inesperadas, com mais de 100 mortos

ERA DE EXTREMOS

O El Niño, fenômeno que volta depois de quatro anos e faz aumentar as temperaturas, pode ampliar os impactos do efeito estufa no planeta **VALÉRIA FRANÇA**

DÁ PARA SENTIR na pele, não importa o lugar. Nos últimos anos, a Terra tem experimentado períodos de extremos climáticos: ondas de calor e frio, secas, nevascas, chuvas torrenciais, degelo nas calotas polares e incêndios florestais. Os impactos na vida das pessoas, dos animais e no ambiente são evidentes. Exemplos não faltam. Em julho, em um efeito cascata, foram registradas queimadas no Canadá. Houve inundações na Índia, no Japão e na região leste dos Estados Unidos. Na Europa, as temperaturas escaldantes viraram marca do período de férias. Agora em agosto, foi a vez

das labaredas tomarem a mata em Maui, no Havaí. Com ventos de até 100 quilômetros por hora, provocados pelo furacão Dora, os estragos se ampliaram, incontornáveis. O resultado: cinzas, drama e luto no centro histórico da charmosa cidade de Lahaina, com mais de 100 mortes, algo inédito e vergonhoso no século XXI.

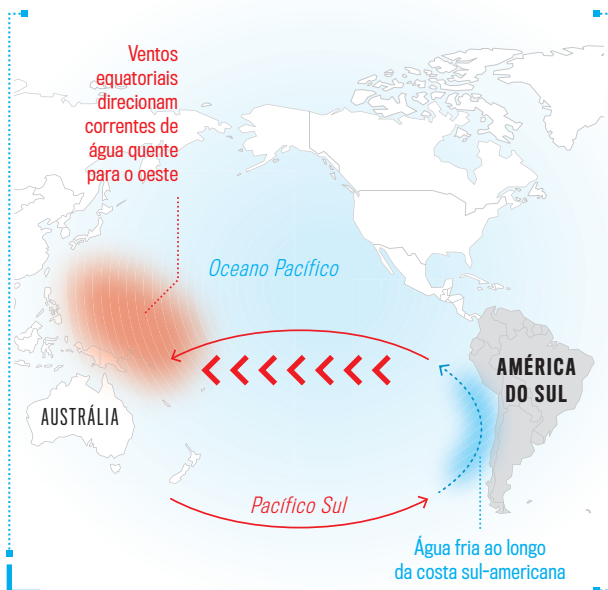
Não há dúvida — a mão do ser humano acelera os estragos. O aumento das concentrações de gases de efeito estufa na atmosfera aquece o planeta e bagunça os padrões de temperatura. Mas há uma dificuldade suplementar, que não pode ser desdenhada: a difi-

culdade de previsão meteorológica com a exatidão exigida. Ela brota em decorrência de um personagem muito falado e um tanto desconhecido, que começou a dar as caras em junho e ganhará corpo nos próximos meses: o El Niño. O fenômeno climático com nome de criança desponta em períodos que podem ir de dois a sete anos — ele apareceu da última vez há pouco mais de quatro anos. Sua característica mais conhecida: o aquecimento anormal do Oceano Pacífico, resultante do enfraquecimento de ventos que sopram do leste para oeste, e dá-lhe calor fora do padrão (*veja o quadro*).

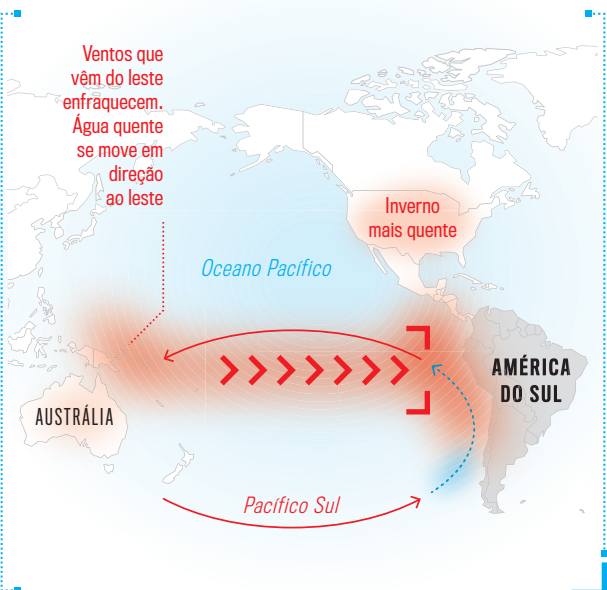
ONDAS DE CALOR

Como funciona o mecanismo de aquecimento das águas do Oceano Pacífico Equatorial

ANO NORMAL



ANO DE EL NIÑO



O El Niño dá as caras, agora, no lugar de sua irmã, La Niña, que provoca efeito ao avesso, com resfriamento anormal das águas do Pacífico. E por que é preciso estar atento aos movimentos do evento radical, a ponto de ele fazer parte das rodas de conversa e das mensagens de WhatsApp? Porque ele é atalho para o calor, alimento para a multiplicação de desastre do clima. “O El Niño ainda está em formação, mas já provocou um aumento de 0,72 grau, na porção equatorial do Pacífico”, diz Danielle Ferreira, do Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet). “Não dá para garantir, ainda, que vá ganhar força, a ponto de vencer a barreira dos 2 graus, quando passa a ser considerado forte.” Mas há atenção, nos próximos meses, e até um período de dois anos, porque o El Niño viria a dar as mãos ao grande vilão da natureza, o efeito estufa. Em julho, a temperatura média global subiu 1,5 grau acima da era pré-industrial, segundo o Serviço de Mudanças Climáticas Copernicus da União Europeia.



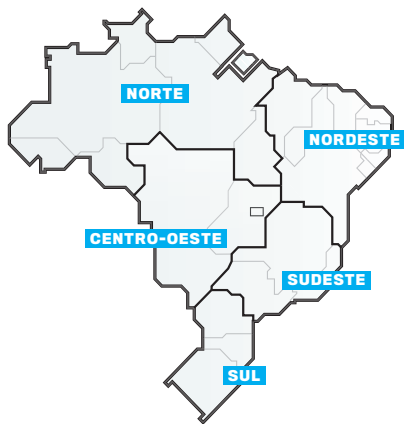
GELO Derretimento das calotas polares: resultado da ampla variação climática

Os brasileiros já sentem na pele, em 2023, o tempo mais seco e quente do que no inverno passado. Já em 2022, apesar da presença da friorenta La Niña, os termômetros foram lá para cima. Neste ano, com o El Niño, a tendência é ainda mais forte, e os graus a mais devem se estender para a primavera e o verão. E então, quando 2024

vier, espera-se que os recordes sejam batidos, um atrás do outro. Há, segundo os especialistas da Nasa, a agência espacial americana, 56% de probabilidade que seja um evento forte e 84%, moderado. Não é o fim do mundo, evidentemente não, e está longe de poder provocar pânico. Mas faz andar os humores da economia.

PADRÕES ALTERADOS

Os principais efeitos do El Niño no Brasil, em cada região



REGIÃO NORTE

Secas de moderadas a intensas no norte e leste da Amazônia. Aumento da probabilidade de incêndios florestais, principalmente em áreas de florestas degradadas

REGIÃO NORDESTE

Como no leste da Amazônia, secas de diversas intensidades no norte ocorrem durante a estação chuvosa, de fevereiro a maio. A região como um todo é muito influenciada também pelas variações que ocorrem no Oceano Atlântico Tropical

REGIÃO CENTRO-OESTE

Tendência de chuvas acima da média climatológica e temperaturas mais altas no sul de Mato Grosso do Sul. Aumento da probabilidade de queimadas durante o período seco no inverno e no início da primavera

REGIÃO SUDESTE

Aumento moderado das temperaturas médias, sobretudo no inverno e no verão. Há também mais chances de fogo no inverno e no início da primavera

REGIÃO SUL

Precipitações abundantes, especialmente na primavera e verão. Aumento da temperatura média. As frentes frias que vêm do sul podem ficar semiestacionadas por vários dias sobre a região, provocando chuvas ao longo de praticamente todo o dia

Fonte: Inpe/Inmet



O mercado financeiro atrelado aos negócios do campo já se movimenta, atento à passagem do El Niño, por haver no horizonte real possibilidade de quebra da safra de grãos. A partir de levantamentos realizados em 100 países, ao medir o vaivém das temperaturas globais dos últimos anos, a Coface, seguradora de crédito e de serviços de informações comerciais, espera redução de colheita nas culturas de cereais, açúcar, óleo e frutas cítricas, no Brasil, mas também em outros países de produção volumosa, como a Indonésia e a Austrália. Com o El Niño, e a partir dele o calor intenso, chuvas torrenciais seguidas de estiagem abruptas, o plantio da safra de verão da soja, prestes a ser deflagrado, estaria comprometido. “Haverá aumento do preço das commodities”, diz Rosana Passos de Pádua, executiva-chefe da Coface Brasil. “A inflação na cesta básica é quase certa.” Aposta-se em cenário ruim porque a

história recente autoriza o prognóstico. Entre 2015 e 2016, com a ação do El Niño, a falta de chuvas na região do Matopiba — que compreende o cerrado dos estados do Maranhão, Piauí, Bahia e Tocantins — trouxe prejuízo aos produtores rurais. Na Região Sul, a abundância de chuvas favoreceu a lavoura do milho, mas prejudicou a colheita de trigo e arroz.

As empresas de saúde privada também se anteciparam ao aquecimento deste ano, prevendo um cenário de crescimento de doenças infecciosas transmitidas por mosquitos. O Grupo Fleury, por exemplo, aumentou o estoque de vacinas em 20%. O calor e a chuva formam o ambiente ideal para reprodução de mosquitos transmissores de doenças como a dengue e a chikungunha. Isso acontece porque, além de se multiplicarem, eles picam mais vezes, para repor as energias despendidas no processo. “Aumenta, portan-



SATISH BATE/HINDUSTAN TIMES/GETTY IMAGES

ÍNDIA Fumacê para atacar a proliferação de mosquitos: no calor, doenças como dengue e malária se espalham mais

to, a probabilidade de os insetos encontrarem indivíduos suscetíveis ao vírus”, diz o infectologista Celso Granato, diretor clínico do Grupo Fleury.

Tanto a dengue como a chicungunha são transmitidas pelo *Aedes aegypti*, cuja disseminação geográfica se expandiu para locais antes considerados “virgens” dessas patologias, como França e Itália. Nesses países existiam casos de infecções em viajantes. Agora, há registros da doença em pessoas que não saíram do país. “Biologicamente o homem demora trinta anos para se adaptar a uma mudança climática, enquanto um vírus precisa de apenas vinte minutos”, diz Granato. Eis aí um bom conselho: a humanidade poderia ser mais rápida na compreensão dos reais danos do efeito estufa, o que inclui tratar o El Niño como adulto, e não como uma surpresa pueril. O conhecimento é que trará tranquilidade e saúde para o amanhã. ■

NEM TUDO SÃO ESPINHOS

Há uma pergunta no ar, incômoda: a agricultura sobreviverá às mudanças climáticas? Ou, posto de outro modo: haverá comida suficiente nas próximas décadas, para uma população esperada de 2 bilhões a mais de pessoas – além dos 8 bilhões que já habitam o planeta? As respostas imediatas, dada a emergência, seriam não e não. Há, contudo, alguma surpreendente esperança. Um amplo e reputado trabalho elaborado por pesquisadores da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz da Universidade de São Paulo (Esalq/USP), ao estudar o comportamento das plantações de soja, indicou que a gangorra desmedida, com muito sol e muita chuva, pode ser compensada pelo aumento da produção de CO₂. Como? O aumento do gás provoca o fechamento dos estômatos da planta, que fica mais resiliente às alterações ambientais. Os estômatos são aberturas observadas na epiderme vegetal que garantem a realização de trocas gasosas entre o vegetal e a atmosfera. “Não estamos defendendo o aquecimento global, é claro, mas


onde havia só problema pode despontar uma oportunidade”, disse a VEJA o agrônomo Fábio Marin, um dos líderes do trabalho publicado no *European Journal of Agronomy*.

O levantamento, feito na região de cerrado dos estados do Maranhão, Piauí, Bahia e Tocantins, indica expansão de produtividade de até 30%. Contudo, a projeção positiva não vale para todo o Brasil. As culturas foram divididas em dezesseis microclimas. Algumas regiões vão sofrer mais com a piora acentuada na distribuição das chuvas. “São pontos onde o volume de água de um mês pode cair em um dia, o que para a agricultura é péssimo”, explica Marin. O aquecimento climático traz riscos para os produtores do Triângulo Mineiro, sul de Goiás e Sudeste, onde as safras terão perdas. O pesquisador alerta: “Mesmo com regiões beneficiadas, as plantas demoram tanto para se adaptar às novas condições que isso implica altos investimentos para chegar aos patamares esperados”. De qualquer modo, saber que a natureza desenvolve “truques” é sempre bom.



GEORGE ROSE/GETTY IMAGES

PLANTAÇÃO Agricultura: o setor pode resistir às bruscas oscilações



NO SANGUE
Herança no DNA:
genes influenciam
de 40% a 80%
dos casos

ENTRE PAIS E FILHOS

Na procura pelo diagnóstico de autismo de suas crianças, progenitores também descobrem ter a condição, fazendo as pazes com o passado e estreitando laços com essa comunidade **PAULA FELIX**

AO EMPREENDEUR uma jornada para desvendar entraves ao desenvolvimento esperado de seus filhos, muitos pais têm feito um mergulho para entender características comportamentais suas que não se enquadram no que é rotulado como “normal”. Nessa busca, não é raro que, feito espelho, passem a identificar que alguns traços típicos da criança se assemelham àqueles que carregam de longa data. E, na procura por especialistas para cravar um diagnóstico para a prole, homens e mulheres acabam ouvindo, já na idade adulta, que também têm o transtorno do espectro autista (TEA). Eis um fenômeno cada vez mais corriqueiro em consultórios, e a ciência busca explicá-lo. Hoje se estima que de 40% a 80% dos casos de autismo estejam relacionados aos genes. Desse modo, quando um filho descobre o transtorno, na teoria um pai também teria mais chances de apresentá-lo — e vice-versa.

Receber o diagnóstico depois dos 30 ou 40 anos tem ajudado pacientes a compreender as dores da infância e a reelaborar seus aprendizados. Um dos efeitos saudáveis é a luta por mais respeito a quem convive com o autismo. Descrita pela primeira vez na década de 1940, a condição passou por mudanças conceituais ao longo do tempo, relacionada sobretudo a inabilidade social, falta de interação com os outros, movimentos repetitivos e necessidade de rotinas rígidas. Com os anos e as pesquisas, foi possível romper estereótipos e trabalhar com a ideia de um amplo espectro, com diferentes níveis de funcionalidade, autonomia e comprometimento.

A artista plástica Vanessa Meyer encontrou a resposta para o que pareciam meros incômodos, mas que impactavam suas relações até com a família, no ano passado. O barulho a deixava agressiva e contatos visuais

mais intensos eram desconfortáveis. Na infância, foi alvo de bullying e re-verberava no seu dia a dia o rótulo de que era uma filha rebelde e geniosa. Depois de se debruçar no diagnóstico de distúrbio do processamento auditivo central do filho de 8 anos — algo que pode acometer pessoas com TEA —, veio seu próprio diagnóstico. “Na minha vida, senti tudo que o autismo mostra, só não sabia o nome”, diz. “Não foi fácil descobrir, mas abracei e aceitei o que sou.”

A descoberta de Vanessa, que também é mãe de uma jovem de 18 anos, ajuda a abrir uma avenida de boas possibilidades: a de que, no futuro, as pessoas sejam mais empáticas e respeitadas com as diferenças — ou, para usar uma expressão em alta, com a neurodiversidade. “As crianças estão mais evoluídas do que os adultos, meus filhos receberam meu diagnóstico com amor e carinho”, conta ela.



CAUSA PÚBLICA Andréa Werner: deputada, que já era ativista, também recebeu diagnóstico após avaliação

O autismo em si não é doença, e costuma ser dividido em três níveis, de acordo com a necessidade de suporte e as manifestações cognitivas, sensoriais e afetivas que se encaixam no espectro. Durante muito tempo, porém, apenas indivíduos com características mais demarcadas recebiam o diagnóstico. Com o conhecimento e a conscientização a respeito, tudo mudou. E aí se vê o tal “boom” de novos casos. Enquanto o primeiro estudo epidemiológico sobre o tema calculava que a prevalência fosse de 4 a cada 10 000 pessoas, hoje se estima que 1 em cada 59 tenha autismo. “Há uma revolução neurodivergente em curso”, diz o psiquiatra Alexandre Valverde, referência nacional no tema e também ele parte do espectro.

O compartilhamento de informações sobre o assunto entre pais e mães com filhos autistas tem auxiliado essa comunidade a enfrentar os percalços para entender e mesmo detectar a con-

dição. Nessa rede, está o doutor em educação Lucelmo Lacerda, que se transformou em um ativista nas mídias sociais depois de idas e vindas no tratamento de seu filho Benício, diagnosticado aos 3 anos, em 2011. Com o trabalho de divulgação científica e as consultas médicas, veio a confirmação de que ele também apresenta TEA — e a investigação confirmou o quadro para seu irmão, dois primos e dois sobrinhos. “Essa descoberta promoveu um envolvimento de outro nível com esse que, agora, é o debate da minha vida”, afirma. E de muitas outras. Depois de seis meses de avaliação, a deputada estadual Andréa Werner (PSB-SP) recebeu o laudo que a pôs dentro do espectro do autismo, bandeira que agarrou após o diagnóstico do filho. Para ela, foi um alento: “Quando se diagnostica a criança, ela vai ter mais autonomia no futuro. Quando se diagnostica o adulto, você cura o passado”. Que assim seja. ■



EM FAMÍLIA Investigação: Lucelmo Lacerda e outros seis parentes descobriram autismo; filho foi o primeiro

COMPREENSÃO

A artista plástica Vanessa Meyer: aceitação do passado e visão de mais respeito para o futuro



**BYD DOLPHIN**
149 900 REAIS

Veículo chinês oferece mais autonomia por preço menor

ORIENTE-SE

Na briga pela popularização dos veículos elétricos no Brasil, montadoras asiáticas assumem o protagonismo ao apostar em tecnologia e preço mais competitivo **ANDRÉ SOLLITTO**

OS CARROS movidos a eletricidade, que há até muito recentemente soavam como promessas vãs na lida com o meio ambiente, ao evitar a poluição, finalmente caíram no gosto da indústria e, por óbvio, do consumidor. Em alguns mercados, a revolução segue em marcha acelerada, em boa parte graças a incentivos fiscais dos governos. Países da Europa, como Noruega e França, oferecem subsídios para a compra, isenção de impostos e até descontos em pedágios e estacionamentos. Os Esta-

dos Unidos também fornecem benefícios tributários a quem deseja trocar um modelo a gasolina por um carro “limpo”. A China, dona da maior frota de veículos elétricos do mundo, anunciou em junho um pacote com valor aproximado de 72 bilhões de dólares em isenções de taxas como forma de impulsionar ainda mais o setor.

No Brasil, a popularização dos elétricos ainda segue em ritmo lento, mas virá, como reflexo do que acontece no mundo — e, sobretudo, na China. O

próximo e natural passo, portanto, será a oferta de veículos elétricos a custo mais baixo, na comparação com modelos americanos e europeus. É assim que a banda toca, de modo inexorável. A grande barreira à adoção de modelos híbridos e elétricos no Brasil é o preço. Nas concessionárias, automóveis de alto padrão, é claro, mas também os ditos populares, mais singelos, saem por um valor elevado — e muito acima de seus correspondentes com motor a combustão. A título de comparação: o pequeno Renault Kwid E-Tech custa algo em torno de 150 000 reais, mais que o dobro do modelo semelhante alimentado por combustível fóssil, vendido por 70 000 reais. Mesmo os carros elétricos considerados de “entrada do portfólio”, de marcas como JAC Motors e Caoa Chery, estão na mesma faixa.



DIVULGAÇÃO



ALISSON DEMETRIO/DIVULGAÇÃO

GWM ORA 03 150 000 REAIS

Novidade deve mexer com
o valor de outras marcas

É certo que, no saudável jogo da concorrência, respeitadas as normas, a agressividade das montadoras chinesas mudará o mercado. Elas estão trazendo modelos maiores, mais potentes e completos por até 150 000 reais — valores competitivos até em relação a carros convencionais. Quem está à frente do movimento é a BYD, maior fabricante de veículos eletrificados do mundo, que bateu a marca de 5 milhões de unidades produzidas, a maioria na China. Por aqui, acaba de lançar o Dolphin, hatch com acabamento caprichado e autonomia de 300 quilômetros com uma única carga. O objetivo é estar entre as principais fabricantes do país em até cinco anos, produzindo 20 000 unidades por mês. Para isso, investirá 3 bilhões de reais na fábrica em Camaçari, na Bahia, que era da Ford.

Na briga monetária, a resposta foi imediata. Quem já oferecia veículos elétricos de entrada, como a também asiática JAC, baixou os valores: o E-JS1, por exemplo, baixou para 140 000 reais. Outra chinesa novata no Brasil, a GWM, conhecida pelas três versões de seu SUV híbrido Haval H6, anunciou o lançamento do Ora 03, seu novo veículo totalmente elétrico. Com visual chamativo, potência e autonomia superiores às dos concorrentes, terá uma versão na faixa dos 150 000 reais — as primeiras unidades devem ser entregues em outubro. A disputa pela primazia no mercado chinês entre BYD e GWM, portanto, deverá ser vista também nas ruas brasileiras.

É evidente que alguns obstáculos à disseminação em larga escala dos elétricos continuam a existir. Um deles é a

falta de incentivos. Em São Paulo, por exemplo, a isenção de IPVA de veículos eletrificados ainda está sendo debatida — por enquanto, o estado oferece apenas liberação do rodízio. Outras praças discutem projetos semelhantes. A infraestrutura de carregamento das baterias é outra preocupação pertinente. Nos centros urbanos há uma crescente oferta de tomadas de carregamento rápido, e alguns modelos já acompanham o sistema para ser instalado em casa. Mas quem precisa encarar viagens longas terá problemas para garantir a carga necessária. E o preço, reafirme-se, embora reduzido, continua elevado para boa parcela da população. Contudo, é de esperar reviravoltas aceleradas. Afinal, o caminho de transformação na indústria automotiva parece traçado. ■



OMAR VEGA/GETTY IMAGES

ROSA O craque de 36 anos, aposta do Inter Miami, de Fort Lauderdale, na Flórida: a messimania no soccer americano

DOIS CAMINHOS

A ida de Messi para os EUA e a de Neymar para a Arábia Saudita iluminam diferentes conduções de carreira — ótima, no caso do argentino, e perdida, na do brasileiro **CAIO SAAD**

O QUE É, O QUE É? É rosa, mas não é *Barbie*, o arrasa-quarteirão que fez mais de 1,8 bilhão de dólares em todo o mundo e no Brasil já foi visto por mais de 10 milhões de pessoas? A resposta: a cor do uniforme do Inter Miami, o time de futebol de Fort Lauderdale, na Flórida, de propriedade de David Beckham e alguns outros sócios, e que acaba de contratar o argentino Lionel Messi. Viver, naquele pedaço dos Estados Unidos, a messimania — ela não tem a dimensão da barbiemania, mas provoca imenso alvoroço. O camisa 10 argentino, de 36 anos, receberá o equivalente a 315 milhões de reais para cada um dos dois anos de seu contrato. Terá, ainda, direito a participação de lucros do time depois da aposentadoria e percentual dos ganhos da Adidas, principal fornecedora da liga de soccer.

O que é, o que é? É azul na aparência, anda com as mangas de fora, quer aparecer, mas vem de um país autocrata em que o céu não está para brigadeiro? A resposta: o uniforme do Al-Hilal, equipe da Arábia Saudita, que levou Neymar. O brasileiro, de 31 anos, vendido pelo PSG, embolsará 850 milhões de reais por ano, em duas temporadas.



LEWYR MARTINS

Os destinos de Messi e Neymar, ao decidirem, já perto do fim da carreira, calçar as chuteiras em dois novos centros do futebol, são semelhantes apenas na aparência. Iluminam, contudo, duas escolhas distintas. Mais do que isso, revelam o modo inteligente e organizado com que o argentino construiu sua carreira e a maneira torta e bagunçada com que o brasileiro trilhou a sua. Messi ganhou tudo o que quis — foi sete vezes o melhor do mundo, ergueu quatro vezes a taça da Liga dos Campeões e, glorioso, levou a Argentina ao tricampeonato mundial no Catar. Neymar não ganhou nada do que imaginava — não foi o melhor do mundo, ganhou uma única Champions (mas tinha Messi ao lado no Barcelona) e, com a canarinho brasileira, mais rolou no gramado do que jogou.

Um, o herdeiro de Maradona, até abriu mão de um convite saudita, também do Al-Hilal (na casa de 1 bilhão de reais a cada doze meses), para apostar nos Estados Unidos, que em 2026 dividirá a Copa do Mundo com México e Canadá. O outro, que nasceu

“LOVE, LOVE, LOVE” A despedida de Pelé no Cosmos, em 1977: mito



AZUL O atacante de 31 anos, estrela do Al-Hilal, equipe forte do Sauditão: “Sempre quis ser um jogador global”

como filho de Pelé, mas decepcionou, nem escolha teve — queria mesmo era retornar para o Barcelona, pensava permanecer na Europa, mas foi esbanjado pelos dirigentes catalães e pelo treinador Xavi. Sentiu a cor do dinheiro, e não é pouco (são 26 reais por segundo, 1 600 reais por minuto...), e decidiu mergulhar no ostracismo da Arábia Saudita. Sim, há algum estardalhaço artificial com mais de 1 bilhão de dólares na mesa para atrair estrelas envelhecidas, como Cristiano Ronaldo, de 38 anos, no Al-Nassr, e Benzema, de 35, no Al-Ittihad, mas é mais fácil passar um camelo pelo bu-

raco da agulha do que considerar o Sauditão interessante. Não é. “Sempre quis ser um jogador global”, disse Neymar, com um tanto de desfaçatez.

Os Estados Unidos também representam acostamento — mas a história mostra que há, ali, espaço para novidades. E os americanos, convenhamos, sabem como fazer do limão uma limonada. De algum modo, e não há aqui exagero, a chegada de Messi tem um quê do tom do desembarque de Pelé no Cosmos, em 1975. Mas há diferenças, e elas precisam ser destacadas. A primeira delas: o charme e o poder amplificador de Nova York.

Além disso, o Rei foi recebido pelo presidente Gerald Ford e, na partida de despedida — “e Pelé disse love, love, love”, como cantou Caetano Veloso —, atraiu ninguém menos do que Muhammad Ali. Messi faz a caixa registradora tilintar, o Inter Miami saltou de 1 milhão de seguidores no Instagram para 14 milhões de fiéis, mas talvez não produza o efeito de Pelé, que praticamente inventou o futebol pelas bandas de lá.

E Neymar? Pode vir a se tornar um garoto-propaganda do xequê, e só. Talvez fizesse melhor se seguisse os passos de Messi, amigo de longa data, na Espanha e no PSG, com quem compartilhou celebrados sorrisos depois da derrota na Copa América de 2021. Mas ninguém, além dos sauditas, o quis. “Messi sempre passou a imagem pública de um homem de família, com uma vida estável, sem excessos”, diz Simon Chadwick, autor de *The Geopolitical Economy of Sport: Power, Politics, Money and the State*. “Não é o caso de Neymar.” Se tudo der errado, e não for possível pregar no deserto, ele terá o quadrúplex de pelo menos 20 milhões de reais em Camboríu, cujas chaves acaba de receber. ■

SORRISOS

O abraço depois da derrota do Brasil para a Argentina na Copa América: amigos



FARRA DA NEVE

O elo dos brasileiros com gélidas paisagens vem se estreitando — e eles já são vistos nas mais prestigiadas pistas do planeta. No Valle Nevado, viraram maioria **VALMIR MORATELLI**, do Chile

A **RELAÇÃO** do brasileiro com a neve foi sendo estabelecida lentamente no curso da história. O primeiro grande contato com a brancura em paisagem nacional data do século XIX, quando o pequeno município gaúcho de Vacaria registrou uma incidência de flocos como nunca antes nestas terras tropicais, algo em escala digna de ingressar para o livro das ocorrências raras no país. Desde então, às vezes volta a acontecer, sobretudo na região Sul. E assim o elo foi se estreitando, até que começamos a desbravar Bariloche, na Argentina, na década de 1990, época de câmbio ultrafavorável. Aos poucos, os brasileiros tomaram gosto por explorar o cenário nevado a bordo de esquis — a ponto de se ouvir português por toda a parte nas pistas mais badaladas do planeta, dos Estados Unidos à Europa e, naturalmente, na própria América Latina.

Nos últimos invernos, notou-se um afluxo fora do comum de turistas do Brasil nas bandas do Chile, onde eles passaram a representar o maior contingente de estrangeiros no Valle Nevado, a uma hora de carro da capital, Santiago — um cenário que oferece trilhas classificadas pelos entendedores como de “mais alta complexidade” na comparação com as de Bariloche. Incrustada na Cordilheira dos Andes, a 3 000 metros de altitude, fica uma vila formada por três hotéis, bares, restaurantes e condomínios de casas com arquitetura alpina. É ali que estão instaladas quarenta pistas para todos os gostos e capacidades. Não fosse pelos termômetros frequentemente abaixo de zero e a moldura dos Andes, poderia se pensar estar em um cartão-

postal brasileiro, tamanha a presença de placas em português e iguarias como feijoada e pão de queijo no menu. “Eles são os que mais gastam dinheiro por aqui”, afirma Ricardo Margulis, diretor-geral do complexo.

Deslizar sobre relevos espetaculares nunca é um programa barato, mas para brasileiros a rota em solo sul-americano acaba saindo mais econômica do que em pistas como as de Courchevel, na França, ou de Aspen, no Colorado. Um dos alívios ao bolso é que a conta não é paga nos valorizados dólar ou euro. Também a passagem aérea para o país vizinho pesa menos. Há esquiadores de variados quilates nas geladas descidas chilenas, inclusive muitos neófitos. O engenheiro elétrico Wagner Franklyn, de São Paulo, decidiu fazer uma surpresa e levar a família para conhecer o Valle durante uma viagem ao Chile. Fizeram um bate-volta de Santia-



go recheado de selfies e diversão. “Ficamos eufóricos em pisar na neve pela primeira vez”, conta Wagner, ao lado da mulher, Gislene. “Nos comunicamos perfeitamente emportunhol por lá”, completa ela.

Por onde quer que se olhe, é praticamente impossível não esbarrar com entusiasmadas rodas verde-amarelas. As caixas de som do Valle são embaladas por funk e, nos bares, a caipirinha, quem diria, desbancou o pisco sour, campeão absoluto da coquetelaria chilena. Às sextas-feiras, garçons fluentes em português servem a famosa feijoada. “Até me confundem com brasileiro”, orgulha-se o recepcionista Reinaldo Apaplasa, 34 anos, cujo sotaque do interior paulista foi assimilado junto à clientela. Houve um tempo em que eram os americanos que apareciam em maior número, realidade que se transformou com o maciço avanço dos brasileiros — 10% a mais hoje do que em 2019.

Um conjunto de fatores atrai tanta gente àquelas pistas, entre eles as generosas camadas de neve que resistem firmes ali até o fim de setembro, mesmo nestes tempos de aquecimento global. O complexo do Valle Neva-



HABLAMOS PORTUGUÊS Placas e menu para brasileiros: invasão

VALMIR MORATELLI



REPAGINADO

Complexo do Valle Nevado: depois da fase de abandono, o negócio está sob nova direção

DIVULGAÇÃO



VALMIR MORATELLI



VALMIR MORATELLI

NOVATAS NA PISTA Gislene (à esq.), de São Paulo, e Leila com a filha Ester, de Salvador: contato direto com o gelo

do, que andava meio abandonado e chegou a ingressar em processo de recuperação judicial, também passou por uma boa repaginada depois que a empresa americana Mountain Capital Partners assumiu a administração — a mesma que cuida de resorts de neve em Utah e no Colorado, nos Estados Unidos (onde, aliás, a multidão brasileira só faz crescer na temporada do frio). Na concorrida Aspen, por exemplo, eles ficam apenas atrás dos australianos.

Há três categorias de hotel para os que preferem pernoitar em meio às montanhas. A brincadeira, com direito a comida à vontade, voo de helicóptero até o cume e quarto com acesso próprio às pistas, pode ultrapassar os 5 000 reais por pessoa a diária. O contato Brasil-Chile costuma se dar na mais santa paz, mas às vezes o jeitinho brasileiro causa lá suas estranhezas. São relatadas pelos locais as sucessivas tentativas de os vizinhos entrarem em restaurantes com garrafas

de vinhos compradas em mercadinhos, mesmo quando não há política de rolha no estabelecimento, e certa displicência com o horário das reservas. Nada que roube a alegria da farra no gelo. “Gosto de ir em busca de sol e praia nas férias, mas queria algo diferente desta vez”, diz Ester Müller, que viajou de Salvador com a mãe, a médica Leila Freitas. Elas e muitos outros já não se contentam com a neve a distância e querem, sempre que dá, estar sobre um belo par de esquis. ■



RAFAEL RENZO/CASACOR

REFÚGIO Projeto de Isabella Nalon na CASACOR: pensado para embelezar e relaxar

CASA NA ÁRVORE

As florestas particulares se consagram como ingrediente decisivo da arquitetura de interiores, tendência que une beleza natural, frescor mental e sustentabilidade nos lares **SIMONE BLANES**

MUITO ANTES de o mundo enfrentar a pandemia, o poeta gaúcho Mario Quintana (1906-1994) já intuía que “em tempos de céus cinzas e chumbos, nós precisamos de árvores desesperadamente verdes”. Pois a crise da Covid-19 fez o mundo sentir na pele essa necessidade: confinadas em casa, as pessoas logo perceberam que ter vegetação por perto, entre quatro paredes, as conectava com a natureza. Era um modo de atravessar meses turbulentos em meio a tanto concreto. Não à toa, nos dois primeiros anos da pandemia, o mercado de plantas cresceu entre 10% e 15% no Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Floricultura (Ibraflor). O vírus perdeu força, mas o verde pediu passagem e se enraizou.

As plantas na decoração são, hoje, uma das principais tendências na arquitetura de interiores. O que antes era um jogo de vasilhas na varanda ou um canteiro no quintal se transformou em florestas internas e particulares com espécies que vão das mais discretas às mais exóticas e exuberantes. Ainda que felizmente estejamos isentos das amarras das quarentenas e vivendo ao ar livre, a ideia de pensar o lar como um refúgio de bem-estar colou de vez. Desse modo, salas e quartos deixam de ser mero abrigo de móveis, mesmo que sejam refinados e exclusivos. O mantra não é só ver, mas conectar-se com o entorno. “As pessoas perceberam que precisam respirar”, afirma o arquiteto Sig Bergamin,

que recheou de verde seu espaço na edição 2023 da CASACOR, em São Paulo, ao convidar os visitantes para o que chamou de “imersão biofílica”.

Agora, na concepção dos projetos, as antigas extravagâncias com o mobiliário dão lugar a montagens menos opulentas, mas capazes de proporcionar experiências gostosas, sensação de conforto e ligação com o meio ambiente. “A diferença é que hoje as pessoas também querem cuidar de suas plantas”, diz Bergamin. “Não estão mais preocupadas se vão sujar a casa, e sim em cultivá-las.” Para seguir a nova ordem do dia, contudo, é preciso se informar e aprender quais espécies combinam melhor com lugares fechados. A luminosidade, direta ou indire-



DIVULGAÇÃO/WSGN

COR DO ANO *Apricot crush*: eleita a tonalidade ideal para 2024, combina perfeitamente com o verde



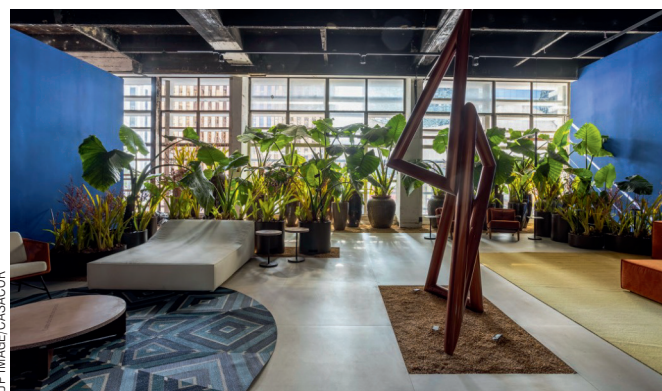
FRAN PARENTE/CASACOR

RESPIRO
Espaço de Sig Bergamin:
alívio para a mente



FAVARO JR/CASACOR

ONIPRESENTE Sala de Carla Felippi: a natureza em cada cantinho



JP IMAGE/CASACOR

PEQUENA MATA Criação de Luciano Zanardo: experiência com espécies nativas colhidas em campos brasileiros e replantadas

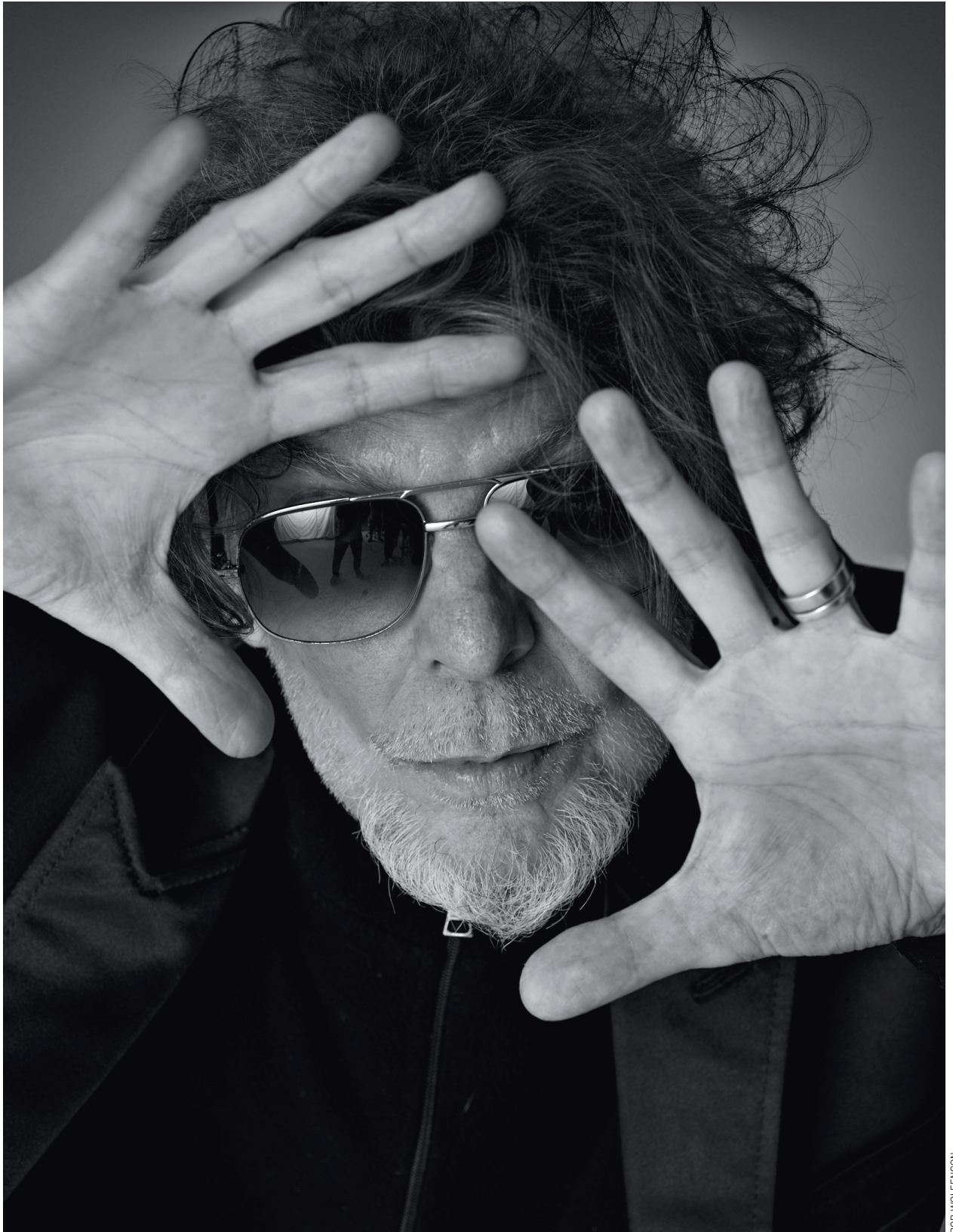
ta, e a rega adequada estão entre os fatores preponderantes para o verde prosperar. Tendo em vista essa dinâmica e a praticidade na rotina, entre as mais pedidas atualmente estão espadas-de-são-jorge, jiboias, dracenas e alguns tipos de samambaia, entre outras plantas ornamentais. “Todo mundo pode ter um espaço verde em casa, de um jardim vertical a uma *urban jungle*”, diz o paisagista Luciano Zanardo, que elegeu as bromélias e alo-cásias, as preferidas do arquiteto Burle Max, como as grandes estrelas de sua Praça do Polinizador na mostra Corpo & Morada da CASACOR.

Além de trazer frescor e alegria ao ambiente, ainda que o morador esteja cercado de uma selva de pedra, as

plantas são peças determinantes para os momentos de respiro que precisamos ter no dia a dia. Sem contar seu papel fundamental para a manutenção do ecossistema e do clima. Nem o benefício à saúde mental, já apontado por alguns estudos, escapa ao olhar dos designers: afinal, o verde propicia alento e revitaliza o senso de cuidado com a casa e a natureza. Soa óbvio, mas não é, há ciência envolvida.

A natureza é tão onipresente na decoração que até os tons que mais combinam com o arvoredo estão em alta. O destaque são os matizes terrosos, num casamento adequado. Faz parte dessa paleta a cor que foi eleita pelos especialistas para 2024, o *apricot crush*, uma espécie de laranja mais

suave obtido pelo equilíbrio entre o amarelo e o vermelho, que, adivinhe, orna perfeitamente não só com as plantas, mas também com itens feitos de fibras e tecidos naturais, como palha e bambu. Foi essa harmonização que deu o tom dos projetos apresentados pelas arquitetas Isabella Nalon e Carla Felippi em seus respectivos espaços na mostra paulistana, uma mistura de apelo sustentável com convite a desfrutar do lar em um clima de relaxamento e paz de espírito. Nestes tempos em que a natureza foi tão agredida lá fora, resta ao homem fazer o possível para preservá-la e repovoá-la aqui dentro. Sim, precisamos de árvores desesperadamente verdes, como cantou o poeta. ■



BOB WOLFENSON



MINHA VOZ É MINHA EXPRESSÃO

Aos 61 anos, Branco Mello, dos Titãs, conta como voltou a cantar após superar um câncer na garganta



HÁ QUATRO ANOS, fui diagnosticado com um tumor na garganta, que foi eliminado com radioterapia e quimioterapia. Em 2021, o tumor voltou e, desta vez, a única maneira de resolver era por meio de cirurgia, com a retirada da laringe. Cantar sempre fez parte da minha vida e eu não tinha ideia de como ficaria minha voz e nem mesmo se voltaria a falar. Quando acordei da operação e ouvi da Angela, minha esposa há mais de trinta anos, que tudo correria bem e a equipe médica havia removido apenas metade da laringe — ou seja, a corda vocal direita pôde ser preservada —, fiquei tão feliz e aliviado que é difícil descrever em palavras. Eu teria uma voz e uma vida diferentes, mas estava vivo. Em fevereiro do ano seguinte, apenas três meses depois, comecei uma nova luta. Me internei para a retirada de outro tumor, desta vez na base da língua. Eu estava na UTI após a cirurgia quando sofri uma hemorragia e, antes de apagar, tive a sensação plena de que estava partindo. Cheguei a me despedir da Angela. Naquele momento me senti, surpreendentemente, sereno e em paz. Era uma sensação interessante e flashes da minha vida passaram pela minha cabeça. Felizmente, a hemorragia foi controlada e me recuperei. O amor e cumplicidade da Angela, dos meus filhos Bento, Joaquim e Diana e do nosso neto Pedro também foram fundamentais na minha recuperação.

Tenho poucos e ótimos amigos que estiveram muito presentes nesse processo também. Quando decidimos fazer a turnê do *Titãs Encontro* com o Arnaldo Antunes, Nando Reis, Charles Gavin e Paulo Miklos, eu já tinha tirado a traqueostomia e estava conseguindo falar, mas ainda não sabia se poderia cantar. Estaria feliz nem que fosse apenas tocando baixo e celebrando minha volta aos palcos. Ao longo do processo de recuperação, a Angela me apresentou Gilberto Chaves. Ele é cantor lírico, fonoaudiólogo e achou que eu poderia voltar a cantar. Partimos

para fazer essa recuperação vocal para os shows. Eu já havia feito um tratamento intensivo com as fonoaudiólogas Irene Vartanian e Glaucya Madazio, de reeducação da deglutição e da voz. Quando os ensaios começaram, eu senti que já estava preparado para cantar minhas músicas e encarar todos os backing vocals. A primeira delas foi *Cabeça Dinossauro*. Costumo dizer que, quando a gravei, lá nos anos 1980, minha ideia era cantá-la com uma voz parecida com a que tenho hoje. Outras canções, como *Eu Não Sei Fazer Música*, *32 Dentes*, *Tô Cansado* e *Flores*, por exemplo, ganharam nova dimensão e peso porque trazem a história da minha vida na nova voz. A turnê fez tanto sucesso que repetiremos a dose em novos shows em Miami, Nova York e Lisboa e também em outras cidades brasileiras.

Em junho, tive uma sensação completa de felicidade quando fizemos três shows para 150 000 pessoas no Allianz Parque, em São Paulo. Frequento o estádio desde criança com meu pai, que morreu justamente de um câncer na laringe, em 1985, e de repente, eu estava ali, acompanhado de toda a família, amigos e cantando novamente. Inesquecível.

Sempre achei que, pelo ritmo de vida que eu levava, nunca chegaria aos 61 anos. No entanto, estou aqui. Em 1998, quando estava com 36, fui diagnosticado com um aneurisma da aorta e tive que fazer uma cirurgia cardíaca de emergência. Aquilo foi um aviso claro de que tinha chegado a hora de mudar de vida, e definitivamente larguei o cigarro e me distanciei das drogas. Para o ano que vem, eu, Tony Bellotto e Sérgio Britto seguiremos com novos projetos com os Titãs e shows pelo Brasil. Tenho tocado violão, baixo e continuo vivendo da minha música. Comemoro todos os dias minha vida e minha nova voz. ■

Depoimento dado a Felipe Branco Cruz

SOB PRESSÃO

O chef Carmy
(Jeremy Allen White)
em *O Urso*: tudo
por uma estrela
no renomado
Guia Michelin



RECEITA EXPLOSIVA

Prestes a estrear sua segunda temporada no Brasil, a série *O Urso* mergulha ainda mais fundo na realidade da gastronomia, com brigas, choques de egos e tensões familiares **AMANDA CAPUANO**



CHUCK HODES/FX

MENU FEMININO As personagens Sydney e Natalie: luta contra a burocracia

da primeira temporada de *O Urso*, a reunião familiar nervosa conduz o episódio mais enérgico da segunda fase da produção — que chega ao Star+ na quarta-feira 23, ainda mais potente que a anterior.

Na nova leva de programas, *Carmy*, Natalie e a promissora Sydney (Ayo Edebiri) abraçam o ambicioso desafio de transformar a lanchonete falida legada a Carmy por Michael (o primogênito se suicidou) em restaurante renomado, capaz de conquistar uma cobiçada estrela do *Guia Michelin*. Embalada por brigas ferozes, muita burocracia e tensão acumulada equivalente a várias painéis de pressão prestes a explodir, a construção do *The Bear*, restaurante que dá nome à série, aprofunda o realismo notável da trama ao retratar o universo da cozinha, carregando com primor para a ficção um tema explorado exaustivamente em realities shows e programas culinários: a rotina quase nunca romântica (e sempre caótica) por trás do glamour da alta gastronomia.

Gênero adorado pelo público, os programas culinários se multiplicaram exponencialmente ao longo dos anos, com propostas diversas e ver-

sões em inúmeros países. Um dos pioneiros do gênero, o chef americano Anthony Bourdain (1956-2018) ganhou prestígio ao expor o lado indigesto (e por vezes até nojento) dos restaurantes esnobes no livro *Cozinha Confidencial* (2001), e depois estreitou programas votados a apresentar um olhar mais social para a alimentação. Na outra ponta da mesa, atrações como *Pesadelo na Cozinha*, popularizado pelo chef britânico Gordon Ramsay, e no Brasil apresentado pelo francês radicado no país Érick Jacquin, acompanham os chefs palpitando, nem sempre de maneira delicada, sobre a estrutura, a gestão e a comida de restaurantes em ascensão ou tidos como problemáticos, nos quais tudo dá errado. Isso, é claro, sem falar do *MasterChef* e suas variações internacionais que se arrastam por longas temporadas, vertendo em competição nas telas a dinâmica frenética das cozinhas profissionais, onde a exigência do cliente é desproporcional (e como) ao tempo disponível para o preparo dos pratos.

Se no universo da não ficção a gastronomia é estrela, nas tramas ficcionalizadas ela dificilmente é explorada

A cozinha dos Berzattos é o coração da família. De origem italiana, o clã se reúne na véspera de Natal para celebrar a Festa dos Sete Peixes, tradição do sul da Itália que se consolidou nos Estados Unidos com a chegada dos imigrantes. Entre painéis borbulhantes, gritos de comando e o tilintar do cronômetro, os irmãos Carmy (Jeremy Allen White), Natalie (Abby Elliott) e Michael (Jon Bernthal) pisam em ovos para lidar com a instabilidade da mãe, que conduz o banquete com mãos de ferro. Ambientada anos antes dos eventos

CHUCK HODES/FX



FAIRFAX MEDIA/BETTY IMAGES

OUTSIDER Anthony Bourdain: o chef americano ficou famoso por expor o lado indigesto (e nojento) da alta gastronomia

ostensivamente. No geral, o tema acaba romantizado, como na popular *Emily in Paris*, em que o personagem Gabriel é um francês bonitão que vai de chef comum a dono de restaurante chique de maneira meteórica, ou ganha retratos mais pitorescos em produções como *O Menu*, filme em que a gastronomia serve de pano de fundo para uma cruzada soturna em que parte dos clientes vira refeição.

O Urso, felizmente, não envereda pelos caminhos mais óbvios: ao longo da série, o espectador é imerso em um

ambiente de trabalho cheio de ansiedade, no qual o tique-taque do relógio é um inimigo “imparável” e a cozinha, um organismo vivo prestes a se incendiar em meio a uma profusão de comandos, ruídos repetitivos e sentimentos reprimidos. A nova temporada ainda introduz no caldeirão efervescente uma camada extensa de burocracia, revelando que gerir um restaurante vai além de viver à beira do burnout na cozinha — exige vistorias constantes, reformas e imprevistos que elevam a temperatura da mistura.

Tamanha imersão, é claro, só é possível graças a uma familiaridade com o dia a dia nas cozinhas. A trama de *O Urso* é do produtor americano Christopher Storer — que, antes de mergulhar na ficção, esteve à frente de uma série de produções sobre o universo culinário, incluindo documentários sobre os chefs americanos Thomas Keller e Roy Choi. Storer também é amigo de infância do cozinheiro Christopher Zucchero, cuja família é fundadora do Mr. Beef, restaurante de Chicago especializado em sanduíches de carne italiana que inspirou parcialmente a série. Sua irmã, Courtney Storer, também é chef profissional e faz as vezes de produtora culinária da série — é ela quem garante que os menus, as preparações e todo o processo que envolve o restaurante sejam mostrados de modo verossímil na tela. A trama culinária, no entanto, se revela ingrediente de algo maior: a luta dos Berzattos para lidar com o luto e superar a disfuncionalidade da própria família, que parece fadada ao fracasso. É uma receita explosiva — mas também deliciosa. ■



HULU

DURO NA QUEDA Gordon Ramsay (à dir.): carrasco dos realities de culinária



FORÇA BRUTA Os cangaceiros da nova série do streaming: conflitos de poder, dinheiro e família resolvidos à bala

FAROESTE SERTANEJO

Na violenta *Cangaço Novo*, da Amazon, o diretor Aly Muritiba transpõe o universo dos bandoleiros nordestinos para os dias atuais e traça um exame moral da corrupção pelo crime

NO MEIO DA CAATINGA cearense, uma fila se forma em frente ao banco em dia de pagamento. O marasmo dos assalariados, então, é perturbado pelo som de tiros e caminhonetes barulhentas que anunciam: bandidos do sertão chegaram para mais um assalto. O título do seriado *Cangaço Novo*, já disponível no Amazon Prime Video, não deixa dúvida do que se fala aqui: filmada na Paraíba por cinco meses e com elenco nordestino, a produção do cineasta Aly Muritiba em parceria com Fábio Mendonça traz uma visão atualizada sobre bandos criminosos como o do mítico Virgúlio Ferreira, o Lampião (1898-1938). Saem de cena, porém, os chapéus e cavalos típicos da imagem que se tem desse universo — o cangaço de agora é infinitamente mais violento, profissional e armado até os dentes.

O realismo de *Cangaço Novo* tem raízes bem conhecidas: volta e meia, afinal, o país acorda estarrecido com assaltos inacreditáveis em cidadezinhas do interior (não só do Nordeste), nas quais bandoleiros fazem a população de gato e sapato, com mortes e explosões. Após desconstruir o cenário árido do agreste no poético longa *Deserto Particular*, o baiano Muritiba agora quer transmitir a quem assiste à série a sensação de ser também “praticamente assaltado e feito refém”, afirmou ele a VEJA. A escala da produção é grande e a adrenalina corre solta. Na sequência impactante do assalto ao banco, o grupo criminoso deixa a cena em alta velocidade, como se *Mad Max* ocorresse no sertão cearense.

Para além das referências a Hollywood, é claro que o próprio cinema nacional e diversas produções da Globo já

desbravaram o cangaço na ficção. Desde ao menos *Deus e o Diabo na Terra do Sol* (1964), clássico do cinema novo de Glauber Rocha, esses retratos são por vezes romantizados e dramáticos, ou francamente fantasiosos e inofensivos — como é o caso da novela de sucesso *Cordel Encantado* (2011), com seu bando aparvalhado de cangaceiros.

Em *Cangaço Novo*, Muritiba não só adiciona violência ao caldeirão: ele investe no exame moral de anti-heróis que, na linha da americana *Breaking Bad*, são movidos a princípio por uma causa ou necessidade, mas se inebriam com o crime e tornam-se seus reféns. O protagonista Ubaldo (Allan Souza Lima) é um bancário que pena para financiar o tratamento de saúde do pai adotivo, até descobrir que teria direito a uma herança na cidade fictícia de Cratará. Ele parte para recuperar o que lhe pertence, mas lá descobre ser descendente de um famoso cangaceiro, entrando numa disputa de poder na família e no bando que adota. Num faroeste sertanejo, dramas assim se resolvem à bala. ■

Thiago Gelli



SANGUE LATINO

Aposta da DC Comics, *Besouro Azul* apresenta o primeiro super-herói mexicano do estúdio — e marca a surpreendente estreia de Bruna Marquezine em Hollywood **KELLY MIYASHIRO**

APÓS UM PERÍODO estudando fora, o descendente de imigrantes mexicanos Jaime Reyes (Xolo Maridueña) volta a Palmera City, cidade do Texas que foi dominada pela fabricante de armas de guerra Kord, e descobre que sua família batalhadora não só se envidou para que ele pudesse se formar em direito, como também está prestes a ser despejada da casa numa vila em que os seis parentes moraram a vida toda. Disposto a tudo para impedir que o clã vá para a rua, o jovem

cruza o caminho de Jenny Kord, herdeira da indústria, para pedir um emprego — mas acaba ganhando dela o serviço de guardar o Escaravelho, um artefato alienígena misterioso. Ao bisbilhotar o objeto, Jaime acaba dominado pelo besouro de metal, que entra em seu corpo e o transforma em um hospedeiro simbiótico que passa a protegê-lo, criando uma armadura indestrutível capaz de oferecer qualquer tipo de arma, de espadas afiadíssimas a metralhadoras. Assim nasce o per-

sonagem que dá título a *Besouro Azul*, superprodução da DC Comics já em cartaz no país, e que marca não somente a chegada do primeiro super-herói latino a um lançamento de luxo nos cinemas, como também o primeiro grande passo da brasileira Bruna Marquezine — intérprete da bem-intencionada Jenny — em Hollywood.

Com aceno explícito à América Latina e à colônia hispânica nos Estados Unidos, *Besouro Azul* traz referências diretas à cultura do continente, como a



HERÓI DA VEZ O Besouro Azul (Xolo Maridueña): o protagonista representa virada progressista no olhar da indústria sobre imigrantes

WARNER BROS. PICTURES

paixão por novelas mexicanas e até pelo universo da série *Chaves*. Além disso, o longa também representa uma virada importante no olhar da indústria do cinema sobre os latinos — que por anos foram retratados na ficção quase sempre em papéis subalternos ou como vilões, principalmente sob o estereótipo de traficantes de drogas.

Baseado na história em quadrinhos homônima, o filme coloca um mexicano como salvador da pátria que terá de impedir uma guerra civil projetada pela inescrupulosa Victoria Kord (Susan Sarandon), tia de Jenny que quer fortalecer o imperialismo americano. Quem tenta impedi-la é a sobrinha, filha de uma brasileira com Ted Kord, cientista que investigava o Escaravelho antes de desaparecer misteriosa-



ERIC CHARBONNEAU/WARNER BROS. PICTURES

GRIFE DO BRASIL Bruna Marquezine: salto de novelas da Globo a Hollywood

mente, e que tem papel importante. Com ideias politicamente corretas sobre os rumos da empresa, ela vira o interesse amoroso de Jaime e aliada crucial. A narrativa pontua a frieza dos americanos, em contraposição aos calorosos latinos. Enquanto o protagonista tem uma família unida, a mocinha é solitária desde a morte da mãe e o sumiço do pai. É na família Reyes que ela encontra afeto. “Tive a sorte de o meu primeiro projeto lá fora ser feito para a comunidade latina e produzido por latinos. Me senti em casa”, relatou Bruna, no ano passado.

Lançada na TV aos 5 anos em programas infantis da Globo e alçada a estrela nacional com a Salete da novela *Mulheres Apaixonadas* (2003), a atriz de 28 anos dá, inegavelmente, um salto na carreira ao dividir o protagonismo de uma produção da DC. Se outros brasileiros precisaram galgar pontas menores para serem notados, como Ro-

drigo Santoro em *As Panteras Detonando* (2003) — seu personagem nem falas tinha —, Bruna encurtou caminhos aparentemente por falar inglês de forma fluente, graças à formação em uma escola americana no Rio e à preparação no exterior. Conquistou o papel em *Besouro Azul* após perder a vaga de Supergirl no filme *The Flash* para a americana Sasha Calle. Ironicamente, o filme de Ezra Muller fracassou nas bilheteria, e *Besouro Azul* tem a chance (a conferir) de ser o maior lançamento de super-heróis de 2023.

A festa da atriz — que ficou marcada por ter namorado Neymar — só foi ofuscada pela greve dos atores de Hollywood, que a impediu de promover o filme nas maratonas rotineiras da indústria. Mas ela pode voltar à vitrine global caso uma série produzida por Keanu Reeves saia da gaveta da Netflix. No que depender de *Besouro Azul*, o sangue latino veio para ficar. ■



FORÇA PRIMAL A cena com tipos meio humanos, meio animais de *Figuras* (1990): a expressão máxima da simplicidade

LEGADO COLORIDO

Mostra em São Paulo celebra a obra figurativa do brasileiro Ivald Granato — e prova que, para além de agitador performático e amigo de famosos, ele foi um grande pintor **MARCELO MARTHE**

NUM CASTELO no sul da Alemanha, em meados dos anos 1980, o brasileiro Ivald Granato (1949-2016) fez muita arte — em mais de um sentido. A residência de 500 cômodos do século XVIII era, então, ponto de badalção da elite europeia: sua dona, a princesa Glória von Thurn und Taxis, pa-

trocinava a moda e a vanguarda das artes — além de altas baladas. Entusiasta da obra de Granato, ela cedeu um ateliê para o artista plástico produzir suas pinturas. O resultado foi um momento de explosão criativa que define de forma lapidar sua trajetória. Figuraça com alma de roqueiro e de

agitador cultural, ele se sentia em casa no mundo mágico da princesa. O castelo acabou se provando uma bela fonte de inspiração: ali ele elaborou um vibrante conjunto de telas, algumas das quais podem ser vistas na mostra *Seres*, em cartaz a partir de sábado 19, na Dan Galeria, em São Paulo.

A exposição numa galeria privada marca a volta triunfal ao mercado de arte, sete anos após sua morte, de um criador que sintetiza as batalhas e inquietações da cultura nacional nas últimas décadas. Nascido em Campos de Goytacazes, interior fluminense, Granato desde jovem se destacou pela atuação ruidosa no eixo Rio-São Paulo. Foi um dos tradutores da arte pop dos anos 1960 para a realidade brasileira. Na década seguinte, esteve na ponta de lança das pirações da contracultura e do tropicalismo — notadamente, ao promover e estrear eventos da arte performática, como a notória *Mitos Vadios* (1978), um protesto contra os ditames de uma bienal latino-americana. Diante de um arco de interesses tão amplo, que ia da atuação à escrita e à dança, a nova mostra funciona como um lembrete do essencial: Granato foi, antes de tudo, um pintor vigoroso e inovador.

Embora a pintura o tenha acompanhado desde sempre, foi a partir dos anos 1980 que Granato consolidou suas marcas inconfundíveis: uma profusão de cenas pinceladas com celeridade, em que o uso incendiário das cores se funde às formas de personagens sem rosto — mas plenos de expressividade. “São figuras que incorporam trejeitos comuns, também presentes na personalidade expansiva do artista, possíveis autorretratos multifacetados”, explica no catálogo o curador Daniel Rangel. Num momento em que a arte figurativa está em alta (inclusive comercialmente), impulsionada pelas bandeiras identitárias, é fabuloso notar como Granato já fazia isso com maestria e incrível modernidade décadas atrás.

No castelo da princesa alemã ou em seu movimentado ateliê no bairro de Pinheiros, em São Paulo, Granato valeu-se de uma ferramenta fundamental para atingir a maturidade como pintor: a pesquisa inabalável com as tonalidades dos pigmentos. Ao ver



ACERVO IVALD GRANATO

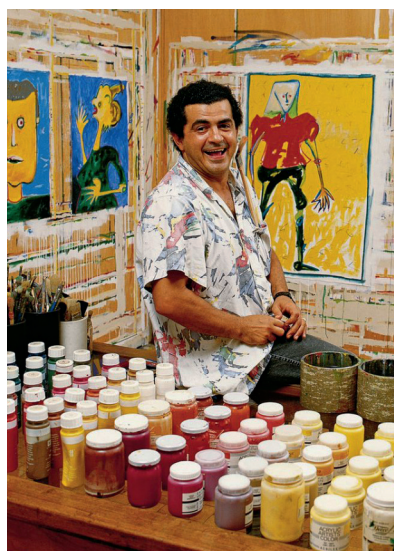


IRREVERÊNCIA Obras *Sem Título* e *Prince 3*: pinceladas com energia roqueira

suas imagens de figuras antropomórficas ou humanas em atitudes diversas (até mesmo fazendo amor), o espectador é impactado por uma energia intuitiva e primal. Desavisados podem achar seus traços, por vezes, pueris — mas, como o próprio gostava

de apontar, lidar com cores não é para principiantes. Ser simples, na pintura, é ciência complexa.

Granato não só dominava essa arte, como a exercia em notável velocidade. O esforço dos herdeiros para conservar e manter viva a obra desse artista prolífico e de tantas facetas exemplifica os desafios para eternizar, na era dos cliques descerebrados nas redes sociais, o legado dos grandes nomes da produção contemporânea nacional. Em paralelo à mostra, foi concluída recentemente em São Paulo a criação de uma reserva técnica, espaço onde cerca de 10 000 itens, dos quais 3 000 são pinturas, têm armazenamento adequado e passam por mapeamento histórico e catalogação digital. Um trabalho importante para que museus, acadêmicos e colecionadores tenham referências confiáveis sobre o artista. “Esses registros não são só do meu pai, mas de toda a geração dele”, diz sua filha, a jornalista Alice Granato. Um legado colorido não se apaga. ■



ACERVO IVALD GRANATO

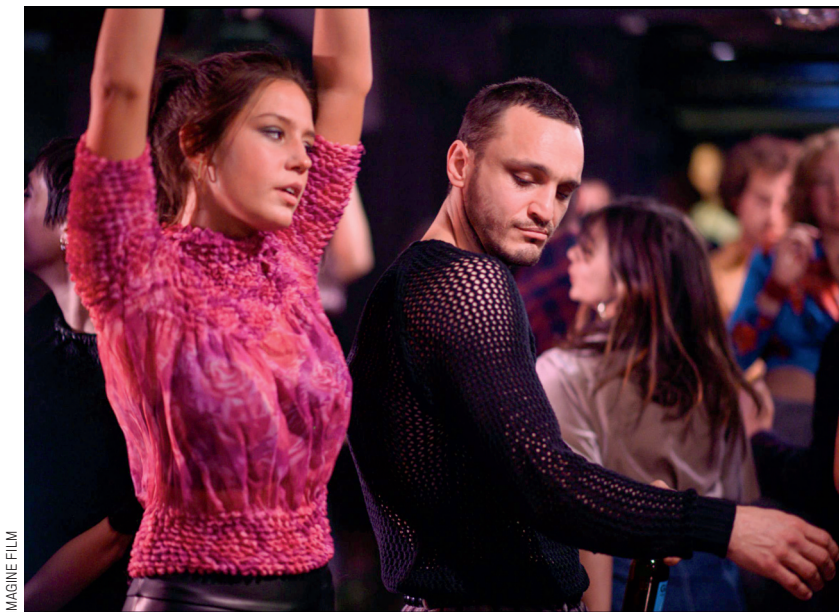
PROLÍFICO Granato em seu ateliê: as cores não são para principiantes



CINEMA

PASSAGENS (*Passages*, França; 2023. Em cartaz)

O cineasta Ira Sachs cavou seu lugar no cinema americano ao retratar a vida a dois em filmes como *O Amor É Estranho* (2014). Agora atuando na Europa, seu novo fascínio são os trios. Vide *Passagens*, indicado ao Urso de Ouro de melhor filme em Berlim — no qual o diretor Tomas (Franz Rogowski) vive um casamento gay com Martin (Ben Whishaw), mas descobre uma paixão pela professora Agathe (Adèle Exarchopoulos). Esse triângulo amoroso moderno — que recebeu a classificação indicativa máxima nos Estados Unidos pelas cenas picantes — é uma sátira ácida à monogamia e ao narcisismo, que enerva e faz rir com suas atuações realistas.



IMAGINE FILM

DRAMA PICANTE *Passagens*: uma sátira ácida à monogamia e ao narcisismo

TELEVISÃO

STAR WARS: AHSOKA

(estreia na quarta-feira 23, no Disney+)

Antes de se render ao lado sombrio da Força, Darth Vader — temido vilão de *Star Wars* — era Anakin Skywalker, um Jedi promissor, mas inconsequente. Anakin foi incumbido do treinamento de Ahsoka Tano, jovem impetuosa que incomodou ambos os lados do conflito: ela foi expulsa da Ordem Jedi e, com a ascensão do Império Galáctico, se revelou uma ferrenha opositora das forças do mal. Introduzida no universo de George Lucas na animação *Guerras Clônicas*, de 2008, Ahsoka caiu no gosto dos fãs — e se tornou candidata ideal para expandir o popular e rentável universo da saga. Com Rosario Dawson no protagonismo, o novo spin-off da franquia se passa no mesmo período da série *O Mandaloriano* e tem a missão de atrair o público feminino com ajuda de seu amplo elenco de mulheres poderosas.

DESTEMIDA Rosario Dawson como Ahsoka: popular em animação, a Jedi agora ganha série em live action



DISCO

JONI MITCHELL AT NEWPORT (LIVE), de Joni Mitchell (disponível nas plataformas de streaming)

Foi com incredulidade que o público recebeu Joni Mitchell, a lendária cantora de folk-rock, aos 78 anos, em um show-surpresa no Newport Folk Festival, em julho do ano passado. Enfrentando inúmeros problemas de saúde (como um aneurisma cerebral em 2015), Mitchell surgiu radiante e feliz em seu primeiro show em 22 anos. A despeito da saúde, sua voz continua afinada e suave. O set só de clássicos, como *Big Yellow Taxi*, *Summertime* e *The Circle Game*, teve participação de feras como Brandi Carlile e Marcus Mumford. ■

OS MAIS VENDIDOS

FICÇÃO

- 1 A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE**
Matt Haig [1 | 51#] BERTRAND BRASIL
- 2 É ASSIM QUE ACABA**
Colleen Hoover [2 | 103#] GALERA RECORD
- 3 É ASSIM QUE COMEÇA**
Colleen Hoover [3 | 41] GALERA RECORD
- 4 TUDO É RIO**
Carla Madeira [4 | 49#] RECORD
- 5 VERITY**
Colleen Hoover [5 | 69#] GALERA RECORD
- 6 IMPERFEITOS**
Christina Lauren [0 | 2#] FARO EDITORIAL
- 7 TEXTOS PARA TOCAR CICATRIZES**
Igor Pires [0 | 1] ALT
- 8 ONDE ESTÃO AS FLORES?**
Ilko Minev [0 | 14#] BUZZ
- 9 TODAS AS SUAS IMPERFEIÇÕES**
Colleen Hoover [10 | 67#] GALERA RECORD
- 10 A GAROTA DO LAGO**
Charlie Donlea [0 | 162#] FARO EDITORIAL



AUTOAJUDA E ESOTERISMO

- 1 CAFÉ COM DEUS PAI: PORÇÕES DIÁRIAS DE RENOVAÇÃO**
Júnior Rostitola [2 | 31#] VIDA
- 2 COMO FAZER AMIGOS & INFLUENCIAR PESSOAS**
Dale Carnegie [5 | 97#] SEXTANTE
- 3 O HOMEM MAIS RICO DA BABILÔNIA**
George S. Clason [6 | 137#] HARPERCOLLINS BRASIL
- 4 PAIS FERIDOS, FILHOS SOBREVIVENTES**
Maya Eigenmann [0 | 1] ASTRAL CULTURAL
- 5 LIBERDADE NA ALMA E DINHEIRO NA CONTA**
Valeska D'Ángelo [0 | 1] GENTE
- 6 CHEGA DE SER EMPRESIDIÁRIO**
André Meneses [0 | 1] BUZZ
- 7 AMORIZAÇÃO**
Padre Marcelo Rossi [0 | 1] PLANETA
- 8 MAIS ESPERTO QUE O DIABO**
Napoleon Hill [4 | 219#] CITADEL
- 9 OS SEGREDOS DA MENTE MILIONÁRIA**
T. Harv Eker [3 | 429#] SEXTANTE
- 10 HÁBITOS ATÔMICOS**
James Clear [7 | 19#] ALTA BOOKS



NÃO FICÇÃO

- 1 NAÇÃO DOPAMINA**
Anna Lembke [2 | 9#] VESTÍGIO
- 2 TRINTA SEGUNDOS SEM PENSAR NO MEDO**
Pedro Pacifico [0 | 1] INTRINSECA
- 3 DA SILVA: A GRANDE FAKE NEWS DA ESQUERDA**
Pavinatto [0 | 1] EDIÇÕES 70
- 4 SAPIENS: UMA BREVE HISTÓRIA DA HUMANIDADE**
Yuval Noah Harari [6 | 335#] L&P/COMPANHIA DAS LETRAS
- 5 MULHERES QUE CORREM COM OS LOBOS**
Clarissa Pinkola Estés [0 | 164#] ROCCO
- 6 RITA LEE: OUTRA AUTOBIOGRAFIA**
Rita Lee [4 | 12] GLOBO LIVROS
- 7 O REI DOS DIVIDENDOS**
Luiz Barsi Filho [7 | 9#] SEXTANTE
- 8 EM BUSCA DE MIM**
Viola Davis [3 | 51#] BEST SELLER
- 9 OPPENHEIMER**
Kai Bird e Martin J. Sherwin [10 | 2] INTRINSECA
- 10 BOX BIBLIOTECA ESTOICA: GRANDES MESTRES**
Vários autores [8 | 7#] CAMELOT EDITORA



INFANTOJUVENIL

- 1 VERMELHO, BRANCO E SANGUE AZUL**
Casey McQuiston [5 | 106#] SEGUINTE
- 2 O PEQUENO PRÍNCIPE**
Antoine de Saint-Exupéry [2 | 383#] VÁRIAS EDITORAS
- 3 HARRY POTTER E A PEDRA FILOSOFAL**
J.K. Rowling [7 | 398#] ROCCO
- 4 ATÉ O VERÃO TERMINAR**
Colleen Hoover [3 | 76#] GALERA RECORD
- 5 O VERÃO QUE MUDOU MINHA VIDA**
Jenny Han [8 | 10#] INTRINSECA
- 6 ARISTÓTELES E DANTE DESCOBREM OS SEGREDOS DO UNIVERSO**
Benjamin Alire Sáenz [0 | 13#] SEGUINTE
- 7 O MEU PÉ DE LARANJA LIMA**
José Mauro de Vasconcelos [0 | 6#] MELHORAMENTOS
- 8 AS CRÔNICAS DE NÁRNA: O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA**
C.S. Lewis [6 | 6#] HARPERCOLLINS
- 9 MENTIROSO**
E. Lockhart [0 | 41#] SEGUINTE
- 10 DIÁRIO DE UM BANANA**
Jeff Kinney [0 | 12#] VR



Pesquisa: BookInfo / Fontes: Aracaju: Escariz, Saraiva, Balmário Cambariti: Curitiba, Barra Bonita: Real Peruibe, Barueri: Saraiva, Belém: Letitura, Saraiva, SBS, Belo Horizonte: Disal, Letitura, SBS, Vozes, Bento Gonçalves: Santos, Betim: Letitura, Blumenau: Curitiba, Brasília: Disal, Letitura, Livraria da Vila, Saraiva, SBS, Cabelo: Letitura, Cachoeirinha: Santos, Campinas Grande: Letitura, Campinas: Disal, Letitura, Livraria da Vila, Loyola, Saber e Ler, Senhor Livreiro, Vozes, Campo Grande: Letitura, Saraiva, Campos dos Goytacazes: Letitura, Canoas: Santos, Capão da Canoa: Santos, Caruaru: Letitura, Cascavel: A Página, Caxias do Sul: Saraiva, Colombo: A Página, Curitiba: Letitura, Curitiba: Prime, Um Livro, Criolândia: Curitiba, Curitiba: Letitura, Curitiba: A Página, Curitiba: Disal, Evangelizar, Livraria da Vila, SBS, Vozes, Florianópolis: Curitiba, Livrarias Catarinense, Saraiva, Fortaleza: Evangelizar, Letitura, Saraiva, Vozes, Foz de Iguaçu: A Página, Kunda Livraria Universitária, Franco: Saraiva, Frederico Westphalen: Vitrola, Goiânia: Letitura, Palavrear, Saraiva, SBS, Governador Valadares: Letitura, Gramado: Maria de Ler, Guatubá: Santos, Guarapuava: A Página, Guarulhos: Disal, Livraria da Vila, Letitura, SBS, Iguatinga: Letitura, Itajaí: Curitiba, Jai: Casa Vamos Ler, João Pessoa: Letitura, Saraiva, Joinville: A Página, Curitiba, Jui de Fora: Letitura, Saraiva, Vozes, Jundiaí: Letitura, Saraiva, Limeira: Livruz, Lins: Kolnionia Livros, Londrina: A Página, Curitiba, Livraria da Vila, Macapá: Letitura, Macaé: Letitura, Livro Presente, Saraiva, Mogi das Cruzes: Letitura, Saraiva, Natal: Letitura, Saraiva, Niterói: Blooks, Saraiva, Nova Iguaçu: Saraiva, Palmas: Letitura, Paranaguá: A Página, Pelotas: Vanguarda, Petrópolis: Vozes, Olinda: Saraiva, Osasco: Saraiva, Popo de Caldas: Livruz, Ponta Grossa: Curitiba, Porto Alegre: A Página, Cameron, Cultura, Disal, Letitura, Santos, Saraiva, SBS, Porto Velho: Letitura, Recife: Disal, Letitura, Saraiva, SBS, Umuarama: A Página, Livraria da Vila, Saraiva, Rio Claro: Letitura, Rio de Janeiro: Blooks, Disal, Janela, Letitura, Saraiva, SBS, Rio Grande: Vanguarda, Salvador: Disal, Escariz, LDM, Letitura, Saraiva, SBS, Santa Maria: Santos, Santana de Parnaíba: Letitura, Santo André: Disal, Letitura, Saraiva, Santos: Loyola, Saraiva, São Bernardo do Campo: Letitura, São Caetano do Sul: Disal, Livraria da Vila, São João de Meriti: Letitura, São José: A Página, Curitiba, São José do Rio Preto: Letitura, Saraiva, São José dos Campos: Curitiba, Letitura, São José dos Pinhais: Curitiba, São Luís: Letitura, São Paulo: A Página, B307 Livraria, Circulo, Cult Café Livro Música, Cultura, Curitiba, Disal, Dois Pontos, Drummond, HiperLivros, Letitura, Livraria da Tarde, Livraria da Vila, Loyola, Megafauna, Nobel Brooklyn, Saraiva, SBS, Vida Livraria, Vozes, WMF Martins Fontes, Serra: Letitura, São Leopoldo: Letitura, Sorocaba: Letitura, Taboão da Serra: Curitiba, Taguatinga: Letitura, Taubaté: Letitura, Teresina: Letitura, Uberlândia: Letitura, Saraiva, SBS, Umuarama: A Página, Vila Velha: Letitura, Saraiva, Vitória: Letitura, SBS, Vitória da Conquista: LDM, Votorantim: Saraiva, Internet: A Página, Amazon, Americanas.com, Authentic E-commerce, Boa Viagem E-commerce, Bonilha Books, Cultura, Curitiba, Letitura, LT2 Shop, Magazine Luiza, Saraiva, Shoptime, Submarino, Vanguarda, WMF Martins Fontes

[A] [B] – A] posição do livro na semana anterior B] há quantas semanas o livro aparece na lista #] semanas não consecutivas



BOLSONARO NO LAÇO

FLÁVIO DINO, ministro da Justiça, pôs no horizonte a possibilidade de prisão de Jair Bolsonaro por fraude, apropriação e desvio de bens públicos, no caso das joias das arábias: “É evidente que essa responsabilidade se acha relacionada com o próprio expresidente. Não é crível que haja esse comércio inusitado de bens, com circulação de valores, e não houvesse algum tipo de ciência (*dele*). Eu diria que indícios múltiplos, consistentes, conduzem neste momento a um delineamento progressivo de uma responsabilidade que vai além dos assessores, por motivos lógicos”.

Prisão preventiva? As condições básicas “já existem”, acha o ministro que, em 2006, trocou a carreira de dois anos como juiz federal, com estadia no comando da Secretaria-Geral do Conselho Nacional de Justiça, pelo mandato de deputado federal — na sequência, elegeu-se governador e, ano passado, senador pelo PSB do Maranhão.

Dino vê Bolsonaro enlaçado nos “indícios de autoria” e na “materialidade de um crime”, como já reportou a polícia ao Supremo Tribunal Federal. Mas, por enquanto, considera prisão apenas uma hipótese: “Há outros requisitos”, ressaltou aos repórteres Fabíola Cidral, Juliana Dal Piva e Leonardo Sakamoto.

O principal é a centralidade política do Judiciário, em especial do Supremo, cujas táticas e estratégias, métodos e técnicas completaram uma década na vitrine — expostos nos processos do mensalão e do petróleo de Lula, e, agora, nos inquéritos de fraudes, de tentativa de golpe, de peculato e lavagem de dinheiro com as joias das arábias de Bolsonaro.

Entre juízes do STF há quem defenda ter chegado a hora de uma autocontenção, sugerindo uma transição sutil do ciclo de imposição do poder para o da coação pelo exercício da autoridade. Há controvérsia, como indica o juiz Alexandre de Moraes em sucessivas decisões nos inquéritos sobre Bolsonaro e aliados. Para ele, ainda é necessária a autoproteção institucional com uso “de todos os mecanismos constitucionais previstos”, até porque a Constituição não permite que seja usada sem limites para minar ou romper com o regime democrático.

“A prisão já é debatida, mas vai depender da disposição do STF”

Do outro lado da Praça dos Três Poderes, o Congresso tenta encontrar o rumo na liquefação institucional. Bolsonaro está inelegível, mas permanece como sujeito oculto nos plenários da Câmara e do Senado. Paradoxalmente, influi na dissolução da credibilidade legislativa, como se vê nas cenas cotidianas de teatro do absurdo protagonizadas por radicais da oposição e do governo na CPMI do Golpe — parte da bancada bolsonarista é composta de homens que, por razões insondáveis, fazem questão de registrar nas sessões públicas da comissão o seu desgosto por mulheres, principalmente as parlamentares.

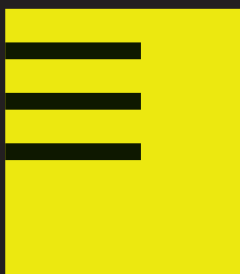
Nesse inquérito legislativo, em meio à gritaria que libera ansiedades, começou-se a jogar luz sobre o lado menos conhecido do enredo de Bolsonaro — a identificação dos empresários que se encantaram e resolveram apostar dinheiro na trama golpista. Nos últimos dias foram quebrados os sigilos fiscal, bancário e de comunicações de meia centena de produtores rurais, industriais, comerciantes, empreiteiros, mineradores, transportadores e suas empresas, cujos negócios se estendem por uma dúzia de estados, de Norte a Sul.

O objetivo é mapear a rota de financiamento da rede de propaganda eletrônica, comícios e acampamentos nas portas dos quartéis. E, também, esclarecer situações esquisitas.

Uma delas é a concessão de crédito (mais de 100 milhões de reais) em banco público, durante a campanha eleitoral do ano passado, para um grupo empresarial que estava impedido por dívidas pendentes (mais de 200 milhões de reais) com a União. Parte do dinheiro foi usada na compra de uma frota de caminhões que os órgãos de segurança dizem ter sido deslocada para Brasília em apoio às invasões do Congresso, do STF e do Palácio do Planalto, no dia 8 de janeiro.

Outra esquisitice é a despesa milionária (23 milhões de reais) da Polícia Rodoviária Federal com uma revendedora de equipamentos para espionagem, rastreamento telefônico e monitoramento de redes sociais. Esse caso chamou a atenção da comissão parlamentar porque a Polícia Rodoviária não possui competência legal para realizar investigações como a Polícia Judiciária.

O enredo de Bolsonaro e aliados vai sendo desvelado em múltiplas investigações. Ressalvada a hipótese de um milagre, o ex-presidente deverá gastar os próximos anos se defendendo em todas as instâncias do Judiciário. ■



CURSO VEJA DE JORNALISMO AVANÇADO

Vá além da teoria e torne-se especialista em temas importantes para o jornalismo atual

INSCRIÇÕES ABERTAS

Sustentabilidade e Sistemas Agroalimentares para Jornalistas

O curso abordará de forma abrangente os principais desafios e impactos ambientais e sociais dos sistemas agroalimentares brasileiros, bem como sua posição em relação ao cenário global.

INÍCIO DAS AULAS EM 16 DE SETEMBRO DE 2023

APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA
O QR CODE AO LADO E **INSCREVA-SE**



PATROCÍNIO



PARCERIA

instituto
veja + Insper



O BTG potencializa a sua trajetória.

Seus sonhos são nossa prioridade.

No mundo digital ou fora dele,
o BTG Pactual é o parceiro ideal
para potencializar a sua trajetória.
Tenha a excelência e a solidez
do melhor Banco do país* para
otimizar a sua vida financeira
e o seu negócio.

Mica Rocha
Empresária, Influencer e Cliente BTG

*Eleito Best Bank in Brazil pela Global Finance.



Abra sua
conta.

Dê um BTG na sua vida.
btgpactual.com

